

A shirtless man with dark, wavy hair and a light beard is shown in profile, looking out a window. He is holding the edge of a white, sheer curtain with his right hand. The background is a bright, out-of-focus view of a city skyline through the window. The lighting is soft and natural, coming from the window.

new
VIZINHO
INDISCRETO

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI



A shirtless man with dark hair and a light beard is shown in profile, looking out a window. The window has sheer, light-colored curtains. The lighting is soft and warm, suggesting a sunset or sunrise. The man's hand is visible near the bottom right, holding onto the curtain.

new
VIZINHO
INDISCRETO

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI

Luísa Aranha e Mari Monni

Meu vizinho indiscreto

2018

Copyright © 2017 Luísa Aranha e Mari Monni

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras. Registros de Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional. Dúvidas e autorizações: www.causoseprosas.com.br.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é mera coincidência.

Capa: Débora de Mello

Revisão de Texto: Andréia Evaristo

Diagramação: Luísa Aranha

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

*Para todas aquelas que não têm medo de deixar a janela
aberta para o amor entrar.*



Sabe aquela boa e velha história de matar um leão por dia? Acho que evoluí de assassino para *serial killer*. Às vezes, a carga é mais difícil do que a gente pode carregar, mas nunca fui do tipo que desiste fácil. Não será agora que começarei a deixar as coisas de lado sempre que aparece um obstáculo em meu caminho.

O último problema que enfrentei foi no trabalho. Meu chefe, um babaca misógino de quinta categoria, está tentando acobertar seus erros transferindo a responsabilidade para os seus funcionários. Como eu sou o mais novo sob a chefia dele, acabei me tornando seu bode expiatório. Se eu pudesse, contava tudo que eu sei. O problema é que ele é um dos grandes nomes da arquitetura na cidade — e eu, um recém-formado desfrutando da felicidade de ter meu primeiro emprego de carteira assinada. Ou seja, ele me ameaçou — bem assim, na cara dura —, dizendo que eu se eu contasse alguma coisa, ele não só iria me demitir, mas também me colocar na lista negra. Olha que beleza?!

Chegar em casa após um dia estressante de trabalho pode ser tudo que um homem de vinte e três anos quer. Isso se a dita casa for um lugar minimamente habitável. Apesar de eu viver aqui há pelo menos dois anos, ela ainda se encontra quase sem mobília. Comida, então... Só um pão de forma e margarina. Miojo é fonte de vida. E só tenho uma panela. Afinal, a maioria das minhas refeições é feita na rua. Não sei o que seria de mim se não fosse a carrocinha de cachorro-quente e x-búrguer que fica na esquina.

A única coisa boa em meu apartamento de trinta e cinco metros quadrados é a minha sala. Inclusive, é a única peça mobiliada. Juntei dinheiro por vários meses, mas enfim consegui comprar o que eu queria. Tenho uma televisão de quarenta polegadas, um Play Station e um sofá de couro preto — que eu achei legal quando comprei, mas descobri que é uma merda, porque minha bunda sempre fica suada.

Meu quarto se resume a um colchão, uma cômoda e um cabideiro, onde penduro minhas camisas sociais. Ah, tem um abajur no chão, ao lado do colchão. E é isso. Nenhum conforto ou nada muito chique, mas é meu. Cada canto dessa espelunca é meu, e isso já me enche de orgulho.

Cresci com nada. Sério, pensa em uma família pobre: era a minha. Só que eu fiz tudo que eu podia para deixar aquela vida pra trás. Hoje estou aqui, na cidade grande, com um emprego em uma multinacional (tudo bem que acabei de entrar e

sou apenas um cargo júnior e com um salário ainda não muito atraente) e formado em Arquitetura pela melhor universidade do país. Viu, destino?! Se fodeu. Eu dei a volta por cima. Quando a vida lhe dá limão, faça caipirinha, fique bêbado e se divirta mesmo assim. Foi o que fiz.

Finalmente, a sexta-feira chegou. Depois dessa semana de merda que tive, nada como aproveitar o aconchego do meu lar. Sentiu o sarcasmo?

Abro a porta e sou saudado por Tamarindo, meu gato estranho e completamente vesgo. Ele se esfrega nos meus pés, feliz pelo meu retorno. Abaixo e o pego no colo. Seu pelo escuro é um pouco comprido e muito macio. Quando criança, sempre pensei que fosse mais do tipo que curte cachorros, mas a maturidade de um homem de vinte e três anos provou que sou mais um “*cat person*” — e, se a minha solteirice continuar, serei conhecido como o “tio dos gatos”. Boa.

Ainda com Tamarindo em meu colo, vou para a cozinha preparar o meu jantar: torradas com margarina. Coloco duas fatias na torradeira e vou para o meu quarto. Aproveito os três minutos que tenho até que elas pulem e entro no banho. Gelado, claro. Afinal, meu chuveiro elétrico pifou no mês passado e eu esqueci de comprar outro. Pra minha sorte, estamos no verão.

Após um banho rápido, porém eficiente, volto para cozinha e encontro as torradas já prontas. Coloco mais duas na torradeira, enquanto devoro as que estão no prato.

Quando termino a ceia farta, vou para a sala tentar caçar algum filme minimamente decente na televisão. Ligo o ventilador de teto, que quase não consegue amenizar o calor, e sento no meu sofá, que é uma merda. Como estou apenas de cueca *boxer*, a parte de trás das minhas coxas começam a suar. Enquanto uns acham que sofá de couro é luxo, outros aprendem que luxo é não ter a bunda suada o tempo todo.

Estou trocando de canal quando percebo um movimento no apartamento que dá de frente para o meu. Alguns vários metros nos separam, mas, pela primeira vez, percebo que há alguém por lá. Nos últimos meses, ele esteve vazio, com uma placa de “ALUGO” presa na janela. Mas hoje, as luzes estão acesas.

— Pelo visto alguém se mudou, Tamarindo. — Como esperado, ele não me responde.

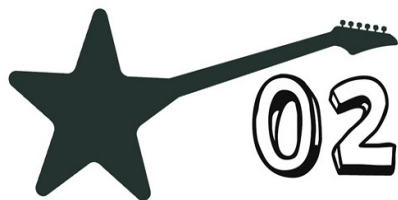
Mudo meu foco da TV para o apartamento. Quero saber quem será meu vizinho de frente.

É quando a vejo.

Caralho, ela é perfeita. Ou pelo menos parece. Não posso ter certeza, já que não consigo vê-la nitidamente. Não sei como é seu rosto, mas ela é alta, tem a pele clara e os cabelos coloridos são longos e caem como uma cascata por suas costas. Seu corpo é maravilhoso. Bunda grande e peitos empinados. Sabe como

eu sei disso?

Ela está completamente nua.



Se alguém tivesse me avisado que morar sozinha dava tanto trabalho, eu juro que não teria passado os últimos três anos da minha vida juntando todo mísero trocado que eu ganhei pra poder alugar um apê e mobiliar. Mas, desde os quinze, quando parei de falar com meu padrasto, eu jurei pra mim mesma que sairia daquele lugar. Quando começou a dar certo essa história de cantar em bar, eu tive certeza que iria conseguir.

Agora aqui estou eu. Feliz da vida, completamente pelada, no meio de um apartamento quarto e sala, tentando achar a caixa onde estão minhas roupas de ficar em casa pra poder vestir alguma coisa. Mas também se eu não achar, foda-se! Agora eu moro sozinha. Posso ficar pelada o quanto eu quiser.

Minha mãe não curtiu muito a ideia. Afinal, sou filha única, ainda não fiz 20 — apesar de que faltam apenas dois meses — e não estou fazendo a faculdade de Direito que ela tanto sonhou. Mas fala sério! Que mina de 20 anos consegue, hoje em dia, se bancar sozinha? E vivendo da música? Eu! Euzinha! Eu sou foda!

Consegui, com o meu próprio dinheiro, dar calção pro apartamento, comprar toda a mobília perfeita na Tok&Stok, montar o apartamento com cara de capa de revista e super confortável e ainda com uma cama *king size*, daquelas *box* cheias de frescura. Ok. Só cabe a cama no quarto e mal dá pra abrir a porta do guarda roupa, mas eu vou dormir super bem. No final, é isso que importa.

Reviro uma caixa, outra e nada das roupas. A próxima vez que eu me mudar, preciso colocar no lado de fora o que cada caixa tem. Anotação mental para a vida. Assim eu não precisarei abrir mil caixas de cds, partituras e cacarecos para simplesmente descobrir onde estão as roupas. Pior é que está ficando frio e tem um vento bacana e meio geladinho entrando pela janela. Vantagem de se morar nesses prédios gigantes. Pelo menos venta, ao contrário das casas de bairro sufocadas por todos os monstregos.

Eu me aproximo da janela pra baixar os vidros e, no prédio à frente, que deve ser a uma distância considerável, tem um cara parado em sua janela. Se eu fosse uma dessas doidas neuróticas, eu juraria que ele está me observando. Pior: se tocando. Mas, cara, mal dá pra enxergar nessa distância. E eu não sou neurótica, nem um pouco — até sou de boa demais.

Abaixo o vidro, cortando o ventinho frio, e dou uma rebolada proposital. Se o

cara estiver realmente me olhando, que pelo menos ele termine o serviço com uma bela cena. E não é que a caixa de roupas está bem aqui? Abaixo, acho um camiseta, dos meus bem velhos e preferidos, com a capa do *In Utero*, do Nirvana, na frente, e volto a observar.

Até que o vizinho *voyeur* parece bem gostosinho. Nada de mais ou exagerado. Sabe aqueles caras altos, com ombros largos, cintura fina e que adoram uma calça velha de moleton? Então. Pelo que dá pra enxergar, é ele. Se eu tivesse anotado onde estão as coisas, eu até poderia ver melhor. Mas, nessa bagunça e no cansaço que eu estou, impossível achar meus binóculos. Por que eu tenho um binóculo? Boa pergunta. Em algum momento da minha vida, eu queria ser detetive particular e pedi um para minha mãe. Mas, no fim, eu só usava para observar, à distância, o menino gato da rua. Agora ele serviria bem pra não criar expectativas frustrantes com o carinho da janela.

Vou até a cozinha, preparo um sanduíche, pego um copo de suco e volto pra janela. A sensação que tenho é que ele continua lá, parado, me observando. Ele tem algo no colo, talvez um cachorro? Se for, mais um ponto. Agora, se for um gato, é frustrante.

Sento para comer em cima de umas caixas e continuo observando. O cara parece que não se move do lugar. Ou ele está realmente me olhando ou tem problemas mentais. Porque — fala sério?! — quem fica tanto tempo olhando para uma janela que só dá para prédios? A janela dele só tem vista pro meu prédio, assim como a minha só tem vista pro prédio dele. É o que meu dinheiro é capaz de pagar. Nada de reclamar, Micaela. Pelo menos é a sua casa, seu canto, e agora ninguém vai ficar reclamando que você chegou de novo às sete da manhã de mais um *show*. Fazer o quê? Foi a vida que escolhi.

Olho no relógio e dou um pulo. Enquanto eu observava o louco da janela, esqueci completamente do *show*. Hora de morfar. Mais uma noite em claro cantando muito, bebendo e me divertindo. E ganhando dinheiro pra isso. Quer coisa melhor?

Corro por quarto: maquiagem, cabelo, roupa... Sapato plataforma. As únicas coisas que deixei realmente organizadas, afinal dependo delas pra pagar essa vida de morar sozinha. Aquela olhada básica no espelho e estou gata. Preto sempre cai bem, ainda mais quando é vestido curto com meia arrastão. Os olhos carregados de delineador estilo gatinho, lentes de contato brancas, batom bem vermelho. O cabelo, aquilo de sempre, um rabão de cavalo no topo da cabeça, que deixa todas as cores de todos os tonalizantes que já usei aparecendo. Meu cabelo parece um arco-íris e eu adoro isso. Tudo pronto, tudo perfeito.

Espio mais uma vez pela janela. Pelo menos agora sei que o vizinho é real, porque não enxergo nada. Só as luzes da televisão que piscam em diferentes tons

no apartamento dele. Mas, antes de sair, lá está ele na janela novamente. Mando um beijo, aceno e dou aquela guinada, batendo o cabelo e mais uma rebolada. Para ele ter bons sonhos. Vai que realmente esteja me vendo. Pelo menos, fiz um favor pra um pobre coitado solitário que está em uma sexta-feira à noite em casa vendo televisão.



QUEM É ESSA MULHER? Sério. Estou olhando para ela, segurando meu pau — que já está duro —, mas sem fazer nada demais, apenas apertando para aliviar a tensão, quando ela dá uma reboladinha.

Por um momento, achei que ela não estivesse olhando para cá, mas aquele movimento sensual me fez mudar de ideia. Estou hipnotizado. Não consigo tirar meus olhos dela. Não é apenas o corpo ridiculamente *sexy* ou os cabelos que me fazem lembrar arco-íris e unicórnios, é o jeito como ela se mexe. Parece que ela é dona do mundo.

E vida.

Ela é vida. Energia.

Tudo o que eu não sou.

Tamarindo começa a miar e se enroscar na minha perna. Ele quer que eu o pegue no colo e o afague. Por um momento, fico em dúvida se tiro ele do chão ou se continuo com a minha mão onde ela está.

Minha dúvida é sanada quando o gato começa a emitir sons altos. Na verdade, ela parece um aparador de grama, se esfregando cada vez mais.

— Tá bom, seu empata-auto-foda.

Agora, com ele no colo, continuo olhando para o apartamento do outro lado da rua. É um prédio alto, com pelo menos doze andares, assim como o meu. Só que o dela parece ser menos muquifento do que este aqui.

Ela continua perto da janela por mais um tempo. Se abaixa, abre uma caixa, pega alguma coisa, vira as costas e sai. Passam-se alguns minutos e nada dela aparecer.

Eu deveria sair do lugar onde estou, mas meus pés parecem estar colados ao chão. E Tamarindo parece estar bem feliz aqui.

Ainda estou olhando para uma sala vazia quando escuto meu celular tocar. Para minha felicidade, ele está bem perto, ao alcance da minha mão, no braço do sofá.

— Alô.

— Henrique, meu brother. — É o Pablo, um amigo da faculdade que não vejo há uns meses. — Tá sumido. O que aconteceu?

— Fala aí... Pô, nem fala. Trabalho tá me consumindo.

— É isso que dá ser o mais novo bam-bam-bam da parada — ele brinca.

— Quem dera, Pablito. Quem dera. Sou um escravinho do meu chefe, que faz merda e coloca a culpa em mim — confesso, desanimado. — Mas não tô afim de falar sobre trabalho. Fala aí, o que tu manda?

— Pô, daqui a algumas semanas é o aniversário da Paloma e a gente está marcando uma parada num barzinho.

Ah, Paloma... Ela era a garota mais gata do nosso grupo. Ela chegou a começar a fazer o curso com a gente, mas mudou para *Design* de Interiores, o que era bem mais a cara dela.

Não sei como, mas a gente acabou se pegando por uns tempos (tá, eu sei como). Nada sério. Quando a gente saía, acabávamos a noite trepando no apartamento dela. Bons tempos... Não chegamos a terminar, apenas nos afastamos. Foi algo gradual e natural.

Faz uns meses que não falo com ela, e deve fazer pelo menos um ano desde a última vez que estivemos juntos. Será uma boa oportunidade. Tô na seca há uns meses. Sei lá, pelo menos três. Só que não tenho tempo e nem disposição para sair e procurar uma mulher para aliviar minha tensão. O trabalho tá me matando. Quando chega o fim de semana, tudo que eu quero é dormir e curtir uma praia.

— Hãn... Henrique? — Pablo me chama, fazendo com que eu volte à realidade.

— Pô, cara. Claro que eu vou. Conta comigo.

— Beleza, Paloma vai adorar saber. Depois te passo o endereço e a hora. Sei que tu não entra na porra do Facebook há séculos. Postei o evento lá, mas acho que você nem viu.

— É verdade. Às vezes, esqueço que ele existe. Mas faça isso, me manda o endereço que estarei lá, sem falta.

Nós nos despedimos e rapidamente desligo o telefone. E ela aparece de novo. Agora, vestida com uma camiseta escura e que cobre todo aquele espetáculo que é o corpo dela. Não sei se me sinto aliviado ou decepcionado. A quem estou querendo enganar? Claro que estou decepcionado. Aquela mulher deveria ficar nua o tempo todo! É uma falta de respeito cobrir aqueles peitinhos arrebitados e aquela bunda — que deveria ser considerada uma das maravilhas do mundo.

Ela se senta em uma caixa e acho que está comendo alguma coisa. Mas ela continua olhando para cá. Queria saber o que ela está pensando? Será que me olha com o mesmo desejo que eu olho para ela?

Foda-se. Sei que sou gato. Sempre fui pobre e fodido, porém nunca duvidei dos meus atributos. Quando estava na faculdade, fiz alguns trabalhos como modelo para ganhar uma graninha extra.

Agora, essa mulher à minha frente deveria ser chamada para capa de revista. Ainda não vi seu rosto, mas tenho certeza de que ela é linda. Na minha mente,

seus cabelos são originalmente loiros, e ela tem olhos azuis da cor do mar do Caribe.

Quem sabe...

De um salto, ela se levanta da caixa onde estava sentada e sai correndo para dentro do apartamento, fazer sei lá o quê. Estou curioso. Onde ela está? Será que aconteceu alguma coisa?

Tamarindo pede para descer do meu colo e vai para a cozinha. Apesar de ele ter a pelagem escura e olhos amarelos, às vezes ele me lembra o Garfield. É gordo e adora comer e dormir. Ele para em frente à geladeira e começa a miar. Sabe que é lá onde guardo seu atum.

Como a mulher dos cabelos coloridos está sabe-se lá onde, resolvo atender aos pedidos do meu filho felino. Aproveito que estou na cozinha e pego um copo de refrigerante. Uns são viciados em cigarro, outros em drogas. Já vi gente viciada em sexo e compras. Eu sou bebedor compulsivo de coca-cola. Meus amigos se perguntam como eu consigo manter a forma e o nível de glicose baixo.

Não quero contar a eles que, durante a minha vida inteira, eu só bebi água e a primeira vez que experimentei refrigerante foi aos dezoito anos, quando saí da casa dos meus pais no interior do estado e fui para a capital, para morar na república da faculdade. Não que no interior não tivesse refrigerante, mas a gente não tinha dinheiro para comprar. Mal tínhamos para comida...

Não quero pensar nisso. Muito menos em minha mãe.

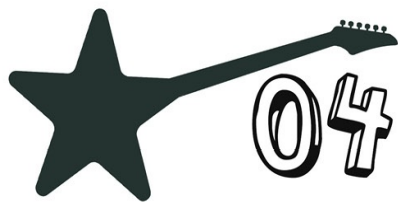
Volto para sala, na esperança de ver a garota da outra janela mais um pouquinho, e paro no mesmo lugar, que agora considero, praticamente, um camarote.

Não preciso esperar muito até que ela reapareça. Dessa vez, está vestida toda de preto.

Putá que pariu. Nunca pensei que fosse achar uma mulher mais gostosa com roupas do que sem. Mas ela se superou. Salto, meia calça (arrastão?) e minissaia. Seu cabelos, que até então estavam soltos, agora se encontram presos bem no topo de sua cabeça.

Pra onde ela vai?

Será que ela vai sair com as amigas e encontrar um homem para passar a noite? Será que vou assisti-los trepando?



Quando entro no meu apartamento, com os sapatos na mão, e o *boy*, que nem sei direito o nome, grudado em minha bunda, mostrando toda a diversão que ainda vou ter essa noite com seu brinquedinho volumoso latejando, a primeira coisa que eu penso é: MEU APARTAMENTO. A segunda é que mal me mudei e já vou estrear com uma boa foda e a terceira é meu vizinho *voyeur*. Será que ainda está acordado?

Empurro a porta do apartamento com a perna enquanto o *boy* mordisca minha orelha e sussurra que sou a mina mais gostosa do universo. Eu sei, amigo. Eu sei. Sua boca se divide entre minha orelha e meu pescoço, deixando rastros de beijos e mordidas que me arrepiam, suas mãos apertam meus seios com vontade e não resisto à tentação de esfregar minha bunda em sua ereção. Não quero me virar para ele. Nada de beijos na boca. Muita intimidade e eu mal sei o nome dele. Talvez seja Fernando, Fabiano ou Fábio. Tanto faz. O que me importa é outra coisa — e isso ele parecer ter de sobra.

Eu já transei com muita gente. Mas beijei poucos. Sei lá. Beijo é algo muito íntimo pra dar em qualquer um. Beijo exige entrega da alma pra ser bom. E a minha alma é só minha. Já o sexo é só sexo. Carne buscando alívio. E o que eu quero é alívio. Agora. Nada melhor que terminar uma noite de um *show* fodástico com uma boa foda. Ainda mais no meu apartamento. Com o vizinho *voyeur* olhando.

Eu me aproximo da janela, apesar de ser quatro da manhã, com a esperança de que o cara esteja lá. O *boy* continua grudado em minha cintura, acompanha meus passos, impulsionando a pélvis cada vez mais forte contra a minha bunda. Eu me desvencilho dele. Viro de costas para a janela, já que o vizinho não está lá, e começo lentamente a tirar meu vestido. Rebolo e me balanço suavemente, enquanto o *boy* baba. Depois, ainda devagar retiro as meias, solto o sutiã e jogo na cara dele, restando apenas a calcinha. Passeio com minha mão pelo meu corpo, aperto meus seios, belisco meus mamilos, vou escorregando-a pela minha barriga, até que a faço invadir minha calcinha. Lentamente, me acaricio, enquanto o cara parece estar petrificado. Seus olhos são pura luxúria. Tiro a calcinha, ainda dançando devagar, jogo-a em sua direção e faço sinal com o dedo, chamando-o para se aproximar.

Quando ele chega perto, tentando avançar contra a minha boca, agarro seus cabelos e direciono seu rosto para meus seios. Ao primeiro toque de sua língua em meu mamilo, deixo um gemido abafado escapar. Enquanto ele chupa, morde e lambe, em movimentos contínuos, um dos meus peitos, uma mão acaricia o outro seio e a outra escorrega entre o meio das minhas pernas, me tocando de forma estimulante e me fazendo gemer mais alto. Lembro que estou em meu apartamento, que os gemidos não precisam ser abafados, então aproveito e grito. Grito de prazer, de liberdade, de luxúria.

Ainda com minha mão segurando seus cabelos, gentilmente empurro sua cabeça para que desça mais. Ele se ajoelha em minha frente. Puxo sua camisa pelo pescoço, ele estende os braços facilitando o trabalho e então se dedica a me chupar. O *boy* sabe o que está fazendo. Entre sua língua e seus dedos me masturbando, sinto espasmos pelo meu corpo. Ele me tortura, ora sugando, ora lambendo, ora me penetrando forte com dois dedos. Acaricio meus próprios seios. Sinto que o ápice se aproxima, agarro seus cabelos com mais força, fazendo com que seu rosto inteiro se esfregue em mim. Gozo em sua língua, sentindo por todo meu corpo ondas elétricas, como microchoques. Minhas pernas amolecem, mas quero mais.

Puxo-o, ainda pelos cabelos, para cima. Mais uma vez, ele tenta avançar para minha boca, mas desvio o trajeto, repousando seus lábios sobre meu pescoço. A barba por fazer, me arranhando singela, me deixa ainda mais excitada. Desabotoo sua calça com pressa. Acaricio seu membro que pulsa involuntariamente. Seguro-o com mais força, faço movimentos delicados de vai e vem, acelero a mão. Ele sussurra em meu ouvido que não aguenta mais. Implora para me comer. Giro o meu corpo devagar, sem soltar aquele pedaço de carne suculento, até que minha bunda o encontra novamente.

Assim, com a bunda em seu pau, vou descendo, lenta, até apoiar meus antebraços no parapeito da janela, ficando quase de quatro, dando-lhe uma visão privilegiada da parte do meu corpo que mais gosto e facilitando seu acesso. O *boy* enlouquece, enreda os dedos no meu cabelo e me penetra sem nenhuma gentileza. Rápido, forte, duro. Entra com força e eu grito de prazer. Vai e vem rápido. Eu rebolo, me contorço no seu membro. Nossas respirações aceleradas, o suor começa a escorrer pelo meu corpo. Sinto o cheiro de sexo. Amo esse cheiro. Ele diminui o ritmo. Quer me torturar. Entra devagar, deslizando, sinto cada parte de mim sendo preenchida. Então sai rápido. E volta rápido, e sai lento. E entra lento e sai rápido.

Quanto mais ele investe, mais empino em contrapartida. Não quero nada lento, quero força. Mas a alternância de ritmos é deliciosa. Ele sussurra palavrões e coisas sem nexo, enquanto cavalga dentro de mim. Não consigo controlar meus

gemidos. Também quero me libertar. Preciso disso. Esfrego-me com mais força. Outro orgasmo toma conta de mim e sinto quando me contraio e ele pulsa mais rápido, explodindo em seguida.

Com a respiração ainda ofegante, abro os olhos — e lá está ele. Parado na janela, observando. Pela primeira vez na vida, sinto vergonha por ser olhada. Devagar, escorrego pro chão. O cara quer me abraçar e me beijar. Eu só quero que ele saia do meu apartamento.

Invento uma desculpa, digo que preciso dormir e descansar e o dispenso. Quando bato a porta, volto à janela, mas o vizinho não está mais lá. Qual será o seu nome? O que fazia acordado a essa hora? Não consigo parar de pensar. Tomo um banho, me enroscó em uma toalha e pego uma maçã. Sento na caixa embaixo da janela e procuro por meu vizinho indiscreto. Mas ele não aparece mais. Será que estava mesmo me observando? Mentalmente faço uma anotação: comprar uma poltrona confortável pra ficar de frente pra janela. Um bom lugar pra ler um livro, tocar guitarra e ver meu vizinho favorito.

Fico pensando nele, enquanto os primeiros raios de sol surgem no céu. Hora de dormir. Ainda tenho muita coisa pra ajeitar no apartamento e show mais tarde. Com o *voyeur* em pensamento, caio cansada na cama.

Quando eu falo que a vida não está fácil, é porque ela não está fácil mesmo. Saí do trabalho hoje sendo obrigado a trazer para casa uma planilha de, pelo menos, cinquenta páginas com a relação de clientes, obras, valores e prazos. Quando se trata de uma mega empresa de arquitetura e engenharia, que tem diversos contratos com o governo, desde pracinhas até a reforma da Assembleia Legislativa, os contratos são muitos e constantes.

Eu fiquei bastante empolgado quando comecei a trabalhar lá, mais ou menos um ano atrás. No início, eu era o assistente do assistente. Literalmente. Agora, sou apenas um assistente, mas de um dos gerentes. Se lá no início eu soubesse que meu chefe me ligaria com mais frequência do que gostaria de admitir, às tantas da madrugada, eu provavelmente teria escolhido um outro caminho.

Ítalo de Assis é o motivo para eu ter certeza de que em alguma vida passada coleí chiclete embaixo da mesa da santa ceia.

Por que isso? Porque só com um carma filho da puta pra ser acordado por ele, de madrugada, me pedindo para que eu verifique alguma coisa (não) importante na tal da tabela. E o que o idiota aqui faz? Pede pra ele alguns minutos, vai pra cozinha, liga o *notebook*, que tinha esquecido lá mais cedo, e abre a merda da tabela para olhar um número qualquer.

No fim, não recebi um mísero “muito obrigado”. Velho filho da puta! Que seu pau fique mole pro resto da vida.

Quando desligo o telefone, gasto alguns minutos na cozinha xingando o velho. Nem o Tamarindo se deu ao trabalho de levantar da cama para ver o que estava acontecendo. O preguiçoso continua no pé da minha cama como se nada tivesse acontecido.

Fico em dúvida se deito a cabeça na bancada da cozinha ou se volto para o meu quarto. A preguiça é grande, e fico um tempo na indecisão. Porém, resolvo que devo gastar minhas próximas horas no conforto do meu colchão.

Saio da cozinha e caminho, no escuro, em direção ao meu quarto. Quando chego à sala, não consigo evitar e acabo olhando para o apartamento do outro lado da rua. Me espanto em notar que a luz está acesa — e a visão que tenho nunca mais sairá da minha memória. Ficaré marcada, como uma cicatriz que nunca esmaece.

Minha vizinha está de frente para a janela, com as mãos no parapeito, completamente nua. Linda. Atrás dela tem um homem. Pelos movimentos, não preciso de muito para desvendar o que estão fazendo. Os dois se movem com força. O homem joga a cabeça para trás enquanto puxa o cabelo dela. Aqueles cabelos coloridos, lindos...

Deveria estar excitado, mas acho que a praga que roguei em Ítalo acabou pegando em mim. Não consigo me sentir bem em ter ganhado um canal erótico de presente. Pelo contrário, vê-la trepar com outro me incomoda. O que é estranho, pois nem a conheço.

Os dois continuam buscando o prazer, e eu não consigo deixar de pensar na cara de satisfação que ela deve estar fazendo. Será que está fazendo? Será que está tendo prazer? Será que está gozando naquele momento?

Ele agarra um dos seios dela, que joga a cabeça para trás, evidentemente gostando do que ele faz. Será que ela sentiria mais prazer comigo?

Não consigo parar de olhar, por mais que queira. Quero saber como aquilo vai terminar. No silêncio da noite e com a janela aberta, consigo ouvi-la gritar. Será que ela finalmente chegou ao clímax? Logo depois, escuto um urro alto. Puta que pariu, aquele filho da puta de merda gozou dentro dela.

Será que estão juntos desde a quinta série ou será que ele foi a conquista da noite?

Ainda continuo sem entender o porquê de estar me sentindo tão mal com a cena que se desenrola à minha frente. Não sei o motivo, mas quero que ela saiba que eu estou aqui e que vi tudo acontecer. Acendo o abajur que fica no chão ao lado do sofá.

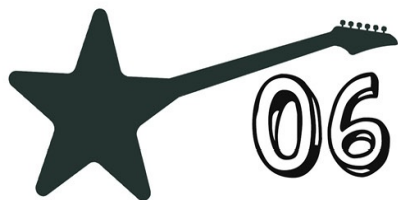
Bem na hora.

Meu arco-íris se desencanaixa do homem e ergue o corpo, exibindo sua nudez para mim. Naquele momento, tenho a sensação de que ela me observa enquanto eu a observo. É uma troca voyeurística — e, pelo menos para mim, nem um pouco agradável. Queria poder vê-la nua novamente, mas, dessa vez, só para mim. Sem nenhum homem encostando nela. Sem que ela tenha a evidência do prazer de outro escorrendo por suas pernas.

Queria poder estar sorrindo e fazendo uma cara de safado, como se dissesse “aha... safada... sei que tu gosta de ser comida por trás”. Infelizmente, meu semblante é sério. E, se for honesto, um pouco desapontado.

Ela se vira para falar com ele e os dois saem da minha vista. Foda-se, vou dormir. Não posso ficar aqui, observando uma mulher que nem conheço. Desligo a luz e volto para o meu colchão. Tamarindo ainda está lá, roncando alto. Provavelmente sonhando com uma lata de atum ou com o ratinho de brinquedo que comprei pra ele.

Às vezes, queria ser um gato. Não teria as preocupações que tenho. Não teria que pagar contas, me preocupar com o que os outros acham nem com um chefe de merda — e em hipótese alguma me preocuparia com a vizinha de cabelos coloridos e os peitos mais lindos que já vi.



Sabe aqueles dias a gente acorda toda mole, com preguiça e um certo tesão, de algum sonho mais quente? Acordei assim. Sonhei com meu vizinho. Mas dessa vez ele não estava só me observando, ele estava comigo. Prefiro nem lembrar do sonho pra não precisar de um bom banho gelado, do meu amigo chuveirinho ou do Axl na primeira hora do dia. Penso que preciso de pilhas novas pra ele e talvez de um nome novo também. Afinal, um vibrador chamado Axl Rose, se for pensar no Axl dos dias atuais, tira todo o tesão. Mas eu penso nele no auge da carreira, então está de boa.

Abro os olhos com a maior preguiça do mundo. Rolo na cama *king size* de um lado pro outro, aproveitando todo o espaço vazio. Nem sei por que comprei uma cama desse tamanho, já que não costumo dormir com ninguém. Acho que foi mais por fetiche. Ou por querer muito ter uma cama deliciosa pra dormir. O cheirinho de lençóis novos e limpos faz meu dia começar bem.

Pego o celular na cômoda e espio as horas. Passa das quatro da tarde. Confiro as últimas postagens das redes sociais, dou milhares de *likes* em tudo que fui marcada da noite passada. O *boy* me marcou em uma foto no bar e me adicionou como amiga. O nome dele é Felipe (pelo menos, agora eu sei). Vai ficar um tempo na geladeira dos contatos a serem aceitos. Quem sabe num dia de seca eu não resgato?

Tenho ainda muita coisa pra arrumar, além de ter que trabalhar mais tarde, então, saio da cama. Depois de uma passada básica no banheiro, vou pra cozinha, abro a geladeira e pego um suco. Olho para a sala e vejo tudo que ainda precisa ser feito. Chega a dar um desânimo. Mas nem é tanta coisa assim, mais é preguiça mesmo. Chego perto da janela pra sentir a temperatura da rua e vejo meu vizinho lá. Volto para o quarto correndo e visto um camisetão antes de voltar para a sala.

Não sei por que me importo tanto com ele agora. Nem o conheço e calculo que ele deve ter sérios problemas por passa tanto tempo na janela. Será que é solitário? Ou um sociopata? Talvez seja alguém com uma doença e eu julgando mal. Capaz até do cara ser cego e eu bolada com o que ele pensa de mim. Como se todas as pessoas saudáveis e solteiras não tivessem transas ocasionais nas salas de suas casas. Ainda mais quando moram sozinhas. Eu mal consigo vê-lo direito; com certeza, ele também me vê meio embaçada. Quando volto pra sala,

não resisto à tentação de espiá-lo mais uma vez. Mas ele já não está na janela.

Começo a abrir as caixas. Arrumo a prateleira de livros, a estante de discos, a prateleira de bugigangas. Apesar do sofá super confortável e fofo que comprei, vermelho com estampas de guitarras brancas, e a mesa de centro de palete, que foi mais cara do que se fosse de ouro, ainda tem um bom espaço na sala para aquela poltrona; aquela que vai ficar virada para a janela. Minha sala é em L, o que é muito legal, porque pude fazer dois ambientes: um com sofá, mesa de centro e televisão na parede, e esse outro em frente e na lateral da janela, com as estantes. A poltrona ficará perfeita. Levo algumas caixas de roupas pro quarto, jogo tudo dentro do guarda-roupa. Depois de duas horas, minha missão está concluída. Tudo no seu devido lugar.

Puxo um banco de madeira, enquanto não compro a poltrona, e pego a guitarra que está no suporte ao lado da estante de livros. Sento em frente à janela e começo a dedilhar qualquer coisa. Meu vizinho não está lá. Desde que comecei a arrumar as coisas, ele não apareceu mais. O que será que está fazendo? Será que ele tem namorada? Por que isso me incomoda? Ele deve ser um cara tímido. Imagino que seja mais velho que eu. Deve ter um emprego desses bem normais, daqueles que trabalha cinco dias por semana, das oito às seis, e que nunca acontece nada de emocionante.

Não sei como as pessoas conseguem viver assim. Esse jeito extremamente tradicional e careta. Parece que todo mundo tem medo de arriscar. Se eu tivesse medo, hoje ainda estaria vivendo no inferno da casa da minha mãe, com aquele cara escroto e tarado, fazendo faculdade Direito e sendo a menina idiota que fui até meus quinze. Imagina eu? Maluquinha do jeito que sou hoje, fazendo faculdade de Direito ou alguma coisa direito na vida? Só se fosse pra começar a rebelião no país! Dou risada sozinha.

Mas a verdade é que se eu não tivesse dado um tapa na cara do meu padraсто escroto quando ele colocou a mão na minha bunda, e ele não tivesse revidado me dando um soco, eu não teria fugido de casa aquela noite. E, se eu não tivesse fugido, não teria ido parar naquele *karaoke*. E, se eu não tivesse parado lá, não teria cantado. E, se não tivesse cantado, o dono não me convidaria pra cantar, sempre ganhando uns trocados e animando os clientes. E, se eu não tivesse aceitado a proposta, não teria sido convidada pra tocar em uma banda, e depois em outra, e mais outra, e agora não teria a minha banda, só de mulheres, não estaria ganhando uma grana bacana e nem teria o meu apê. Meu. Só meu. Onde sou dona do meu nariz.

Em pulo, levanto e faço uma dancinha da vitória. Comemoro mesmo, porque ainda não acredito que tenho meu próprio canto e posso fazer o que eu bem quiser. Até andar pelada. Quer dizer, não tanto assim, porque tem o vizinho

indiscreto — e eu nem sei porque me importo tanto com ele. Mesmo assim, espio a janela mais uma vez. Ele continua sumido. Fico preocupada. Será que sofreu um infarto? Morreu sozinho de overdose, cortou os pulsos ou tomou de uma vez só o vidro de remédios pra depressão que seu psiquiatra receitou? Imagina ele só ser encontrado depois de uma pá de dias, fedendo...

Agora que sou dona de mim, era só o que faltava ficar preocupada com um cara que eu nem sei quem é. Sinto fome. Coloco a guitarra no lugar, tomo uma ducha, visto um short jeans todo rasgado e uma míni blusa do Red Hot, calço meus All Stars vermelhos, prendo os cabelos com uma bandana e me jogo pra vida. Hora de conhecer a vizinhança e achar algum lugar pra comer a essa hora. São quase sete da noite e em menos de quatro horas preciso estar pronta e alimentada no palco. Pronta já estou, só uma retocada na maquiagem. Hoje, a noite será especial. Uma festa da casa de apoio a mulheres que sofrem violências domésticas. Adoro esses eventos só de minas. Como a minha banda é só de mulheres, acabamos sempre sendo chamadas. Antes de sair, ainda dou aquela espiada na janela: se o vizinho estivesse lá, eu poderia fazer um sinal pra me encontrar lá embaixo. Mas a casa parece que continua vazia e não vejo nenhuma luz acesa.

Quando chego na calçada, meu celular toca. Fico toda atrapalhada, tentando tirá-lo do bolso do *short*, que parece estar mais apertado do que deveria, e acabo esbarrando em um cara. Peço desculpas e comemoro que consigo tirar o celular do bolso.

— Você está bem? — ele pergunta, me encarando como se visse um fantasma.

— Estou ótima. Desculpa aí. É que o celular estava preso no bolso e tocando desesperadamente. Tenha uma linda noite. — Saio caminhando, mas noto que ele continua parado me olhando, então, viro para trás e mando um beijo, daqueles com direito a mãozinha e sopro. Dou risada.

No celular, Baby — a baterista da minha banda e nossa pseudoempresária — grita nos meus ouvidos:

— Mikaaaaaaa! Estamos com agenda lotada pelos próximos três meses. Acabei de fechar com uma das casas noturnas mais badaladas do momento: doze shows em dias intercalados.

Sorrio, não sei se pela felicidade da Baby, por saber que temos cada vez mais *shows* agendados, por fazer o que eu amo ou apenas porque me deparo com uma padaria que parece limpa, deliciosa e aconchegante na esquina de casa.

— Depois do *show* de hoje, a gente comemora. Agora, vou comer. Beijinhos, diva da bateria.

Desligo o telefone e entro na padaria, olhando para as vitrines, como os cachorros olham para aqueles assadores de frango gigante. Parece que encontrei o

meu lugar preferido no bairro.



Às vezes, o único lugar que me sinto realmente tranquilo é na praia. Meu trabalho é uma merda, minha casa é semi-habitável, a casa da minha mãe... Enfim, deixa isso pra lá. É por isso que, sempre que posso, venho à praia.

Quando morava no interior, meu maior sonho era conhecer o mar. Sentir as ondas quebrarem nos meus pés. Só que não me disseram que essa imensidão te engole em vários sentidos. No meu caso, fico apenas sentado, olhando para as ondas, concentrado no vai e vem da água. Infinito.

“Tenha cuidado com o que deseja...” Minha avó sempre dizia isso pra mim. Quando eu era mais novo, queria muito poder sair daquela cidadezinha caindo aos pedaços e partir para coisas melhores. Queria morar na cidade grande, conhecer o mar, ter a minha casa. Exatamente como a minha vida é hoje.

O único problema é que eu não estou feliz. Pronto, admiti. Eu não sou feliz. Rá! Tenho tudo o que eu sempre quis, mas, mesmo assim, não me sinto bem. Não chego em casa e relaxo. Não sorrio quando chego ao escritório. Não procuro meus amigos, nem eles me procuram muito.

Nunca pensei que, aos vinte e três — faltando menos de dois meses para completar vinte e quatro —, eu me sentiria tão velho. Será que estou em depressão? Ou apenas nada em minha vida me agrada o suficiente a ponto de me fazer sair da inércia? Há um ano, pensei que tudo estava indo muito bem. Aparentemente, estava errado.

Mas aí vem aquela bela frase: se a vida te dá limão, faça caipirinhas. É, de repente é disso que eu preciso. Caipirinhas. A metáfora perfeita para falar de animação.

Num ímpeto, pego meu celular e ligo para o Yuri, um colega do trabalho que sempre me convida para fazer alguma coisa:

— Fala aí, Henrique. Beleza?

— Tudo bem. Aí, queria perguntar se tu tá afim de fazer alguma parada mais tarde. Que tal umas cervejas lá em casa? Tô pensando em chamar uns amigos pra jogar um pôquer ou, sei lá, banco imobiliário.

— Porra! Seria perfeito. Tava doido pra fazer alguma coisa, mas a minha namorada detesta que eu vá pra barzinhos sem ela. E como ela está viajando este fim de semana, pensei que fosse ter que ficar em casa a noite toda. — A voz de

animação dele chegava a contagiar. Pobre coitado, a namorada o carregava na coleira.

— Fechou, então. Te vejo mais tarde. Lá pelas dez, pode ser? — sugiro, já pensando nas próximas ligações que terei de fazer.

— Suave.

Depois de ter acertado tudo com Pablo, Yuri, Caio e Vinícius, resolvo dar um mergulho. A merda de vir à praia sozinho é não ter ninguém pra segurar suas paradas quando tu vai entrar na água. Olho para os lados, procurando alguém que pareça confiável o suficiente para a função. É sábado e a praia está bastante cheia, o que é de praxe.

Quando olho um pouco para trás, encontro o que estava procurando. Sentadas sob uma barraca alugada, três meninas dividem uma canga enquanto batem papo e riem alto. Uma delas percebe que estou olhando e cutuca a amiga com o cotovelo. Não tarda muito para que as três me olhem. Me levanto da areia e sigo em direção a elas.

— E aí, gatas. Alguém poderia segurar minhas coisas pra eu dar um mergulho rápido?

Um coro de “claro” misturado a risinhos faz com que eu sorria, aliviado. Elas provavelmente vão querer fuxicar meu celular, mas ele só destrava com minha impressão digital. O único motivo para que eu tenha um aparelho desses é que todos no meu setor têm direito a um, junto a um plano empresarial.

Outra opção é abrir a minha carteira. O que vão encontrar é a minha identidade, uma nota de cinquenta reais e um vale-transporte. Nada de muito valor.

Entrego meu celular, minha carteira, minha chave e minha camisa para a garota que está no meio, que é a mais bonita das três. Dou uma piscada e digo:

— Não demoro.

Viro de costas e vou pro mar, sentindo os olhos delas nas minhas costas. Isso, podem olhar. Não passo horas por semana na academia para nada.

Amo o mar. Amo mergulhar, sentir o sal na minha pele, furar onda, pegar jacaré. Infelizmente, não tenho o tempo que gostaria para curtir a água. Não sei como essa tradição começou, mas sempre que entro no oceano, faço uma oração. Não sou um cara de religião, mas sou uma pessoa de fé. Agradeço a alguma coisa que não sei o que é pela energização que estou recebendo.

Porra, tava precisando disso.

Minha mente vai direto pra ela, minha vizinha dos peitos deliciosos e que não tem vergonha de se mostrar pra mim. Se eu pudesse pedir uma coisa, seria para que pudesse ver o rosto dela.

Foda-se.

Saio do mar e volto para buscar minhas coisas. Não trouxe toalha nem nada

para me secar. Não preciso. Vou dar uma andada antes de pegar o metrô de volta pra casa.

Agradeço às meninas, que me encaram descaradamente (isso, podem olhar meu tanquinho: ele tá aí pra isso), e sigo em direção ao calçadão. A água escorre pelo meu corpo e sinto o sol queimando minha pele. Apenas continuo caminhando, sem rumo, sem hora pra voltar.

Quando estou quase chegando em casa, lembro de passar na padaria do outro lado da rua para comprar alguma coisa para o lanche. Os moleques vêm aqui mais tarde e na minha geladeira não tem nada além de margarina e pão de forma.

Seleciono alguns biscoitos, batata frita e uns salgadinhos, além de umas cervejas e uma garrafa de coca-cola (a minha já está acabando e não posso ficar sem).

Carregando várias sacolas e distraído com a ideia de ter convidados, sou praticamente atropelado por alguém com cabelos muito coloridos.

Não pode ser.

Quando olho para ela, meu mundo para.

— Você está bem? — pergunto, muito mais por educação do que por eloquência.

— Estou ótima. Desculpa aí. É que o celular estava preso no bolso e tocando desesperadamente. Tenha uma linda noite — ela diz, com um sorriso no rosto e falando muito rápido.

Não posso acreditar que seja ela. Simplesmente não posso.

Mas é muita coincidência encontrar uma garota de cabelos coloridos — e muito coloridos: rosa, roxo, azul, verde — saindo do prédio em frente ao meu. Tem que ser ela. Só pode.

Não consigo desviar meu olhar, ela me hipnotiza. Quando consigo abrir a boca para perguntar o nome dela, a filha da mãe para, vira pra trás e me manda um beijinho. E dá uma risada.

O que eu faço? Nada. Fico ali, parado, admirando a mulher mais linda que eu já vi na vida. Sua pele é bem clara e seu nariz arrebitado. Ela é alta, mas nem tanto. Deve ter quase um metro e setenta, o que a deixa perto de vinte centímetros mais baixa do que eu.

Ela tem um ar de aristocracia escondido atrás dos cabelos multicolores, do *piercing* no nariz e dos *shorts* muito curtos. Seus olhos são de um azul esverdeado, e tudo que eu penso naquele momento é que, um dia, eu vou gozar dentro dela enquanto encaro aqueles olhos lindos.

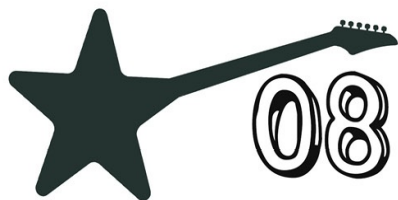
Quem nunca teve uma ereção instantânea, no meio da rua, enquanto carregava várias sacolas?

Percebo que estou parado no mesmo lugar há um tempo e já não consigo mais

ver meu unicórnio colorido. Balanço a cabeça para sair do transe e presto atenção ao atravessar a rua.

Quando chego em casa, sou saudado por um Tamarindo carente.

— É, gato... Estamos fudidos.



Depois de duas horas e meia de palco, quase quarenta e cinco minutos a mais do que sempre tocamos, o *show* termina. Na boa, eu ficaria ali a noite toda, tocando para aquelas minas, se a festa realmente não tivesse que terminar.

Primeiro, porque eu amo cantar. Minha mãe conta que antes de falar eu já cantava. Então, acho que é algo de outra vida. Eu me lembro que, quando era pequena, as pessoas me perguntavam coisas e eu respondia cantando, tipo aquele filme mega antigo, *A Noviça Rebelde*.

Meu sonho era ter uma penca irmãos pra gente só cantar. Naquela época, eu ainda achava que meu padrasto era um cara legal e que ele e minha mãe teriam novos filhos e seríamos uma família tipo *Os Seus, Os Meus E Os Nossos*. Mas eu só tive o azar de ter um irmão por parte de pai e mãe e dois imbecis como pseudoirmãos por parte do meu padrasto. Às vezes, fico pensando se o meu pai seria tão machista e babaca quanto todos os idiotas da minha pseudofamília infeliz se ainda fosse vivo.

O segundo motivo, e acho que o mais importante da noite, é que eu tenho o maior respeito pelas mulheres desse grupo. Não é a primeira vez que a gente faz algum evento delas e, inclusive, já participamos de algumas ações nas redes sociais e nas ruas do movimento. É cada história de superação... Cada mulher que passou pelo inferno e está lá, linda, rebolando a bunda e seguindo em frente, que a gente até fica com vergonha de reclamar por pouco.

Eu ainda teria um terceiro motivo pra continuar cantando a noite toda. Eu amo a minha banda. Sério! Estamos juntas há mais ou menos um ano e meio e só tem mina foda. A Baby é a melhor baterista que eu já vi. Fora que ela é muito descolada com essas coisas de agenda, dinheiro, ensaios. Está sempre resolvendo todas as paradas pra gente. No baixo, temos a ruiva mais arretada do planeta: Sue é uma mistura de nordestina com gaúcho, fala tanto *tchê* quanto sotoque nordestino, o que fica muito engraçado, e é a maior mãezona da parada. Não deixa nunca ninguém com fome/frio/tristeza/mau humor/TPM. Ai de quem esqueça de levar o casaco que ela mandou. Ainda tem a Be na guitarra, que é a melhor conselheira do Universo todo e sempre sabe uma simpatia ou um remédio caseiro

pra qualquer mal. Tem também a mais gata de todas nós: a loira *punk* da Sissi nos teclados. O mais legal é que, nesse tempo que estamos juntas, nunca nos desentendemos por nada. Parece coisa do destino a gente se encontrar e se dar tão bem. Como se fosse de outra vida mesmo a nossa amizade.

Por isso que quando o *show* acabou super cedo, eu não pensei duas vezes antes de convidar as meninas para esticar lá em casa. Inauguração do apê com as amigas e tequilas. Uma noite de boas risadas e músicas, obviamente... Porque não tem como não rolar as nossas músicas preferidas, ou as mais bregas da galáxia depois da quarta dose de tequila. Depois, minha cama agora é *king size*. Cabe todas nós lá.

Quando abro a porta do apartamento, a primeira coisa que percebo é que vem uma claridade maior pela janela e uma música meio alta. Corro até ela e sorrio ao ver que meu vizinho indiscreto também está dando uma festinha. Mostro o apê pras meninas em dois minutos. Afinal, é uma cozinha, uma sala, um quarto e um banheiro. Mas é meu e me sinto super orgulhosa da conquista.

Nos sentamos no chão, em volta da mesa, que tem preço de ouro, mas é de palete, e abrimos a primeira garrafa — compramos três, porque a gente se conhece bem:

— *Arriba, abajo, a centro e adentro e que se fueda, comadre.*

Com um brinde, mandamos a primeira dose pra dentro às gargalhadas. A Be rapidamente calibra os copinhos e tomamos a segunda dose, seguindo o mesmo ritual. Mais uma calibrada, mais um ritual e a Sissi já levanta do chão, acopla seu celular no autofalante e dá vida ao ambiente. Patti Smith começa a sussurrar no meu ouvido e meu corpo — encorajado pela tequila — não consegue ficar parado. Acabo levantando e vou pra perto da Sissi, que está em frente à janela cantando:

— *“Take me now, baby, here as I am. Hold me close, try and understand. Desire is hunger, is the fire I breathe. Love is a banquet on which we feed...”*

Começo a sussurrar a música em seu ouvido, dançando abraçada a ela:

— *“Come on now, try to understand. The way I feel when I’m in your hand. Take my hand, come undercover. They can’t hurt you now, can’t hurt you now, can’t hurt you now...”*

Gesticulamos conforme a música manda e, obviamente, com uma interpretação bem mais sexy que a Patti faz. Antes do refrão, estamos todas ali, dançando, cantando, gritando, pulando e rebolando:

— *“Because the night belongs to lovers, because the night belongs to lust, because the night belongs to lovers, because the night belongs to us...”*

De repente, Baby para e fixa o olhar na janela. Quando olho na mesma direção que ela, percebo que, na janela do meu vizinho indiscreto, tem cinco pares de

olhos nos devorando. Ou, pelo menos, é a impressão que eu tenho de longe. O engraçado é que consegui diferenciar direitinho o meu vizinho. O cara era o mais alto e o que parecia menos animado com a observação em massa de sua janela. Me aproximo mais da janela e canto para ele. Loucura total da minha cabeça e das doses de tequila, mas de alguma forma acho que ele pode sentir que é pra ele:

— *“Have I doubt when I am alone? Love is a ring on the telephone. Love is an angel disguised as lust. Love is our bed until the morning comes. Come on now, try to understand. The way I feel under your command. Take my hands and the sun descends. They can’t touch you now, can’t touch you now. Because the night belongs to lovers, because the night belongs to lust, because the night belongs to lovers, because the night belongs to us...”*

Esqueço que as meninas estão ali. Esqueço que na outra janela não está apenas ele. Imagino só nós dois, um de frente pro outro, enquanto danço, canto e me toco sensualmente, apenas para que ele observe. Se ele conseguisse entender como eu me sinto sabendo que ele me observa... Se conseguisse perceber como a sua presença me deixa confusa ou se descobrisse que, desde que o vi a primeira vez, não paro de pensar nele... Se ele imaginasse que ontem, enquanto o *boy* me comia, por alguns segundos, fantasiei que era ele...

— Suspende a tequila da Mika! Ela já está loucona. — Be grita e todas riem. Inclusive eu, que volto à realidade.

— Por que a gente não brinca com eles? Vamos fazer mímicas — sugere a Sue.

Todas topam. Eu me jogo no sofá, pensando no meu vizinho indiscreto e se ele entendeu que eu estava cantando e dançando para ele. Por que esse homem, que eu nem sei quem é, não sai da minha cabeça? Qual o meu problema? Eu tive um foda espetacular ontem e, ainda assim, fico pensando num cara que eu nunca vi de perto.

Detono a primeira garrafa de tequila, ouvindo as risadas das meninas. Vou até a cozinha e pego a segunda. Sirvo as meninas, brindamos na janela. Que os jogos comecem.



Tamarindo e eu estamos curtindo o sossego do nosso sofá enquanto assistimos Matrix. Não sei porque, mas é o filme preferido dele. Sempre que assisto, ele fica quietinho, olhando para a televisão.

Gato estranho.

Somos interrompidos por uma campainha estridente, que avisa que tenho visitas. Oba!

Pablo é o primeiro a chegar e trouxe consigo umas cervejas e Doritos. Perfeito. Não demora muito para que os outros também apareçam. Yuri e Vinícius trabalham comigo na empresa. Nós três fomos contratados no mesmo processo seletivo, que durou quase três meses. Acabou que ficamos “amigos” durante aquele tempo. Depois, quando nós três fomos aprovados, nossa amizade se solidificou. Até eu ser transferido de setor — não gosto de pensar que fui promovido, já que meu trabalho agora é muito pior do que era antes —, nós almoçávamos juntos todos os dias. Hoje, se eu consigo almoçar, já é um avanço.

E essa situação fez com que eu me afastasse deles.

Já Pablo e Caio, eu conheci na faculdade. Eu e Pablo entramos como calouros ao mesmo tempo. Caio entrou um semestre depois. Entre bares, festas e partidas de truco e sueca, viramos amigos inseparáveis na época.

Claro que nos afastamos quando eu consegui esse emprego. Ou melhor, quando fui promovido e tive meu tempo sugado pelo demônio que é meu chefe.

Não foi surpresa quando os quatro se deram super bem. Depois de algumas cervejas, eu nem precisava estar mais na sala para que eles se divertissem e conversassem.

Me senti tentado a ir para o meu quarto e tirar um cochilo, mas o som que vinha da janela fez com que eu me virasse para ver o que estava acontecendo.

Desde que ela esbarrou em mim, fiquei sentado no sofá, esperando que ela voltasse. Mas não tive sorte. Ou, de repente, ela voltou, mas eu não a vi.

Como sempre, Ítalo tinha me ligado em um determinado momento para que eu fizesse algo inútil, como fazer uma encomenda *on-line* de bolinhos de chocolate. Sério. Não eram *cupcakes*, nem *muffins*. Eram bolos normais, mas em tamanho miniatura. E ele quer comer isso assim que chegar ao escritório na segunda-feira.

Desejo que no pinto (sempre) mole dele cresçam verrugas.

Mas agora o arco-íris está de volta. E não está sozinha. Para minha felicidade (e alívio — definitivamente alívio), sua companhia não é um homem pelado, e sim um bando de mulheres que parecem estar se divertindo tanto quanto ela.

Será que essas são suas companheiras de balada? Aquelas que a encorajam a escolher algum filho da puta sortudo para passar a noite?

Não quero pensar nisso. Aquela imagem de ontem nunca vai sair da minha cabeça. A última coisa que preciso é arruinar a minha noite com mau humor. Tarde demais. Cruzo os braços e fico ali, olhando para ela, que dança e canta com suas amigas.

É ridículo querer que ela esteja aqui comigo e não com suas amigas?

Porra, claro que é. Afinal, nem nos conhecemos.

Só que eu a vi e sei o que estou perdendo.

— O que temos aí? — pergunta Vinícius, olhando pela janela. Eu não respondo, não é preciso. Ele pode ver exatamente o que eu tô vendo. — Olha isso! Chega aí.

Com o chamado de Vinícius, os outros três chegam perto da janela para assistir a minha vizinha e suas amigas.

Como eu podia imaginar, os caras ficam loucos com elas. Quem não ficaria? Aparentemente, são cinco mulheres gatas que cantam e dançam na frente da janela.

— Porra, será que elas vão começar uma suruba lésbica? — é Pablo quem sugere.

Por um momento, tento imaginar como seria assistir minha vizinha em meio a uma suruba cheia de mulheres. Meu pau não deu sinal de vida quando a vi com outro homem. Sei lá, foi estranho. E triste. Só que a hipocrisia nunca foi minha amiga. Logo, não vou mentir e dizer que não me excitaria com a visão dela se esfregando e tocando em outras mulheres.

Puta que pariu!

Acho que meu pau ficaria em carne viva de tanta bater punheta.

Os moleques se animam com a possibilidade e começam a berrar encorajamentos. Foda-se que já passou da uma da manhã.

Acho que elas escutam a gritaria, porque, de repente, elas param e olham para cá. Não é difícil distinguir qual delas é a minha vizinha. Já olhei tanto para ela que tenho suas curvas memorizadas. Não preciso nem ver seu cabelo colorido.

— Sério que tu tem essa visão todos os dias, Henrique? — Yuri pergunta.

— Não. É a primeira vez que ela tem visitas.

Ou a segunda, mas não estou afim de conversar sobre o assunto, por isso, deixo pra lá e finjo que minha afirmativa é verdadeira.

— Qual delas é a que mora aí?

- A segunda da esquerda para a direita — confesso.
- Tu já viu ela pelada? — o indiscreto do Caio quer saber.
- Não, a cortina está geralmente fechada.

A mentira sai da minha boca antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa para dizer. Não quero que eles saibam que já a vi pelada. Várias vezes. Quero que aquele segredo seja meu, assim como ela. Não quero dividir meu arco-íris com mais ninguém. Nem com meus amigos, muito menos com homens pelados que estão próximos o suficiente para saber se a pele dela é tão macia quanto parece.

Para minha surpresa, ela começa a cantar. A música sai baixinha e abafada, afinal, ela está do outro lado da rua e moramos em um bairro movimentado. Por mais que seja madrugada, ainda há carros passando.

Não consigo distinguir a canção, mas fico puto com o showzinho que ela dá. Queria que o exibicionismo dela fosse só para mim. Pelo visto, quanto mais plateia, mais ela se solta.

Nunca fui um cara possessivo. Acho, inclusive, uma babaquice essa ideia de “você é minha”. Mas, ao mesmo tempo, quero que ela se sinta diferente comigo. Quero que ela queira se mostrar para mim, e só para mim. Acho que não estou fazendo muito sentido. As cervejas devem ter diminuído minha capacidade de raciocinar.

Enquanto ela se exhibe para os meus amigos, mantenho a cara fechada e os braços cruzados. Não quero ver essa palhaçada.

Fico aliviado quando ela para e sai da frente da janela.

Eu faço o mesmo e volto para o meu sofá. Tamarindo, meu fiel escudeiro, sente que eu não estou bem e se põe no meu colo, como se quisesse me mostrar que eu não estou sozinho.

Os moleques começam a rir mais alto e a fazer movimentos com os braços.

- O que vocês estão fazendo? — quero saber.
- Mímica. Elas que começaram — diz Caio.
- E como vocês vão saber o que elas responderam?
- Não vamos, essa é a graça da parada — é a vez de Yuri explicar.

Eu dou uma risada baixa, me divertindo com o comportamento deles.

Meus amigos não têm nada a ver com o que eu estou sentindo. Essa frustração e mau humor não estão ligados a eles, que, sempre que podem, tentam me animar.

É então que o meu celular toca novamente.

Olho para a tela e vejo o nome do capeta. Não sei se sorrio de desespero ou se quebro o aparelho.

— Alô — atendo, relutante.

— Preciso que você abra aquela planilha e me passe todas as informações referentes ao número vinte e três. Estamos falando do Secretário da Fazenda e eu

tenho que ver alguns detalhes.

Respiro fundo, tentando me controlar, mas está difícil.

— Senhor, não posso ver as informações agora. Estou com visitas aqui em casa.

— Não quero saber. Você trabalha pra mim e vai fazer o que eu mando! O Secretário tá esperando o meu retorno. O que você quer que eu fale pra ele? Que meu funcionário prefere curtir o sábado do que fazer o que eu mando?

— Não, senhor. Você pode dizer a ele para ir pra puta que o pariu. Inclusive, você pode se juntar a ele. Peça pra que ele te dê uma chupada lenta e vigorosa para que você goze majestosamente e relaxe a ponto de parar de encher a porra do meu saco!

Meu tom de voz foi mais alto do que eu gostaria, o que faz com que meus amigos parem a brincadeira com as garotas do outro lado da rua e voltem suas atenções para mim. Não consigo mais ficar sentado.

Meu chefe, pela primeira vez na vida, fica calado. Quando ele volta a falar, não me surpreendo pelo que diz:

— Você está demitido.

Seu tom é baixo e contido, cheio de ódio. Ele desliga o telefone e eu fico ali, parado, olhando para a parede branca e encardida.

Meus amigos não falam nada, apenas esperam que eu me manifeste. Preciso de alguns segundos para processar o que acabou de acontecer. Vou até a cozinha e pego uma *long neck*, desenrosco a tampa e dou um gole, virando metade da garrafa.

Quando volto para a sala, os quatro continuam na mesma pose, em silêncio.

Respiro fundo e digo:

— Fui demitido.

A reação deles me surpreende. Em vez de pedirem desculpas e dizerem que tudo vai ficar bem, eles começam a pular e a gritar de alegria.

Yuri e Vinícius me pegam no colo, o que me assusta.

Meus amigos estão comemorando. Não posso acreditar nisso.

É então que me dou conta de que eu deveria estar fazendo o mesmo. Liberdade. Estou livre do belzebu.

Me junto a eles na comemoração. Pulando e berrando!

Estou livre.

Ao mesmo tempo, estou fodido.

— Para aí, gente. Caralho, o que eu vou fazer agora?

— Ah, *brother*, sei lá. Qualquer coisa é melhor do que o seu trabalho antigo. Dava pra ver a vida sendo drenada de você — Pablo confessa e eu concordo com a cabeça.

— Mesmo assim, cara, não posso ficar desempregado. Provavelmente o Ítalo vai me colocar na lista negra. Acho que não conseguirei um emprego tão cedo.

— Quem sabe não está na hora de você abrir sua própria firma? — Caio sugere. — É o que você sempre quis fazer.

Eu olho para ele e considero a opção. Só tem um problema. Eu não tenho experiência ou dinheiro para começar. Mas é algo a se pensar.

— Cara, se você quiser, pode trabalhar no bar do meu irmão. Ele sempre tá precisando de gente. Eu posso falar com ele — oferece Pablo.

E, em um sábado qualquer, eu vejo minha vida virar de pernas pro ar.

Não respondo sua oferta, apenas termino minha *long neck*.

Tá na hora de organizar minha vida.



Odeio domingos. Eu sei, a maioria das pessoas odeiam a segunda ou a terça-feira. Mas eu odeio domingos. Domingo tem cara de dia da família, de dia de passear com namorado e fazer qualquer coisa idiota e melosa de casalzinho apaixonado. Odeio domingos. A gente não pode nem sair na rua que esbarra nessa gente toda fingindo ser feliz. Como se não passassem a semana inteira brigando por besteira, castigando os filhos ou pouco se importando com eles. Odeio domingos. Não dá pra ir à praia, não dá pra almoçar fora e nem sair com as amigas, já que ou elas vão almoçar na casa dos pais, avós, papagaios ou saem com seus insuportáveis namorados chatos e machistas.

Por isso, quando acordo, passa das duas da tarde e não tem mais sinal das meninas aqui. A casa está toda arrumadinha. Tenho certeza que a Baby organizou e limpou tudo antes de sair. E tem uma vitamina de banana pronta na geladeira. Obviamente, a Sissi deixou pronta antes de sair.

Pego a batida e vou até a janela. Ontem, as meninas ficaram até tarde brincando de mímica na janela. Mas, lá pelas tantas, meu vizinho indiscreto desapareceu e a brincadeira para mim perdeu a graça. Acabei indo dormir e deixando que elas se divertissem.

Eu nunca fui obcecada por um cara como estou por esse que eu mal conheço. Ou melhor, que eu não conheço. Pelo menos, agora, eu acho que ele não é sociopata, afinal, ele estava interagindo socialmente ontem à noite. Espio seu apartamento, mas parece vazio. Nem sinal dele. Acho que ele deve ser desses caras super certinhos que acordam cedo pra malhar e trabalhar no seu empreguinho chato. Ainda assim, eu não paro de pensar nele.

Eu podia atravessar a rua e perguntar pro porteiro quem mora naquela janela, bater no apartamento e me apresentar. Assim, eu acabo com essa besteira de ficar pensando nele o tempo todo. Sei lá, de repente rola uma química, a gente dá uma boa foda e tudo resolvido. Seremos vizinhos de foda. Até eu enjoar, é óbvio. O que normalmente não demora mais do que quatro ou cinco vezes.

Não que eu tenha algum daqueles traumas de relacionamentos e tal, mas eu não gosto de me envolver emocionalmente. Isso é um fato. Minha vida, minha liberdade, meu corpo, minhas regras. Cada um, cada um. Não suporto aqueles ataques de ciúmes e nem homem achando que preciso ser protegida. Fiz três anos

de aula de *krav magá* pra isso. Eu sei me defender. Se eu quiser um dia ter um relacionamento sério e estável, desses caretas que a sociedade impõe, é porque achei uma pessoa que queira andar ao meu lado, não me carregar ou ser carregada. Não importa se for homem ou mulher, importa que a pessoa seja o meu chinelo novo, porque de velho eu já estou cheia — e nem tenho o pé torto.

Nunca parei muito pra pensar no que a pessoa ideal deveria ter ou ser. Na real, eu nunca me apaixonei. Já fiquei bem a fim de uns carinhas na vida, mas nada de me descabelar, chorar por amor ou ter vontade de conhecer melhor. Eu não devo ser muito normal. Mas quem é?

Eu gosto de sexo, isso eu gosto. Só que acho que ele não tem nada a ver com sentimento. A Be, que namora o mesmo babaca há cinco anos, diz que o sexo sempre é melhor quando se tem mais intimidade. Mas sabe o que eu acho? Que os caras só se esforçam mesmo no início, pra impressionar. Depois eles vão querendo um papai e mamãe bem banal, sem muita força, mais amorzinho, beijinho na boca e pá! A gente tá lá, fingindo orgasmo. Comigo não. Começou a ficar molenga, já dispenso. Deve ser por isso que beijei pouco — e já dei muito.

Aproveito que é domingo (e não tem mesmo o que fazer) e procuro a poltrona que quero pelas lojas virtuais. Rapidinho acho uma que é a minha cara e parece super confortável. Compro. A cor dela é no mesmo vermelho sangue do sofá e vai ficar perfeito no canto da janela. Também compro comida pelo celular. Peço já uma porção extra de rolinhos primavera pro jantar e me jogo no sofá. Zapeio pelo Netflix, procurando algo que eu ainda não vi. Quando uma série lança, eu praticamente corro e vejo tudo em maratona. Esse é o problema de se ter muito tempo livre durante a semana quando todos trabalham.

Eu gostaria de ter uma família. Não a família escrota que eu tenho, cheia de hipocrisia e falso moralismo. Às vezes, fico pensando que não adianta nada nascer em berço de ouro, ter tudo do bom e do melhor, se a pessoa não sabe pensar sozinha. Como a minha mãe. Tudo que o imbecil do marido dela fala, ela concorda. Isso que o dinheiro é dela. Ou melhor, era do meu pai. Imagina se o rico da história fosse o meu padrasto?! Minha mãe parece aqueles bonecos de ventrículo — e o babaca é quem segura as cordinhas.

O dia que ele passou a mão na minha bunda, que depois dei o tapa na cara dele, corri pra contar pra minha mãe. Ela não acreditou em mim. Disse que eu estava inventando porque queria chamar a atenção. Meu irmão, que deveria me defender, ainda concordou que, rebolando a minha bunda do jeito que eu fazia, qualquer um podia colocar a mão. Dos filhos do escroto eu nem ouvi a opinião. Mas passei a dormir com a porta do meu quarto trancada.

Deve ser por isso que eu tenho essa aversão a relacionamentos. Não quero uma pessoa virando a minha cabeça, me deixando cega e burra a ponto de não

acreditar na minha filha, se um dia eu tiver uma. Estou bem assim. Sexo casual faz bem mais o meu estilo.

Não acho nada que me interesse na Netflix. Resolvo escolher um livro, mas antes encaro a janela. Nada dele. Onde meu vizinho indiscreto está? Às vezes, eu penso que ele é muito devagar. Se estivesse realmente me cuidando, como eu o estou cuidando, ele já teria vindo até aqui e falado comigo. Mas aí eu lembro que ele parece ser todo certinho e, se não fosse pelos amigos ontem à noite, eu juraria que ele realmente é um sociopata. Por que eu estou pensando nesse homem de novo? Acho que eu preciso é de uma sessão de descarrego



Quando acordo, a primeira coisa que penso é PUTA QUE ME PARIU, EU TÔ DESEMPREGADO. Mas depois eu lembro que nunca mais terei que aturar o idiota do meu chefe, muito menos receber ligações às tantas da madrugada, solicitando idiotices. Ninguém irá me chamar de incompetente — sem que eu mereça — e eu vou poder procurar algo que me deixe feliz.

O problema é que aquela porra daquele emprego me fazia feliz. Não a parte de trabalhar pro capiroto, mas a parte que eu produzia e analisava projetos. Isso é o que eu pretendo fazer. Em momento nenhum duvidei da minha escolha de profissão. Eu amo Arquitetura. Amo criar, construir, desenvolver, planejar... Sempre foi assim. Lembro que fazia cidades no campo que tinha atrás da minha casa. Pegava algumas pedras, algumas folhas, uns pedaços de madeira e deixava a minha imaginação rolar solta. Até que descobri que era possível moldar a madeira para fazer meus brinquedos. Com doze anos já esculpia vários brinquedos. É... A Arquitetura nunca foi uma dúvida quando escolhi o que estudaria na faculdade.

Entre ajudar a minha mãe com as coisas da casa e cuidar dos jardins dos ricos moradores daquela cidadezinha do interior, sobrava pouco tempo para dormir. Mas quem precisa dormir quando se tem sonhos para realizar?

Geralmente, só me restavam os domingos para fazer qualquer coisa para a escola. Durante os outros dias, eu estudava pela manhã, trabalhava à tarde e arrumava a casa à noite. Minha mãe trabalhava como empregada doméstica numa das mansões da região.

Ao mesmo tempo em que havia muita pobreza, havia, também, muita riqueza, afinal, a região era conhecida pela produção de gado e plantio de soja. Por sorte, minha mãe não precisou se matar de trabalhar na lavoura. Senão, eu teria ido pelo mesmo caminho e *adeus sonhos*. Com um emprego na casa de uma das famílias mais ricas do estado, talvez do país, ela conseguiu que eu trabalhasse no jardim. Comecei a fazer isso quando tinha treze anos e aprendi muito sobre paisagismo. Seu Luís, o jardineiro da fazenda, aprendeu o ofício com seu pai, que aprendeu com o pai dele... Como ele não tinha filhos, nem intenção de ter, me pegou para aprendiz — e eu adorava cada segundo.

Desde então, decidi que, um dia, seria arquiteto paisagista. Só que a

oportunidade de emprego na M&V Arquitetura e Engenharia me fez deixar meu sonho de lado. Afinal, aquela era uma oportunidade única.

Aí me vem à mente: essa coisa de ter sido demitido pode ter sido a forma que o destino achou para que eu parasse de investir em algo que, mesmo gostando, não era o que eu sempre quis.

Esse pensamento me conforta. Sim... Está na hora de focar minhas energias em algo que faça com que eu me sinta realizado.

Por que vejo a minha vizinha em minha cabeça quando penso em me sentir realizado?

Não é segredo que eu me sinto absurdamente atraído por ela, mas... Porra! Eu nem a conheço. Não sei quem é ou o que faz de vida. Se julgar por seus horários e sua roupa no outro dia, diria que ela é uma *stripper*. Só que isso é ser preconceituoso e muito julgador da minha parte. De repente ela é a *hostess* de um clube ou uma...

Sei lá. Pego meu celular e coloco “profissões noturnas” na busca. Primeiro, vem um monte de vagas de trabalho no horário da noite. Depois, eu tento “profissões que trabalham à noite”. Bingo!

- Manutenção
- Coveiro
- Porteiro
- *Barman*
- Taxista
- Mecânico de metrô
- Motorista de ônibus

Fora várias profissões que atuam em casa e outras que trabalham com plantão. Porra! Será que é isso? Será que ela é, tipo, enfermeira?

Minha mente vai direto para ela vestida com uma fantasia bem safada de enfermeira. Imagina só. Eu abro a porta de casa, depois de um dia inteiro de trabalho, e dou de cara com ela, aqui, cabelos coloridos presos em um rabo de cavalo, com um chapeuzinho branco decorado com uma cruz vermelha.

Olho para ela e vejo que está vestindo uma saia muito curta e uma blusa amarrada abaixo dos seios. Os dois únicos botões estão abertos, revelando um sutiã vermelho, que mal comporta aqueles peitos deliciosos.

Imediatamente, minha mão vai para baixo das cobertas, segurando minha ereção. Só de pensar nela, assim, meu pau fica tão duro que chega a doer. Já estou muito excitado, por isso começo a subir e descer meu punho levemente. Não quero gozar ainda.

Com meus olhos fechados, volto a imaginar minha nova obsessão.

Ela me olha com desejo e o ar parece ter fugido da sala. Antes mesmo de tocá-

la, sua respiração acelera, o que faz seus seios subirem e descerem mais rapidamente.

Porra, eu sonho com aqueles peitos. Tenho certeza de que, dada a oportunidade, passarei horas chupando os mamilos, que preciso descobrir se são rosados ou de um tom mais escuro.

Me aproximo lentamente dela, que coloca ambas as mãos na cintura, como se me desafiasse a lhe dar prazer.

Ah, moça... Não duvide disso.

Quando estou próximo o suficiente para tocá-la, passo uma mão gentilmente pela lateral de sua perna, deixando arrepios pelo caminho.

Aqueles olhos azuis esverdeados não se desgrudam dos meus. Estamos em uma batalha: quem irá ceder primeiro? Não sou um homem competitivo, por isso, foda-se. Com as duas mãos, puxo sua cintura para mais perto, fazendo com que nossas bocas se encontrem em um beijo cheio de tesão e desejo. As línguas não dançam, elas batalham entre si. É uma luta, uma guerra para saber quem deseja mais o outro.

Mas essa batalha, com certeza, vencerei.

Na minha fantasia, ela não precisa ser incentivada para segurar minha rola, que já goteja só de estar perto dela. Com mão hábeis, ela desabotoa a minha calça e abre a braguilha, não hesitando em segurar com firmeza a minha ereção.

Enquanto ela geme em minha boca, move o punho de cima para baixo com rapidez: um ritmo perfeito e que me leva à loucura.

Perco totalmente o controle quando ela sussurra contra os meus lábios:

— Goza pra mim.

E eu gozo. Gozo. Gozo mais um pouco, urrando de prazer e sonhando com um nome para que eu possa gritar enquanto chego ao clímax.

Puta que pariu. Se essa mulher é capaz de me destruir apenas como fantasia, imagina o que não aconteceria se eu tivesse a oportunidade de realmente tê-la em meus braços.

La morrer desidratado de tanto gozar.

Com a barriga toda suja e a respiração arfante, fico deitado de braços abertos, tentando me recuperar do que foi um excelente orgasmo.

Lentamente, me levanto do meu colchão e vou em direção ao banheiro. Preciso tomar uma chuveirada.

Aproveito e me lembro do que eu estava pensando antes de me distrair com imagens sedutoras da minha vizinha (espero que) safada. Sim, profissão, carreira, sonhos e decisões a serem tomadas.

Gostei da ideia que meus amigos me deram ontem de abrir meu próprio negócio, mas, para isso, preciso de dinheiro, capital para começar a investir.

O primeiro passo é ir à empresa amanhã para buscar meus itens pessoais e falar com o RH. Só então tomarei as providências necessárias.

Quando acabo o banho e vou para a sala, minha cabeça se volta automaticamente para a janela em frente à minha. Dessa vez, peço para que ela não esteja lá. Ao mesmo tempo que gozei como há muito tempo não fazia, penso que cruzei uma linha imaginária que separava minha paixão platônica de uma obsessão doentia.

Não quero pensar sobre isso agora.

Tomo meu café da manhã — torrada com margarina e um copo de coca-cola — e termino de me arrumar. Ainda são nove horas, mas preciso ir à praia. Só lá é que consigo organizar minhas ideias. Outra coisa que preciso fazer é ver se o irmão do Pablo tem mesmo um emprego, nem que seja temporário, para mim. Eu tenho um pouco de dinheiro guardado na poupança, mas se quero realmente investir em uma firma de arquitetura paisagística, um pouco não será o suficiente.

Preciso de mais. Mais dinheiro, mais dedicação, mais foco. Por que será que vem à minha mente que eu preciso mais *dela*?



Tenho quase certeza de que meu vizinho foi abduzido. Ou morto. Não é possível, a semana inteira passou e eu nunca mais o vi. Nem luzes em seu apartamento. *Ok*. Eu não acordei nenhum dos dias dessa semana antes das duas da tarde e também não dormi nenhum dia antes das cinco da manhã. Mas, porra! Se ele tem uma profissão dessas certinhas, eu deveria tê-lo visto nos fins de tarde ou pelas onze da noite, horário que o pessoal volta da faculdade. Mas ele não estava lá. Nenhum dia. Eu tenho certeza disso porque fiquei cuidando pra ver se ele chegava em casa nesses horários.

Será que ele está viajando? Ou se mudou? De repente, ele passou a semana na casa da namorada. Pensar que ele tem uma namorada me incomoda muito. Por quê? Eu nem sei como ele é e nem pretendo ter um relacionamento com ele. Não quero nada além de uma boa foda pra terminar com a minha obsessão. Mas meu vizinho indiscreto me abandonou ou, sei lá, morreu.

O mais engraçado é que, de alguma forma, eu me sinto triste por não saber onde ele está e não vê-lo. Deve ser TPM. Só pode. Eu nunca liguei muito pra pessoas, principalmente pra caras, mas me sinto completamente conectada a ele. Deve ser só carência pela mudança. Agora que não tenho mais ninguém me vigiando, meu subconsciente deve estar fazendo alguma brincadeira e me pregando uma peça. Mas eu estou muito melhor assim. Eu e meu apartamento. Acho até que estou ficando um pouco antissocial e descuidada. Aproveitei que não tinha compromisso nenhum fora de casa esses dias e fiquei entre livros, séries, músicas e *ifood* a semana toda. Meu maior contato com o mundo foi realizado pela porta do meu apartamento pra receber minha comida e pagar os entregadores. Nem à academia eu fui — e olha que gosto da academia pra aguentar o ritmo dos *shows*.

Pode parecer que a gente não precisa, mas cantar, pular e dançar por uma hora e meia direto não é pra qualquer um. Precisa de condicionamento físico e sei que, depois que entrei pra academia, o meu melhorou em 100%. Fora que eu tenho uma alimentação nem um pouco saudável — ainda mais baseada em tele-entregas — e bebo um pouco mais do que o socialmente aceitável.

Só que hoje não vai ser possível continuar com a minha rotina totalmente feliz e

antissocial, já que a gente vai começar a tocar no tal bar super badalado que a Baby fechou vários *shows*. Como é palco novo, gostamos de passar e repassar tudo umas três vezes antes da apresentação.

Procuro meu vizinho indiscreto na janela mais uma vez, só pra ter certeza do que já sei: ele não está lá. Sem mais tempo pra enrolar, começo os preparativos pra sair de casa. Tirar o pijama é a parte que mais dói, mas faço mesmo assim. Entro no chuveiro, lavo os cabelos, o corpo, desligo a água, me enxugo e começo a me morfar. A ideia de onde ele deve estar não sai da minha cabeça por nenhum segundo. Será que eu devo chamar a polícia? Vai que tenha acontecido mesmo algo com ele. Sei lá. Pode ter bebido demais naquele dia com os amigos ou tomou algo que não conhecia, teve uma overdose...

Olho no espelho e aprovo o que vejo: tô gata. Botina preta de cano alto, sem meia, porque hoje parece que tem um sol pra cada habitante nessa cidade, vestido preto rodado, bem soltinho, leve e alças largas, dando um ar meio anos 60, com aquele decote redondo que levanta a alma de qualquer defunto. No pescoço, um cordão de couro roxo com uma guitarra pendurada, duas argolas prateadas gigantes nas orelhas. Boca roxa, olhos trabalhados no rímel e com sombra preta esfumada. Sem delineador hoje. E sem lentes coloridas. Até parece que meus olhos resolveram ganhar um cor meio lilás em contraste com os acessórios.

Abro a porta de casa. Hora de ganhar o mundo, mas, antes, dou mais uma espiada na janela, vai que ele esteja lá.



Chego no endereço enviado pela Baby. A boate é linda. A fachada toda de madeira envernizada, com um janelão de vidro no meio. Acho que à noite deve dar uma visão da pista de dança, bem convidativa para quem passa na rua. No luminoso, que está apagado a essa hora, o nome Neo, em letra cursiva e vermelho. Curti.

A porta está aberta, então entro e fico ainda mais interessada. Ao lado direito, um bar, em formato de ilha, com bancos altos e algumas poucas mesas. Dou “oi” e ninguém responde. À minha frente, um corredor e, em seguida, uma escada com alguns poucos degraus me leva para cima do bar. Vejo o janelão de vidro, um espaço vazio imenso com outro bar em formato de ilha no meio e, ao fundo, o palco. Nem sinal das meninas ainda. Confiro o relógio e vejo que estou meia hora adiantada — vantagem de morar perto das coisas em uma cidade grande.

No bar, dois homens conversam e parecem não perceber a minha presença.

— Oi? — digo, tentando chamar suas atenções.

Ambos viram-se rapidamente. Apenas um me dá oi de forma animada. O outro me olha como se estivesse encarando um fantasma ou o monstro do Lago Ness.

— Oi. Você é uma das meninas da Estrogenium?

Me aproximo mais da ilha e estendo a mão:

— Isso! Sou a Mika. A vocalista.

— Prazer, Mika, sou o Roger, mas todo mundo me chama de Neo. Sou o dono da casa. — Ele estende a mão de volta e abre um sorriso. — Acho que vocês vão fazer muito sucesso aqui. Na caixinha de sugestões, só dava o nome da Estrogenium.

— Opa! Se depender da gente, então, a Neo vai ter a melhor festa dos últimos tempos. — Sorrio de volta para ele. — Eu fui entrando. Estou um pouco adiantada pro ensaio, mas posso esperar as meninas por aqui?

— Claro. Fique à vontade. Os instrumentos de vocês já chegaram e estão atrás do palco. Se precisar de algo, pode me chamar. Vou ficar por aqui treinando o novo *barman*. — Só então me lembro do outro homem ali presente, que continua me encarando com cara de espanto.

— Oi. — Viro pro babaca e sorrio. Ele me responde apenas com um aceno de mão. Será que é mudo? Olho de novo para o Neo. — Beleza. Vou checar os instrumentos enquanto as meninas não chegam.

O cara babaca continua me encarando enquanto me afasto. Sinto os olhos dele me queimando as costas. Sabe aquela sensação de que alguém está te observando? Pois é. Cara mais idiota. Nem *oi* ele me deu, só ficou me encarando como se eu fosse uma aberração ou um E.T. Odeio pessoas que fazem isso. Normalmente, é por causa dos meus cabelos ou do *piercing*. Gente preconceituosa, tô fora. Só espero que tenha uns *barmen* mais simpáticos que esse pra nos descolar umas bebidinhas ao longo da noite.



Essa semana foi caótica. Nunca pensei que “resolver a vida” fosse dar tanto trabalho. Segunda-feira, eu acordei e fui direto para a M&V tentar descobrir o que fazer. Meu chefe, como esperado, realmente comunicou minha demissão ao RH, porém, para a minha sorte, ele não tinha como provar se foi ou não justa causa. Por isso, receberei tudo que tenho direito: férias, aviso prévio, 13º salário...

Pelo menos vou sair da empresa com uma garantia de que tenho alguma coisa para me sustentar enquanto não invisto.

Terça-feira foi o dia do exame demissional e da homologação que, por sorte, consegui fazer rápido. Depois foi o banco. Odeio burocracia. Não entendo porque as coisas demoram tanto para acontecer. Claro que tive um problema com a liberação do meu fundo de garantia. Se não tivesse, isso não seria Brasil e, sim, Suécia.

Acabou que passei os últimos dias na rua, resolvendo mil questões e aproveitando para voltar a falar com umas pessoas que eu conheci na faculdade. Inclusive, passei lá e conversei com o meu professor orientador. Perguntei se ele sabia de alguém no ramo de paisagismo. Claro que ele conhece muita gente em muitos lugares, por isso, ficou de entrar em contato com uns conhecidos. Ele prometeu que me daria informações em breve.

Mas não posso contar com o ovo no cu da galinha. Por isso, também, conversei com o Klaus, um cara que conheci em um simpósio e que gostou muito do meu trabalho, e com a Sarah, minha ex-chefe. Quando estava na faculdade, estagiei para ela por alguns meses até me ser oferecida a oportunidade de trabalhar na M&V. Ela era excelente e ficou muito feliz por eu ter conseguido uma oportunidade tão boa.

Quando nos falamos por telefone, ela me convidou para tomar um *drink* e botar o papo em dia. Claro, eu aceitei. Por coincidência, ela sugeriu o NEO, o tal bar do irmão do Pablo. De acordo com o que eu ouvi, o Neo funciona como bar durante alguns dias e boate nos outros. Reza a lenda que o *happy hour* é sensacional, principalmente por conta das dose duplas.

Eu ainda não tinha visitado o lugar, mas já tinha ouvido várias coisas boas a respeito. O Pablo sempre me chama para conhecer, só que, ultimamente, eu não

tenho sentido vontade de sair de casa.

Quando chego lá, Sarah já está me esperando, sentada à mesa. Como sempre, ela está linda. Com seus quarenta e poucos anos, ela parece ser do tipo que melhorou com a idade. Sempre achei que ela fosse uma gata, mas hoje ela está muito mais bonita.

— Como você está, meu querido? — Ela se levanta e me envolve em um abraço. O cheiro doce de seu perfume me cerca e seus seios encostam em meu tórax.

Sou do tipo de homem que repara no que as mulheres vestem. Acho bonito quando elas se produzem e colocam roupas que acentuam o que têm de bom. Principalmente neste caso, já que Sarah usa um decote nada discreto e uma calça jeans bem colada, deixando claro que ainda está em muito boa forma.

Sabe o que mais me atrai nas mulheres? Unha feita. Principalmente do pé. Não precisa ser unhão vermelho, pode ser unha curta com esmalte transparente. Contanto que esteja bem cuidada. Acho que a unha é reflexo de como a mulher cuida de si mesma. As unhas de Sarah são compridas e pintadas de dourado. Eu já imagino com que cor a minha vizinha geralmente pinta suas unhas. Será que elas são curtas ou longas? Será que, um dia, ela arranhará minhas costas enquanto está tendo um orgasmo? Puta que pariu. Só de pensar já fico duro. Não posso permitir que Sarah ache que aquilo é para ela.

Poderia até ser, mas não é — e não quero passar a impressão errada.

— Faz muito tempo que não nos vemos, Sarah. Eu estou bem, e você? — Me afasto dela e puxo a cadeira para que ela se sente novamente. — Já pediu alguma coisa?

— Não — ela diz. — Estava esperando por você. Alguma predileção?

— Eu vou tomar um chope zero grau. Depois do dia que tive, preciso de algo bem gelado.

Lembro que Sarah costumava beber um copo de *whisky* às sextas-feiras após o expediente. Por vezes, ela me convidou para beber junto com ela, mas sempre recusei, afinal, não queria parecer pouco profissional.

Para a minha surpresa, ela pede algo diferente. Dessa vez, sua escolha é um cuba libre.

Uma garçonete aparece e fazemos o nosso pedido. Não posso deixar de notar que, apesar de ser a Sarah quem está fazendo o pedido, seus olhos teimam em se voltar para mim.

— E você? Posso te oferecer alguma coisa? — ela pergunta, e eu sei exatamente o que ela quer oferecer.

— Não, obrigado. Ela já fez o meu pedido.

A contragosto, a garçonete vira as costas e vai buscar nossas bebidas.

— Essa aí não foi nem um pouco discreta, mas acho que você faz isso com as mulheres — Sarah diz de maneira divertida. — Lembro que as meninas da empresa eram apaixonadas por você. Sempre ouvia comentários enquanto estava no banheiro.

Eu apenas rio, mas fico encabulado com o comentário. Não esperava essa confissão vindo dela.

— Vai me dizer que você não sabia?

— Eu sou sempre o último a saber, Sarah.

Agora é a vez de ela rir do que digo. Claro que ela sabe que não é verdade. Se ela escutou a conversa das meninas, sabe que eu fiquei com mais de uma. E, se ela escutou a conversa com bastante atenção, deve saber que alguns rumores são verdadeiros.

— Não se faça de desentendido porque isso não combina com você, querido.

— Com um movimento nitidamente calculado, Sarah apoia ambos os antebraços na mesa e se inclina um pouco, aproximando-se de mim. — Na verdade, acho que tem outras coisas que combinariam muito melhor com você.

Nesse momento, somos interrompidos pela garçonete, que traz nosso pedido e o coloca sobre a mesa, forçando Sarah a se afastar novamente.

— Rafael irá servir vocês agora. Meu turno acabou — ela diz, e reparo que deixou, ao lado do copo, um papel com seu nome, “Ju”, e número de telefone.

Quando Sarah vê o que tenho nas mãos, o ar divertido vai embora, e uma carranca aparece no lugar.

— Vejo que, se quiser, já está garantido para essa noite. Tem até uma oferta.

Duas, penso, se levar em consideração que ela praticamente se oferecia há pouco tempo. Mas acho melhor ficar calado.

— Não estou interessado — afirmo.

— E por que não? — Sarah quer saber, mas não acho que deva lhe contar que estou pseudoapaixonado por uma vizinha que sequer conheço.

Essa semana foi difícil. Com os meus horários caóticos, eu quase não parei em casa e, quando chegava, ia direto tomar banho e dormir.

Inclusive, passei a noite de ontem fora, na casa da Gi, uma mina que eu fico com uma certa frequência, mas sem compromisso. Ela me pediu para voltar lá amanhã — e quem sou eu para dizer não?

Nosso caso é simples: quando estamos a fim, ligamos para o outro. Se o outro pode, a gente se encontra; se não, deixamos pra próxima.

Como eu estava com a cabeça na minha vizinha e precisando saber se o meu pau ainda funcionava com outra, achei por bem ver se a Gi estava disponível.

E o resto é história.

— Isso não vem ao caso.

Não quero falar com Sarah sobre Gi, a vizinha ou a garçonete. Acho que ela ainda não entendeu que o motivo de eu ter ligado é profissional.

— Tudo bem. Agora me conte o que você tinha em mente quando me ligou. Apesar de estar muito feliz em poder te ver fora do ambiente de trabalho, duvido que você tenha me ligado apenas para me convidar para uns *drinks*.

— Por favor, não pense que só liguei por que estava precisando de um favor. — Eu só liguei porque estava precisando de um favor. — Você sabe que te considero muito e fiquei muito triste quando tive que deixar a sua empresa. Gostava muito de trabalhar lá.

— Que bom. Você também era muito querido.

Chega de blá-blá-blá e vamos logo ao assunto.

— Fui demitido no domingo. — O sorriso que ela me dá diz que acabei de confirmar suas teorias. — Mas não estou à procura de algo no momento. Na verdade, quero poder conversar com pessoas de uma área específica. — Isso a deixa curiosa: ergue a sobrancelha, gesto que ela usa quando precisa de maiores esclarecimentos. — Veja bem, sempre quis trabalhar com paisagismo e pensei que pudesse conversar com alguns profissionais da área, ter uma ideia de como começar, enfim... É isso. Queria te perguntar se você conhece alguém que possa me orientar.

Com isso, Sarah entra em modo profissional e deixa seus flertes de lado. Ela me conta de suas experiências na área e cita nomes de pessoas que podem me ajudar. Inclusive, diz que posso citar o seu nome caso eu consiga o contato deles.

Fico muito feliz com o que ela tem a oferecer. Sarah sempre foi muito solícita e nunca se negou a ensinar quando alguém não sabia o que fazer. Ela é uma excelente profissional, além de uma chefe justa e compreensiva.

— Vou ligar pro meu ex-sócio, o Coimbra. De repente, ele sabe de alguém que esteja contratando na área.

O resto da conversa flui naturalmente. Sarah é uma mulher muito sensual, mas sua inteligência e sagacidade a deixam ainda mais atraente. Conversamos sobre tudo um pouco e ela me conta que se divorciou recentemente. Com um filho de quinze anos e uma empresa pequena, porém reconhecida no mercado, ela está aproveitando a vida e curtindo aquilo que não podia quando estava casada.

Quando estamos prontos para ir embora, escuto alguém chamar meu nome e me viro para ver quem é.

— Fala aí, cara, beleza?

Por um momento, acho que Pablo está à minha frente, mas os cabelos descoloridos e o *piercing* no lábio inferior fazem com que eu não tenha certeza.

— Pablo? — tento, mesmo sabendo que não é ele.

— Não, cara. Roger. O irmão gêmeo dele. Nos conhecemos há uns anos, em

algum aniversário.

— Ah, claro. E aí, mano, beleza?

Agora faz todo sentido. Principalmente porque estamos no estabelecimento dele.

— Meninos, vou deixar vocês conversando — Sarah diz, pendurando a bolsa no ombro esquerdo. — Henrique...

Ela deixa meu nome morrer e se aproxima de mim, ficando na ponta dos pés e me beija na boca. Eu não tenho ideia do que esteja acontecendo e, enquanto ela me beija, eu olho para Roger, assustado. Minha boca se move em sincronia com a dela, retribuindo o beijo, mas continuo olhando para o amigo do meu irmão, com ambas as sobrancelhas erguidas. Ele tapa a sua boca com a mão para abafar o riso.

— Hmmm — ela diz assim que para de me beijar. — Agora eu sei porque todas as meninas queriam ficar com você. — E vai embora, me deixando completamente sem reação.

Quando temos certeza de que Sarah não pode mais nos ouvir, começamos a gargalhar.

— Que porra foi essa? — pergunto, incrédulo.

— Não sei, mas ela é gostosa pra caralho. — Eu não consigo formular uma frase no momento, por isso deixo que Roger continue falando. — Enfim, meu irmão disse que tu tá precisando de um trampo temporário, é verdade?

— Pô, cara. Tô sim. Na verdade, eu não quero nada que me prenda. Tô com uns planos aí e não posso me comprometer muito seriamente.

Acho melhor ser honesto antes que ele ache que eu estou procurando algo duradouro.

— Tu já trabalhou como *barman* antes?

— Só pegando cerveja na minha geladeira, serve?

— Porra, aí é foda. Mas beleza, tô precisando de mais uma pessoa na quinta-feira, que é dia de *karaokê*, e no sábado, que é quando temos mais gente. E domingos, que é quando ninguém quer. São turnos de oito horas ou menos, com dois intervalos de meia hora.

Ele diz o valor, que eu acho justo, e me avisa que ainda tem a gorjeta, que é sempre boa.

Eu aceito a oferta e prometo voltar amanhã à tarde para começar meu treinamento.



Ser *barman* não é fácil. Ontem, eu passei horas tentando aprender como fazer os *drinks* mais comuns. Consegui alguns — os mais básicos, tipo cuba libre e caipirinha —, mas os mais difíceis precisam de mais prática. No final, combinamos que vou chamar os pedidos, entregar e receber o dinheiro, enquanto a *barwoman* prepara as bebidas. De acordo com Roger, trabalharemos em dupla: Ricardo e Thiago, eu e Bianca, cada dupla em um setor do bar.

— Está preparado para o seu primeiro dia? Daqui a pouco os outros chegam e vocês podem começar a preparar as coisas.

Poucos sabem disso, mas, antes de colocar o bar em funcionamento, a gente precisa deixar algumas coisas pré-prontas, tipo limões e laranjas cortados, além de outros ingredientes que são usados nas bebidas.

— Não, nem um pouco. Na verdade, tô com medo de quebrar os copos e trocar todos os pedidos.

— Fica tranquilo, tá de boa. A gente tava sem você. Pode ter certeza de que pior não fica.

Não sei se ele está certo, mas...

— Oi? — escutamos uma voz feminina nos chamar.

Nós dois viramos para ver quem é e meu coração para de bater por um minuto.

É ela.

A minha vizinha.

A mulher das minhas fantasias.

Puta que pariu, é ela.

Fico se reação. Não sei o que dizer ou como agir.

— Oi. Você é uma das meninas da Estrogenium? — Acho que é isso que Roger diz, mas não tenho certeza, afinal, minha concentração está totalmente voltada para ela.

— Isso! Sou a Mika. A vocalista.

Mika.

Mika.

O nome dela é Mika.

Os dois continuam falando, mas eu não presto atenção em uma palavra do que eles dizem. Meus olhos estão fixos nela.

Ela vira para mim e vejo sua boca se mover. Estou hipnotizado. Apenas mexo com a cabeça.

Mika.

Mika.

Não combina com ela.

Sabe o que combinaria?

Minha.



Confiro todos os instrumentos, mexo no celular, checo as redes sociais, convido o pessoal pra curtir o *show* de mais tarde e nada das meninas chegarem. Parece que o tempo está se arrastando. Roger ainda conversa com o babaca. Parece que mostra e explica coisas pra ele. Não tenho muito o que fazer além de observar e esperar. O babaca, que vou chamar assim, porque simplesmente foi incapaz de me dizer o seu nome, volta e meia ainda me encara com a mesma cara de espanto. Penso seriamente em me aproximar dele e perguntar qual o seu problema. Ele só pode ter sérios problemas mentais.

Se não fosse esse jeito de que viu assombração, eu o levaria pra casa fácil, fácil depois do *show*. Porque que senhora bunda o babaca tem. Na real, ele é todo gostoso. Bem meu número. Alto, ombros largos, braços definidos, cabelo castanho escuro com aquele corte estilo bagunçado e uma barba por fazer. Aposto que, com toda essa bunda redonda e gostosa, as coxas são bem torneadas e, com certeza, embaixo da camisa tem uma barriga de tanquinho, daquelas com mil gominhos. O cara podia ser modelo, fácil. Pena que é babaca.

Acho que o encarei por tempo demais porque, quando percebo, ele me dá um sorriso. Um sorriso, não. Um sorrisão. Daqueles que mostram todos os dentes, covinhas e dizem “sei que sou gato, te pego mais tarde”. Não retribuo. Pego o celular e tento me concentrar em alguma coisa, qualquer coisa. Jura que vou dar moral pro babaca.

— Mikaaaaa! — Baby chega gritando, como sempre, com a Be e Sue a tiracolo.

— Porra! Vocês demoraram, hein? Já estava quase mandando mensagem. Tô uma pá de hora aqui.

— Você que se adiantou. Agora que são seis — Sue responde.

— Cadê a Sissi? — questiono para mudar de assunto. Não quero dar o braço a torcer, mas fui eu que cheguei mais cedo mesmo.

— Já está subindo. Ela parou pra falar com uma conhecida que trabalha aqui — Be diz e começa a afinar a guitarra.

Antes da Sissi chegar, arrumamos o palco. As meninas afinam a guitarra e o baixo, Baby confere os pratos da bateria e nos repassa o repertório de hoje.

— Conversei com o Roger e ele sugeriu que a gente apostasse bastante no *pop*

rock, que é o que o pessoal mais curte. Pensei que a gente pudesse brincar um pouco, já que ele só nos contratou porque nosso nome não parava de surgir na caixinha de sugestões da casa. Provavelmente, é gente que já nos conhece e gosta do nosso repertório — Baby explica.

— Ele me falou isso quando cheguei. Na hora, pensei em abrimos o show com *Tudo ou Nada*. As minas sempre piram quando a gente toca e os caras adoram ver elas rebolando. Todo mundo fica feliz e a gente já arrebenta de cara. — Pisco pras meninas, que dão risadas. Amo essa música: sempre que elas deixam, abro o show com ela. Mesmo que depois eu só cante coisas da modinha, garanto a minha felicidade de cara.

— Bora ensaiar, mulhereda? — Sue chega gritando. — Quem é o DJ da casa?

— Lá em cima — Aponto e só então elas notam que, em cima da ilha do bar, no meio da pista, tem uma cabine de som e um cara lá em cima que já conhecemos de outros bares.

— Fala aí, Fabrizio! — grito. — Tudo certo? Podemos começar?

Ele faz um sinal positivo. Testo o microfone; as meninas, o volume dos instrumentos e começo cantando:

— *“Não tenho tempo pra bobagem. Muito menos pra gastar com você. Se a noite passou e você não fez nada, o que eu posso fazer? Vou me perder por aí, me divertir. A noite me espera. Fazer o que se você não gostar? Eu vim ao mundo foi pra viver, se alguém pode me parar, sou eu e não você...”*

Nossa única plateia enquanto ensaiamos é o babaca do *barman* e uma menina que agora está ao lado dele, só sorrisos. Mas ela não nos nota, é como se nem estivéssemos cantando. Já ele continua me encarando com a mesma expressão de assustado. Sigo cantando, mas agora encarando-o, pra ver se ele se toca e deixa de ser babaca.

— *“Se quiser pode me seguir. Hoje é tudo ou nada, vou com as amigas pra balada, me perder na madrugada. Não tenho tempo pra bobagem, a vida é muito curta pra esperar quem não vem. Eu não preciso mudar, eu sei quem sou e onde vou é o meu lugar. A noite me espera. Fazer o que se você não gostar? Eu vim ao mundo foi pra viver, se alguém pode me parar, sou eu e não você...”*

Ele não para de olhar. Parece até que esqueceu o que deveria estar fazendo. A menina chama sua atenção e ele continua me encarando, como se não notasse a presença dela. Qual o problema desse cara? Sue entra, fazendo o *rap* da música, e eu aproveito pra rebolar e me insinuar. Passeio a mão pelo meu próprio corpo enquanto rebolo, descendo o corpo devagar até o chão. Não pro babaca. Ou será que é pra ele?

— *“Na avenida, señorita, sexy mamasita, vivendo loucamente, estilo dolcci vita, balada toda noite, balada todo dia, embalada na batida hip-hop...”*

De longe, sou capaz de jurar que uma baba escorreu de sua boca. Achou que era o único gostoso dessa noite, Senhor Babaca? Se enganou. Termina a música e, agora sim, devolvo o sorriso. Só o que o meu sorriso diz “Gostou? Azar o seu. Quem manda ser um babaca?”

Passamos mais cinco músicas e a casa começa a receber seus primeiros clientes. Deixamos tudo organizado no palco e vamos pro bar. Sugiro para as meninas que a gente vá pro bar de cima, porque não quero ficar encarando o barman. Elas só concordam, sem me questionar.

No bar de cima, o dono e mais dois *barmans* conversam animadamente sobre alguns *drinks*. A gente se junta a eles no assunto e somos feitas de cobiças pra experimentar as novas bebidas do cardápio. O assunto engrena, as bebidas fluem e, quando percebo, Baby está só chamego pra cima do Roger e Sissi de conversinha com um dos *barmen*. E eu? Eu estou pensando porque justamente o único cara que achei interessante tinha que ser um babaca? Mas também, mesmo que ele não fosse um babaca, não o levaria pra casa, porque ainda tenho esperanças que meu vizinho indiscreto apareça.

Eu só posso ter batido a cabeça na parede, porque não é possível que eu realmente esteja pensando em abrir mão de sexo na minha casa por um cara que eu nem conheço e nem sei mais se ele habita esse universo. Ainda mais sexo com um *Deus Grego* como o babaca. Sério, Micaela? Sério mesmo? Só posso estar ficando doida.

— Meninas, o papo está muito bom, mas é hora de mostrar se valem a fortuna que estou pagando. — Roger corta o clima e dá uma piscada bem safada para Baby. Pelo menos para alguém está garantido o sexo depois do *show* hoje. Pela primeira vez, não sou eu. — Depois que o bar fechar, a gente pode dar uma esticada. O que acham? — ele convida a todas, mas olha exclusivamente pra Baby.

— Pode ser, sim — ela responde, completamente hipnotizada. — A gente sempre dá uma esticada depois dos *shows*.

Chego a ficar enjoada com esse mel dos dois. Sério, qual o meu problema? Agora, além de não querer sair de casa pra ficar cuidando um cara na Janela, eu só presto atenção no único cara babaca daqui e fico com raiva das minhas amigas porque estão preparando o bote pra depois?

— Melhor a gente ir pro palco — digo, ainda irritada comigo mesmo. — Afinal, temos que pagar as contas.

Saio andando entre as pessoas, passo do lado da ilha do bar na pista de dança e sinto exatamente o momento que o babaca me enxerga. Não consigo deixar de encará-lo. E juro, juro mesmo, que se não fosse um babaca, eu pularia pra dentro daquela ilha com ele. Mas continuo o caminho até o palco e o ignoro

completamente. Foco no DJ, espero as meninas se posicionarem e começo:

— *“Não tenho tempo pra bobagens, muito menos pra gastar com você...”*.



Eu já conheci muita mulher nessa vida. Não necessariamente tenha ficado com todas, mas eu já vi todos os tipos de beleza. Se me perguntassem se eu tenho um tipo, facilmente responderia que eu prefiro morenas (a Mila Kunis sempre foi meu sonho erótico). Eu nunca pensei que fosse me encantar por uma branquela com cabelos coloridos e olhos claros.

O pior é que não consigo tirar os olhos dela da cabeça. O que tem de errado com essa desgraçada que faz com que eu não consiga prestar atenção em nada que não seja ela?

Desde de que a vi pela primeira vez, completamente nua e da janela da minha sala, eu não paro de pensar nela. Inclusive acho que estou virando um maníaco. Aí eu fico pensando se essa parada de amor à primeira vista existe mesmo... Semana passada, teria dito que não, que amor à primeira vista não existe e que isso é um conceito inventado pela Disney. Mas hoje? Ah, hoje eu não tenho tanta certeza assim. Qual seria a outra explicação para isso? Atração fatal? Desejo revelado? Intensa paixão? Pelo amor de Deus! Qualquer coisa que não seja um título de filme cafona.

O melhor de tudo foi descobrir que ela trabalha com música.

Quando eu a vi no bar pela primeira vez, nem prestei atenção no que ela e Roger falavam. Honestamente, estava muito estupefato para fazer conexões entre o ouvido e o cérebro. A única coisa que eu conseguia pensar era “puta que pariu, ela está aqui” e “puta que pariu, ela é linda”. Ah, esqueci de “puta que pariu, os peitos dela são maiores do que eu imaginei”.

Quando algumas outras meninas chegaram e se juntaram a ela, me assustei ao ver que eram, na verdade, uma banda. Se ela já não fosse uma fantasia erótica ambulante, a desgraçada ainda tem a voz de um anjo. Não, mentira. Nada de voz de anjo. A voz dela é grave, rouca, mas vai lá em cima quando ela quer. Não entendo nada de afinação, soprano, timbre, agudo ou essas coisas. Só sei que a sua voz me arrepiou da cabeça aos pés — e, agora, não consigo parar de pensar se os gemidos dela são roucos ou se ela grita quando goza.

Nem preciso dizer que quase gozei na calça quando ela começou a se alisar. Se ela ficar repetindo o gesto, vou acabar perdendo o controle, indo para o palco, jogando-a por cima dos ombros e carregando-a para a primeira superfície mais

próxima, onde mostrarei pra ela com quantos paus se faz uma canoa. Ou melhor, como um só pau pode fazer com que ela goze várias vezes.

Infelizmente, chega um momento em que minha concentração precisa ir para outro lugar. Não posso apenas pensar nela. Bianca, a *barwoman* que trabalhará comigo de agora em diante, não me deixa esquecer que eu estou trabalhando. Enquanto elas ensaiavam, consegui prestar um pouco mais de atenção, mas, quando o bar abriu para o público, tive que focar mais no trabalho do que nela.

Claro que, sempre que podia, voltava meu olhar para o meu arco-íris. O que me fez derrubar dois copos. Por sorte, estavam vazios. Mesmo assim, ganhei olhares desaprovadores da minha nova parceira.

Quando nos conhecemos, ela parecia bem mais simpática. Mais solícita e sorridente. Agora tem estado meio curta e grossa. De repente, ela ficou decepcionada com a minha performance.

O movimento acalma um pouco e eu resolvo perguntar pra ela se está tudo bem, antes que as coisas piorem.

— Bi — foi assim que ela pediu que a chamasse —, eu sei que eu não sou bom nisso, mas tenta me dar um desconto, vai? Hoje é meu primeiro dia trabalhando aqui. Ontem eu só observei.

Tento usar um tom de voz tranquilo, já que não quero que ela fique ainda mais irritada.

— Tudo bem, Henrique. Eu só preciso que você se concentre mais no que está acontecendo aqui no bar do que no que acontece no palco. Pode ser? — com ambas as mãos no quadril, numa pose nitidamente aborrecida, ela diz.

— Pode deixar, Bi. Vou me esforçar mais — digo, na expectativa de melhorar o clima entre nós. Ela pode tornar a minha vida muito difícil se resolver pegar no meu pé — e a última coisa que eu preciso agora é de mais preocupações.

Acho que minha postura a tranquilizou um pouco, pois sou recompensado com um sorriso. Nossa conversa é rápida, uma vez que mais clientes aparecem, fazendo seus pedidos.

Depois que me acostumo com a correria, percebo que trabalhar em um bar pode ser bastante divertido — além de ser um excelente lugar para encontrar mulheres disponíveis. Já recebi, pelo menos, uns quinze números de telefone. Isso sem fazer nada, apenas trabalhando normalmente.

Se os meus amigos descobrem isso, mudam de profissão em um piscar de olhos.

A banda, que agora sei que se chama Estrogenium, é, de fato, muito boa. As meninas têm ritmo e muita presença de palco. As músicas que elas tocam animam o ambiente. Várias pessoas dançam e é nítido que todos estão curtindo.

Eu queria poder aproveitar mais o *show*, observar mais a mulher que domina

minhas fantasias, mas, ao mesmo tempo, preciso me manter focado. O que é uma pena, porque se ela estiver fazendo metade do que ela fez no ensaio (ou seja, rebolando e seduzindo a plateia), tudo o que eu queria fazer era olhar e memorizar cada movimento. Aquilo é material para um mês inteiro de masturbação!

Para de pensar em se masturbar fantasiando com a sua vizinha! Isso mostra tendências perseguidoras e fanáticas.

Não sei que horas o show delas acaba, mas sei que já estou cansado pra caralho e tudo que quero é deitar no meu colchão e dormir por horas a fio. Se essas mulheres que me deram os telefones esperam que eu ligue hoje, ficarão muitíssimo decepcionadas. Mesmo se eu tivesse interesse em ligar para alguma delas, precisaria tomar Viagra para conseguir fazer meu amiguinho (que não é tão -inho assim) funcionar. Além disso, ficaria deitado sem fazer um movimento sequer.

Mas ainda tenho algumas horas aqui. De acordo com Roger, isso aqui só fecha por volta das três da manhã, o que é considerado cedo (para algumas pessoas que não vivem no mesmo mundo que eu).

Mika — nossa, é difícil pensar nela como qualquer outra coisa que não “minha vizinha”, “arco-íris” ou “a mulher mais linda desse mundo” — está por aí, rindo e se divertindo, provavelmente curtindo a adrenalina *pós-show*. Sempre que consigo parar por uns segundos, passo meu olhar e tento encontrá-la no meio da multidão. Por vezes, consigo — e o que eu vejo nunca me agrada. Como é de se imaginar, homens de todos os tipos e tamanhos a cercam, mendigando um pouco de sua atenção. Será que, essa noite, a verei transar com outro cara?

Porra, não! Se ela fizer outra sessão privê, juro que entro no prédio dela e bato em todas as portas até achar seu apartamento e conseguir interromper a palhaçada. Não quero saber. Todo mundo tem um limite. O meu é ver um outro cara tocando o que deveria ser meu. Foda-se que ela não me conhece. Ela vai me conhecer. Ah, se vai. E agora que sei que ela virá tocar sempre aqui, encontrei a desculpa perfeita para dar o primeiro passo.

Sei que, mais cedo, eu parecia um idiota olhando para ela com a boca aberta. Mas o susto foi grande. Nem passou pela minha cabeça a possibilidade de dar de cara com ela aqui.

Só que agora eu já me recuperei e preciso fazer algo para que ela passe a gostar de mim. Não eu, o vizinho que a observa, e sim eu, o Henrique. Um cara de verdade que está muito a fim dela.

— Acho que acabamos por hoje — Bianca diz, para o meu alívio. Solto um suspiro e, num ato bem clichê, limpo o balcão com um pedaço de pano velho.

— Tô morto — confesso.

— É normal, depois você se acostuma — ela tenta me confortar.

Sinto sua mão acariciar meu ombro. Bianca está perto demais, tão perto que posso sentir seu peito encostar no meu braço.

— Assim espero — digo e tento me afastar dela, indo em direção ao balcão de trás, onde preparamos as bebidas. Tudo está uma zona e precisamos limpar antes de irmos embora.

— Pode ter certeza. Os primeiros dias são os mais difíceis, depois você pega o ritmo.

Faço que sim com a cabeça, esperando sinceramente que ela esteja falando a verdade.

— Não esqueça de contar quanto tem na sua jarra de gorjetas — ela diz, apontando para uma jarra transparente que está quase completa. Quando ela olha para o objeto, arregala os olhos. — Uau, parece que alguém agradou os clientes.

Roger explicou que, aqui no Neo, os clientes deixam gorjetas nas jarras, assim não precisamos nos preocupar com o dinheiro. É uma tradição que ele começou e deu muito certo.

Quando ele me disse, perguntei se as pessoas não roubavam o dinheiro, e ele disse que não, que aquilo nunca tinha acontecido, o que me espantou, mas me deu esperanças de que as coisas ainda podem melhorar no nosso país.

— Por quê? — pergunto.

— Porque você deve ter o triplo de gorjetas na sua jarra em comparação ao que tenho na minha. E olha que eu sempre me dei muito bem nesse setor.

— Sério?!

— Não se faça de desentendido. São esses seus olhos cor de mel que fazem com que as mulheres se derretam na hora. Sem contar seu sorriso de um milhão de dólares e seus bíceps e peitoral marcados pela camisa branca.

Dou de ombros. Não quero parecer arrogante, mas já estou acostumado a esse tipo de reação. Por isso, fico quieto.

Ainda terminando de trabalhar, podemos ouvir algumas vozes se aproximando. Tenho certeza de que Roger e as meninas da banda estão vindo para cá.

— Elas foram ótimas essa noite — comento, me virando para Bianca.

O que não esperava era que ela ficasse na ponta dos pés e me beijasse na boca. Não tenho tempo de reagir. O beijo dela é agressivo e logo sua língua está dentro da minha boca. Ela geme contra mim, o que me faz cair na real e me afastar.

Quando olho para frente, meu olhar encontra o de Mika, que está descabelada, com os olhos arregalados e a boca aberta.



Nunca me senti tão irritada ao terminar um *show* como hoje. Encerro a apresentação e tudo que eu quero é ir para casa, comer uma barra gigante de chocolate meio amargo, com dois litros de coca-cola, ver se meu vizinho indiscreto dá sinal de vida e pensar por que o mundo é uma bosta e as pessoas são tão falsas. Com certeza estou na TPM — ou qual seria a explicação para tanto mau humor?

Nem morta vou admitir que foi o *barman* babaca. Mas a verdade é que, depois que passei pelo balcão e o ignorei completamente, ele resolveu me ignorar também. Quem ele pensa que é? Durante todo o *show*, todas as vezes que eu olhava pro bar, havia alguma mulher entregando um bilhete pra ele com sorrisos que tinham mais dentes do que boca e ele sorrindo de volta. Fala sério, cada vez que ele sorria, eu achava que o mundo ia explodir e eu ia me jogar no colo dele só pra viver naquele sorrisos.

Fora aquela menina ao lado dele na ilha, que não parava de ficar alisando seu braço toda vez que chegavam perto um do outro. Não sei o que me deixou com mais vontade de matá-la: o jeito que ela tocava nele ou os sorrisos que dava e ele retribuía.

Eu queria ter ido embora quando o *show* acabou, mas, ao contrário disso e pra ser parceira da Baby, que estava toda cheia de amor pra dar pro Roger, e a Sissi de olho no barman da outra ilha, acabei ficando na pista.

Vários caras chegaram em mim, uns até que eu jamais dispensaria se a minha sanidade estivesse intacta, mas acabei dispensando todos. Eu até tentei me divertir, mas quando olhava pro bar, perdia o rebolado e quando não olhava, ficava pensando onde estaria meu vizinho e o que ele estaria fazendo. Será que ele seria um cara parceiro pra me acompanhar nos *shows*, tipo o namorado da Be?

Quando o bar estava fechando, Roger falou mais uma vez em continuar a festa de forma mais tranquila, já tinha até chamado o irmão e outros amigos e eu não tive como fugir.

— A gente vai pro meu apê. Ficamos na cobertura, lá nós não perturbamos ninguém. Vamos só ali chamar o Henrique que meu irmão pediu.

Ele foi na frente, de mão dada com a Baby, e eu atrás com a Sue, conversando

sobre o próximo *show* e o que poderíamos fazer pra variar o repertório, já que a Sissi havia ficado na outra ilha, esperando o seu *barman*, e a Be e o namorado estavam nos esperando no carro.

De repente, o Roger para no meio da pista de dança, eu esbarro nele e, quando olho pra frente, o babaca está no maior amasso com a mina que trabalha com ele, toda derretida na sua boca. A noite não poria ficar pior.

— Henrique — Roger interrompe os dois —, as meninas vão lá pro meu apê e o Pablo disse pra te chamar também. Bora? Bianca também pode ir.

O babaca me encara com a mesma cara de antes, e a periguete, toda faceira, responde:

— A gente vai sim, Roger. Já terminamos aqui — e dá um beijo na bochecha do babaca, que continua me olhando com cara de quem viu fantasma.

A noite não poderia piorar. Dou as costas pro casal apaixonado e só rezo que tenha algo bem forte pra beber na casa do Roger.



Minhas preces são atendidas e no apê do Roger tem uma variedade considerável dos mais diferentes tipos de destilados. Tudo que eu necessito nesta noite de merda. Antes eu tivesse escolhido um dos carinhas da pista de dança e o levado pra casa pra uma boa foda. Ou tivesse ido dormir com meu chocolate amargo, a coca-cola e os pensamentos no meu vizinho sumido.

Enquanto a Sissi e seu *barman* ficam dando amassos furiosos num canto, Baby e Roger em outro, a Be sentada no colo do namorado, eu e Sue ficamos conversando com o Pablo, irmão do Roger, um outro carinha chamado Caio e o babaca, que agora sei que se chama Henrique, com sua insuportável peguete chamada Bianca. Cada vez que a mina abre a boca ou alisa o braço dele, penso em formas de se matar uma galinha com requintes de crueldade.

Sempre que sinto raiva de alguém, me lembro de um vídeo que vi no Youtube, onde o cara fazia um pequeno corte no pescoço de uma galinha e deixava todo seu sangue escorrer. A vida ia se esvaindo do olho da bichinha lentamente enquanto o sangue jorrava. Fiquei muito impressionada e achei de tamanha crueldade. Mas, nesse momento, faria exatamente igual com essa piranha alisadora de braços gostosos.

Resolvo esquecer a mina e o babaca e concentrar a minha energia no irmão do Roger, que me dá o maior mole e parece bem interessado na nossa banda e repertório. Ele é bem apetitoso. Não vou sobrar nessa noite. Já que tudo foi uma

merda, pelo menos vou garantir um orgasmo.

— Certo que semana que vem vou te ver cantar — Pablo diz e pisca para mim.

— Se você for, canto algo só pra você... — Pisco de volta e falo com voz suave. O cara já está no papo.

— A voz da Mika me deixou todo arrepiado, Pablito. Tinha que ver como a galera estava curtindo o *show* — o babaca se mete na conversa. Se ele sorrir mais um pouco desse jeito, eu vou tirar a mina a tapa do lado dele.

— Achei que nem tivesse dado tempo de ouvir. Do jeito que recebia bilhetes das mulheres e que a sua namorada marcava em cima, te tocando e sorrindo... — falo sem pensar e me arrependo na hora.

— Namorada? Eu não tenho namorada. Sou solteiro e desimpedido. — Olho pra cara da mina, que parece espumar de raiva e fica mais vermelha que uma pimenta malagueta. Ele acompanha meu olhar. — Só ficamos hoje. Não temos nada sério.

Minha vontade é de soltar uma gargalhada. Ele até que soou sutil pra dispensar a peguete. Acho que também está incomodado com a marcação dela.

— Desculpa aí — digo, rindo —, não queria estragar o lance de ninguém.

— Não estragou, querida. — A mina dá um sorriso irônico pra mim. — Estamos apenas começando...

Não sei se quero arremessá-la da cobertura pelo sorriso irônico, pelo desafio que eu senti na sua voz ou se pelo “*querida*”. Detesto que me chamem de querida. Mas vou ficar na minha, ainda quero salvar a minha noite trágica e pretendo me dedicar a isso com o Pablo. Volto a minha atenção para ele e ignoro completamente a *barwoman*.

— E você, faz o que da vida? — Sorrio.

— Trabalho num escritório de arquitetura. Faço projeto de casas e interiores.

— Nossa! Eu devia ter te conhecido antes de me mudar. Mesmo assim, ainda tem muita coisa pra fazer e decorar no meu apê novo. Você podia ir lá pra me dar umas ideias, né? — Faço uma voz mais sedutora, mexo nos cabelos e não perco o contato visual pra ele entender bem o recado.

— Só se for agora, gata.

Bingo! Garanti melhorar essa noite.



Só por cima do meu cadáver! é o que penso quando escuto Pablo se oferecer para ir agora ao apartamento de Mika. Tenho que pensar em alguma coisa, e rápido.

Putá que pariu, que noite complicada. Depois que Bianca me beijou, tudo foi por água abaixo. Ou não, pois senti um certo ar de ciúmes vindo da minha vizinha. Só percebi que estava enganado quando ela começou a se oferecer pro Pablo.

Por mais que eu tentasse participar da conversa, ou me mostrar interessado no que ela dizia, Mika sempre dava um jeito de desviar do que eu estava falando e focar suas atenções no meu amigo.

Não pude deixar de notar o jeito que ela alfinetou Bianca, o que foi muito divertido. A tensão entre as duas é óbvia. Deve ser uma coisa de mulher querendo mostrar quem é a mais gostosa da parada, sei lá... Não entendo o porquê das duas se estranharem tanto, porém fingirem simpatia uma para outra.

É isso que não entendo nas mulheres. Quando querem uma coisa, fingem que não. Quando não gostam de uma pessoa, fingem que sim. Quando dizem que tá tudo bem, na verdade não está. Quando dizem que já gozaram, muitas vezes é mentira. É impossível saber o que se passa na cabeça delas.

Agora, vendo Mika se oferecer — descaradamente, diga-se de passagem — para Pablo, não posso evitar pensar que ela quer, na verdade, algo diferente. Desisto!

Mas não. Em hipótese alguma eu vou deixar que ele vá para o apartamento dela. Eu me joga da janela antes de ter que ver um dos meus melhores amigos trepando com a mulher que eu tô a fim. Tô a fim, não. Isso é pouco. Tô encantado, fascinado, apaixonado, enlouquecido...

— Pô, Pablo, não sabia que você e a Sheila estavam em um relacionamento aberto. Bom saber — joga a informação no ar.

— Que Sheila? — Mika e Pablo perguntam ao mesmo tempo.

— Sua namorada, Pablo. Aquela que você namora há sete anos e, inclusive, pediu para morar junto com você na semana passada...

Por um momento, sinto pena do meu amigo. O olhar de desprezo que ele recebe de Mika é assustador. Sério, de fazer um homem adulto chorar. Bem feito. Quem mandou querer comer a mulher dos outros?

Sei que estou ferrado com o meu amigo, mas pouco me importo. Depois eu resolvo isso.

— Quer dizer que você tem namorada e estava se oferecendo para “ir lá em casa me ajudar com a decoração”? — Mika reage, fazendo o sinal de aspas na mão e deixando claro que tinha outras intenções ao convidá-lo pra sua casa. Oferecida. *Se ofereça pra mim, não pra ele!*

— Eu não sei do que ele está falando, gata, eu juro. Não conheço nenhuma Sheila — Pablo tenta se justificar, mas o estrago já foi feito.

É claro que eu preciso piorar as coisas um pouquinho:

— Que isso, mano?! Tudo bem que você tá a fim de pular um pouco a cerca e experimentar coisas novas, mas daí a fingir que ela não existe é sacanagem. A Sheila ficou ao seu lado durante todo o seu tratamento da gonorreia, e agora você ignora a existência dela? Vacilo.

Se olhares fulminassem, eu já estaria morto. Pulverizado. Já estou pensando no que terei de fazer para conseguir que Pablo volte a falar comigo. Inclusive, já me imagino faxinando a casa dele ou algo parecido.

— Gonorreia?! — Mika praticamente grita e dá dois passos pra trás.

— Eu nunca tive gonorreia! Isso é invenção desse maluco. Nunca tive gonorreia e nunca tive uma namorada chamada Sheila.

— Para com isso que já tá ficando feio, Pablo. Eu sou seu melhor amigo, por que iria querer te prejudicar? — finjo inocência. — Mika, desculpe. Eu só achei que nem você nem a Sheila merecem ser enganadas. Não sei nada sobre você, mas, pelo que posso ver, me parece ser uma mulher íntegra, independente e que se valoriza. Perdão se falei demais ou atrapalhei seus planos.

Putá que pariu, eu deveria tentar ser ator! Mika ainda me olha um pouco desconfiada, mas parece estar aliviada ao mesmo tempo. Já Bianca continua muda — e assim espero que fique.

— Valeu, Henrique. Acho que já deu a hora de eu ir pra casa — ela diz, virando as costas e saindo sem se despedir de ninguém. Eu a deixo ela. Afinal, também irei para casa. Espero encontrá-la na janela. Há um tempo não nos vemos dessa forma.

— Seu escroto, filho de uma égua! — Pablo diz assim que ela está longe do alcance.

— Prometo te explicar tudo, Pablito. Vai fazer muito sentido, mas agora eu preciso ir.

Saio correndo. Quero tentar chegar antes dela em casa. Vou ter que correr. Ela, com certeza, ainda vai chamar um táxi, mas, como moramos a três quarteirões de distância, acho que se eu correr, tenho chances de ser o primeiro.

Passo correndo por ela, literalmente, enquanto Mika se despede das amigas.

Quando ela chegar, terá uma surpresa.

Eu estarei pelado na sala, pronto para brincar com ela.



Sinceramente, eu não deveria ter saído de casa hoje. Se eu continuasse na minha semana de filmes, livros e ifood, teria evitado essa noite de desastre total e sem a menor chance de melhorar.

Pelo menos o babaca não é tão babaca assim. Se não fosse o Henrique, eu poderia estar amanhã cheia de doenças venéreas da pior espécie ou, sei lá, sendo assassinada por uma tal de Sheila que eu não faço ideia de quem seja, mas namora há sete anos o Pablo. Odeio esses caras que se metem em relacionamentos e depois ficam dando mole para outras minas. Porra! Se o cara quer ficar à caça, que termine seu rolo. Agora, se ele quer namorar, que fique com o pinto no devido lugar.

Eu posso curtir só sexo casual, mas confesso que de jeito nenhum curto caras comprometidos. Tenho é asco. Na hora que o Henrique falou da Sheila, eu broxei. Pior foi o escroto do Pablo fingindo que não sabia do que o melhor amigo estava falando. Como alguém esquece uma namorada de sete anos? Se ele ainda tivesse admitido... Mas não. Deixou o Henrique ainda contar da gonorreia e de como a namorada perfeita ficou do lado do cara durante todo tratamento.

Eu mal consigo pensar na possibilidade de ter um relacionamento. Ainda mais com um cara cheio de porcarias que pegou por aí trepando sem proteção. Não tenho nem dúvidas de que eu o mandaria pastar assim que descobrisse e faria algum tipo de vodu pro pinto dele cair ou ficar broxa pra sempre — e, no outro dia, estaria no médico cuidando da minha saúde sexual.

Se eu abomino caras comprometidos, abomino mais ainda quem faz sexo sem proteção. Ficar expondo as pessoas a qualquer tipo de doença é muito egoísmo. Tô fora.

Foi só Henrique terminar de falar que dei um jeito de sair de perto do escroto do Pablo. Fui me despedir das meninas. Roger ainda tentou me convencer que o irmão poderia me levar pra casa, mas tentei poupá-lo de explicações do porquê cinco minutos antes a minha ideia era ter um noite de sexo com seu irmão e agora eu tinha medo até de apertar a mão dele. Desconversei, disse que não precisava. Baby, toda preocupada, me puxa para um canto:

— Você está bem, Mika? — Ela analisa meu rosto — Parece que está irritada.

— Acho que frustrada seria a palavra certa. Mas tá tudo bem. Ou vai ficar assim que eu chegar em casa, tirar essas roupas e me jogar na minha cama fofa e

grande.

— Achei que você ia sair com o irmão do Roger... — Não a deixo terminar, dando uma risada.

— Eu também... mas o cara parece ser um escroto e daqueles ainda que tem um monte de pereba no pau. Melhor ir pra casa sozinha hoje. Depois te conto melhor.

— Tá bem. Te ligo amanhã, diva.

Me despeço dela, abano pras outras meninas e, quando estou saindo, vejo o Henrique sair correndo e a Bianca, sentada no sofá onde estava, segui-lo com os olhos. Acho que o cara literalmente fugiu dela. Se ele tivesse feito isso antes, poderia ser que a minha noite terminasse de uma maneira menos trágica. Enfim. Ele até que parece ser um cara legal. Um pouco metido e não confiável — afinal, quem conta que o melhor amigo teve gonorreia na frente da mina que ele tá tentando pegar? —, mas entendi que foi meio que pra me proteger. Ou tentar melhorar a má impressão que tive dele no início. Não sei bem.

Só o fato dele ter deixado aquela *barwoman* pra trás já me deixou mais felizinha. Nem sei por que estou implicando tanto com a mina ou por que fico pensando nele. Parece que realmente eu ando com tendências esquisitas. Mas que a noite poderia ter terminado bem melhor se eles não estivessem se pegando, isso com certeza. Terminaria comigo tendo uma foda gostosa com um dos caras mais lindos que já vi. E quando ele sorri? Eu viveria naquele sorriso minha vida inteira. Naquele corpo também. Só de imaginá-lo me segurando com todo aquele tamanho de braço, minhas calcinhas ficam molhadas.

Pra completar, o cara do táxi que chamei pra ir embora ficou os três quarteirões da distância da corrida falando, sem parar, sobre política. Eu curto esse tipo de papo com os motoristas, mas não às cinco da manhã, levemente alcoolizada, totalmente broxa e com vontade de me enfiar na minha cama e não sair de lá pelo resto da vida. Eu queria mandá-lo à merda, mas o cara não tem culpa da minha noite completamente fracassada.

Quando finalmente entro em casa, vou me livrando do vestido, coturnos e sutiã pela sala mesmo. Entro na cozinha, sirvo um copo gigante de coca-cola, pego minha barra de chocolate e penso no meu vizinho indiscreto. Tenho certeza que ele não está lá. Se não estive a semana inteira em horários normais, por que estaria às cinco da manhã de um domingo?

Resolvo espiar na janela, só para não perder o costume, e, para minha surpresa, a luz do seu apartamento está acesa. Sinto um reboliço no estômago de ansiedade, me aproximando da janela mais rápido e, quando olho, ele está lá. Pelado. Posso jurar que sua barriga tem mais gominhos do que qualquer outro ser humano e seu pau, uns 20 centímetros. E que ele é perfeito. E está sorrindo. E,

Deus!, como ele pode ser tão lindo mesmo eu não vendo nitidamente seu rosto? E por que eu tenho a sensação de que já nos conhecemos?

Se não fosse uma total loucura, poderia jurar que ele estava me esperando. Até parece que ele está sorrindo pra mim. Ou me convidando pra brincar. Será? Na dúvida, abano.



Entrei em casa, acendi a luz e comecei a tirar a roupa. Estou exausto, mas mesmo assim, não quero perder a oportunidade de fazer com que Mika se sinta bem hoje.

A noite foi muito cheia de situações. Se ela estava a fim de “pedir dicas de decoração” para o Pablo, é porque ela está precisando relaxar um pouco — e será comigo. Terei que manter minha vizinha satisfeita via janela até que ela resolva me dar uma chance pessoalmente.

A quem estou enganando? Eu também preciso de um pouco de alívio. Desde que a conheci, estou em estado constante de excitação, se é que isso é possível. Não com o pau duro, afinal, isso seria um motivo sério para fazer uma visita ao médico, mas sinto tesão a porra do tempo todo. Estou à flor da pele.

Além disso, a vida é injusta. Há duas semanas, estava irritado e precisando de uma boa foda. E o que aparecia? Nada. Agora, que estou louco por uma mina, todas as outras parecem se interessar. Sarah e Bianca resolvem colocar as garrinhas para fora. Como dizer que eu não tô a fim sem deixar a situação desconfortável?

Além de Pablo, Tamarindo é outro que está muito puto comigo. A minha mudança de horários fez com que ele se sentisse magoado. Eu entro em casa e nada dele se esfregar em mim. Tudo bem que são cinco horas de manhã e ele deve estar dormindo, mas esse comportamento dele não é normal.

Acendo a luz e olho pela janela. A sala de Mika ainda está apagada, sinal de que consegui o que queria e cheguei antes dela. Rapidamente, termino de remover todas as peças de roupa. Não quero dar oportunidade para ela não me olhar.

A última vez que me toquei foi pensando nela — e hoje *será pra ela*.

Vejo quando Mika entra em casa, mas ela demora um pouco para entrar no meu campo de visão. Só a expectativa de saber o que pode vir a acontecer já me deixa muito excitado. Meu pau passa de meia bomba a nuclear assim que bato os olhos nela.

A desgraçada está só de calcinha. Aqueles peitos empinados à mostra. Quando ela finalmente percebe que a estou observando, ela para por um instante, provavelmente sem saber como prosseguir. Não consigo evitar o sorriso que estampa meu rosto. Como é bom ver aquela mulher cheia de atitude sem reação. Será que ela está apreciando meu corpo da mesma forma como eu aprecio o dela? Será que ela está, ao menos um pouco, curiosa com o que está se passando entre

nós? E, principalmente, será que ela consegue sentir essa eletricidade que parece vibrar toda vez que nos olhamos?

É então que ela faz o impensável: me dá um tchauzinho. Ou seja, ela sabe que estou aqui, sabe que a estou observando e, mesmo assim, não está chamando a polícia. É agora ou nunca.

Ela mantém seu olhar voltado para cá e é isso que eu quero. Gentilmente, começo a passar a mão no meu peitoral, mostrando a ela que eu gostaria que ela se tocasse também, mas Mika não faz nada, apenas mantém seus lindos olhos azuis esverdeados fixos em mim. Tudo bem. Eu não me importo em guiar. Passo os dedos pelos meus cabelos, mostrando a ela meu braço. Sei que tenho bíceps fortes e sei, também, que mulheres gostam disso.

Com calma para que ela não perca um movimento sequer, desço ambas as mãos pelo meu tórax, peito, barriga e chego ao caminho da felicidade. Mas não estou a fim de chegar nessa parte da brincadeira. Ainda não. Por isso, dou mais uns passos em direção à janela. Quando estou no limite, simplesmente fico olhando para ela. Com os dedos de uma mão, passo a acariciar meus lábios, dizendo com esse gesto que adoraria tomar aquela boca carnuda e rosada em um beijo que nos deixaria sem fôlego. Minha outra mão continua acariciando meu abdômen, subindo e descendo lentamente, do mesmo jeito que faria com o corpo dela até que estivesse implorando para que eu a tocasse entre suas pernas. Seria um desafio, com certeza.

Não sei quanto tempo passo ali, sentindo o meu corpo e olhando para ela. Enfim, Mika resolve se juntar a mim naquele jogo de sedução. Sim, porque é isso o que estou tentando fazer: seduzir minha vizinha. De uma forma voyeurística e inusitada. Porém, preciso fazer com que ela se sinta bem. Preciso saber que eu a excito, nem que seja um pouco.

Pelo que pude perceber dela, Mika é uma mulher bem resolvida que, quando resolve fazer algo, se entrega por completo, não se importando para o que os outros vão pensar.

Suas mãos começam hesitantes, se restringindo apenas a seu rosto, pescoço e cabelos multicoloridos. Eu a imito. Quando desço minha mão novamente pelo meu peito, ela faz o mesmo. Para minha loucura, Mika segura ambos os seios com a mão e, gentilmente, aperta seus mamilos. O contato faz com que ela jogue a cabeça para trás e junte mais as pernas, como se precisasse da pressão.

O vazio que ela deve sentir entre as pernas combina com a dor que sinto em meu pau, que nunca esteve tão duro antes. Duro, grosso, arroxeadado e gotejando na ponta. Isso só de ver minha vizinha manipular seus maravilhosos peitos. Minha boca enche de água com a vontade que tenho de chupar cada um daqueles bicos rosados, que tenho certeza que estão rijos.

Não quero que ela pare de brincar com seus peitos, mas, ao mesmo tempo, preciso aliviar a dor que sinto em meu membro. Uma das minhas mãos desce por meu abdômen, a encorajando a fazer o mesmo. Para a minha felicidade, ela repete os meus movimentos.

Suas mãos, muito pequenas comparadas às minhas, acariciam sua barriga lisa. Ela não é do tipo magrinha, mas tem curvas em todos os lugares certos. Sua cintura é fina e vai abrindo até chegar nos quadris largos. Seu corpo é uma obra de arte e suas pernas são torneadas e grossas, perfeitas para estarem ao redor da minha cabeça enquanto eu chupo sua boceta doce.

Mas, por enquanto, tenho que me contentar com ela fazendo um *show* pela janela. Ela se acaricia, não deixando um centímetro intocado, do mesmo jeito que eu faria se ela estivesse ao meu alcance.

Não aguento mais esperar e, finalmente, deixo minha mão descer ainda mais, chegando aonde eu tanto desejo. Com firmeza, seguro meu membro duro, gemendo com o contato. Vejo ela repetir o movimento, descendo sua mão até onde suas pernas se juntam. A imagem à minha frente é erótica demais para que eu mantenha a sanidade intacta. De início, começo meus movimentos com calma e suavidade, ritmados, um vai e vem prazeroso, porém não o suficiente para me fazerem chegar lá. Vejo que Mika faz o mesmo. Ela se toca, mas não com pressa. Assim como eu, ela está aproveitando a sensação. Aproveitando o momento.

Quando ela usa a mão livre para brincar com um de seus mamilos, não consigo segurar um gemido e começo a acelerar meus movimentos. Ela sabe o que está fazendo, sabe que está me enlouquecendo.

Mika percebe que meu ritmo está mais rápido e intensifica os movimentos circulares que faz contra seu clitóris. Só de pensar que ela deve estar encharcada, uma gota de sêmen escorre da pontinha do meu pau e sinto um aperto nas minhas bolas, indicando que meu orgasmo está perto. Com os olhos fixos nela, acelero ainda mais o sobe e desce, apertando um pouco mais meu pau em meu punho.

Vejo quando ela também passa a se tocar de forma mais frenética, louca para alcançar o alívio. Ela joga a cabeça pra trás, e eu não consigo mais segurar. Com um urro, que tenho certeza que ela consegue escutar, eu gozo, jorrando, sujando o chão e parte da janela. Continuo com os movimentos, querendo prolongar o prazer. É então que a escuto dar um grito, um gemido alto e feminino, indicando que ela também gozou. O que sempre achei ser impossível acontece: só de ouvi-la gozar, sou tomado por um segundo orgasmo, minhas pernas bambeiam e eu preciso apoiar uma das mãos na janela para me manter de pé. Os sons que emito são uma mistura de prazer, alívio e desespero.

Caralho.

Preciso de uns minutos para me recuperar. Minha visão é turva e a respiração

ofegante.

Putá que pariu.

Quando recobro minha razão, olho para a frente, procurando minha vizinha, que me encara de volta. Esse foi um momento que nunca esquecerei. Jamais. E espero que ela também não. Se eu pudesse, a beijaria agora. Um beijo que a assegurasse que amanhã de manhã, ao acordar, eu ainda estaria ali, ao lado dela, pronto para lhe dar mais prazer.

Mika parece não saber o que fazer. Do mesmo jeito como as coisas começaram, elas terminam. Minha vizinha me dá um tchauzinho, vira as costas e sai do meu campo de visão.

O dia está amanhecendo e, em breve, diversos outros vizinhos abrirão suas janelas para deixar a luz entrar. Enquanto eles acordam, eu vou dormir, pensando no momento mais erótico que já tive em toda minha vida.



Desperto com o celular tocando.

— Oi — digo ainda dormindo.

— Onde você está?

— Na casa do meu vizinho.

— Ondeeeeeee? — Baby dá um grito agudo no meu ouvido que me faz acordar e abrir os olhos.

— Na minha cama, sonhando com o meu vizinho.

— Que história é essa, gata? Me conta. Quero saber tudo.

— Depois, Baby, ainda não acordei direito. Que horas são? — agora falo irritada. Meu sonho estava ótimo: eu e meu vizinho indiscreto, ele me chupando de uma forma selvagem. Só que ele tinha a cara do Henrique.

— São três horas da tarde, gata. Trata de acordar e colocar um biquíni que a gente vai pra praia — ela diz toda animada.

— Pirou, né? Jura que vou sair de casa num domingo, ainda mais pra ir pra praia com um monte de famílias hipócritas e fingindo ser feliz. — Agora estou realmente irritada: ser interrompida de um orgasmo pra ir à praia num domingo.

— Ah, Mika, qual é? Vamos curtir. As meninas já toparam, não vai ser a mesma coisa sem você. Eu até comprei morangos pra fazer a sua caipirinha preferida. Vamos, por favor! — ela faz voz melosa e me chantageia com álcool. Golpe baixo.

— Ai, Baby... — Já sei que Baby não desistirá, mas tento manter a minha marra.

— Poxa, amiga. É só um domingo de sol na praia com as amigas e os amigos do Roger... Quebra essa pra mim. — Vejo coraçõezinhos saindo pelo telefone ao escutar minha amiga pronunciar o nome do dono da Neo.

— Achei que era só a gente... não tô a fim de encontrar com o escroto do Pablo. — Domingo, praia, hipocrisia e um cretino cheio de porcarias venéreas? Realmente, tô fora.

— Afinal, o que aconteceu ontem? — ela pergunta, preocupada

— Ai, depois te conto...

Baby me interrompe:

— Tá, me conta no caminho. Te pego aí em 20 minutos.

— Baby, eu não... — ela desliga o telefone e não me deixa terminar de falar.

Me espreguiço na cama e penso no meu vizinho indiscreto e em nosso momento ontem na janela. Se não fosse ele salvar minha noite, meu humor hoje estaria muito pior. Eu nunca imaginei que poderia sentir tanto prazer fantasiando com alguém que eu nem conheço. Foi muita loucura quando ele começou a se tocar. Parecia que estava me mandando recados. Mas, na hora que eu resolvi entrar no jogo, parece que uma conexão se fez entre nós. Eu juro que podia sentir como se ele realmente estivesse me tocando.

Quando fui dormir, ele não saía da minha cabeça. Isso explica, em parte, meu sonho. Agora, o que o rosto do Henrique fazia no lugar do rosto do meu vizinho? Até que eles são parecidos, têm o mesmo porte, mas meu vizinho parece bem mais gostoso e nem um pouco babaca. Se bem que o Henrique ontem ganhou uns pontos quando me livrou da encrenca do amigo dele. Mesmo assim, tinha aquela peguete pendurada em seu pescoço, como se fosse dona do cara... Só espero que ela não esteja na praia junto. Porque se ela estiver, eu a afogo no mar.

Dou um pulo da cama e a primeira coisa que faço é ir até a janela da sala, conferir se meu vizinho está lá, mas o apartamento parece vazio. Será que eu sonhei ontem ou realmente ele estava lá? Era real. Eu sei que era, mas por que agora o apartamento parece totalmente sem vida de novo? Eu queria tanto conhecê-lo. Acabar com essa minha fissura que só aumentou depois da nossa noite. Só espero que ele não seja uma decepção total na realidade. Porque, na minha fantasia, com certeza ele é um homem por quem valeria abrir mão de todos os outros.

De repente, uma ideia me ocorre. Procuro papel e caneta, escrevo um cartaz dizendo “Vou sair, te espero às nove. Adorei nossa noite”, e colo na janela. Espero que ele leia meu recado. Olho no relógio e Baby já deve estar chegando. Me visto e saio porta fora. Às nove da noite, eu espero que meu vizinho indiscreto esteja me esperando.

Quando chego na calçada, Baby já está lá. Entro no carro e ela e Roger estão no banco da frente e no de trás, Henrique. Dou um oi meio carrancuda e reclamo do programa.

— Você não curte praia? — Henrique pergunta e abre aquele sorriso onde eu poderia morar.

— Não. — Corto o assunto. Nem tomei café da manhã ainda pra conversar, ainda mais com um cara gostoso como ele.

— O que você gosta de fazer nos domingos, Mika? — Ele insiste e meu nome na boca dele parece uma promessa de boa foda.

— De ficar na minha casa, com meus livros, séries, filmes, *ifood* e música. — Dessa vez, tento ser mais simpática. A promessa de uma boa foda em sua voz me

deixa molhada.

— E ficar cuidando o vizinho gostosão que ela tem e até sonha com ele — Baby fala e dá uma gargalhada. Fico furiosa.

— Cala boca, Baby! — falo mais alto e irritada do que deveria.

— Que vizinho? — Henrique e Roger perguntam ao mesmo tempo.

— Não interessa. — Fecho a cara, abro a bolsa, puxo meus fones de ouvido e ignoro completamente todos os ocupantes do carro até chegarmos na praia.

Quando estacionamos, saio do carro me arrastando. Onde eu estava com a cabeça de sair de casa pra vir à praia? Tudo me irrita — e me irrita mais ainda não saber onde meu vizinho indiscreto estava quando acordei. É possível se apaixonar por alguém que a gente nem sabe quem é? Se for, acho que, pela primeira vez na vida, estou apaixonada. Ele parecia tão quente e ao mesmo tempo carinhoso ontem à noite. É total loucura, eu sei. Na real, o cara parece ser pervertido. Afinal, quem se masturba na janela pra alguém que não conhece? Perverso ou não, não consigo parar de pensar nele.

Me aproximo de onde Sue, Sissi e Be estão. Elas conversam animadas sobre algumas coisas, mas nem presto atenção, pois, ao mesmo tempo que as cumprimento, Henrique tira a camiseta. Chego a salivar quando vejo seu abdômen. O homem parece ter sido esculpido em cada detalhe. Ombros largos, braços grandes, fortes, abdômen com tantos gomos que não consigo nem contar e quase nenhum pelo. Quando me dou conta, ele está me encarando com a cara mais safada do mundo e aquele sorriso no rosto. O babaca percebeu que eu o estava secando.

— Vou comprar algo pra comer, não tomei café ainda — ignoro completamente a cara de safado e aviso minhas amigas.

— Quer companhia? — Henrique pergunta. Dou de ombros. — Eu ainda não tomei café também.

— A tua dona não vai ficar braba de chegar e não te encontrar? — falo ironicamente.

— Dona? — Ele parece confuso.

— A Bianca. É esse o nome dela, né?

— Sim, mas a gente não tem nada. Eu não estou a fim dela.

Reviro os olhos e saio caminhando. Henrique vem atrás.



Se dormir foi um problema, acordar foi um maior ainda. Por mais que tentasse, não consegui ignorar os ronronados e miados altos que Tamarindo fazia. Claro, além de ser um gato, ele também funciona como despertador.

Ontem à noite, ou melhor, hoje de manhã, quando deitei no colchão, fiquei me revirando de um lado para o outro, tentando achar uma posição para dormir. Algo estava faltando. Mika. Depois do que fizemos, ela deveria estar ao meu lado, deitada no meu braço. Quando o sono chegasse, eu a viraria de costas para mim, e dormiríamos de conchinha.

O momento mais erótico da minha vida foi, também, o que mais me deixou me sentindo estranho e vazio. Não quero algo impessoal com ela. Eu quero mais. Só preciso fazer com que ela sinta algo por mim. A mina parece mais teimosa que mula e duvido que seja fácil fazer com que ela admita que está a fim de mim também.

Do vizinho, tudo bem. O que aconteceu deixou isso claro. Agora, do Henrique... Não sei. Preciso dar um jeito de fazer com que ela se interesse pelos dois, não apenas pela fantasia que mora do outro lado da rua.

Em vez de acordar às duas da tarde como eu planejei, Tamarindo me tira da cama antes de dar onze, o que significa que tive menos que quatro horas de sono — e hoje ainda tenho que voltar para o Neo. Para minha sorte, o turno aos domingos é menor. Devemos chegar às sete e sairemos às onze. Tranquilo, comparado a ontem.

Depois de dar a atenção merecida ao meu gato, arrumar um pouco a casa e colocar algumas roupas para lavar, resolvo fazer aquilo que não tive tempo a semana inteira: exercícios físicos. Mesmo sem disposição, não posso ignorar o fato de que meu corpo pede que eu me exercite. Não apenas para manter a forma. Apesar de eu curtir o jeito como as mulheres (e, vamos ser honestos, alguns homens) me olham, eu não sou do tipo metrossexual e extremamente vaidoso. Só que peguei gosto pelo exercício e por estar em boa forma, porque aí eu posso tomar quantas coca-colas eu quiser e comer quantos cachorros-quentes do Lino (o cara da carrocinha da esquina) eu tiver com vontade.

Coloco uma bermuda e uma camiseta regata branca, calço meu tênis de corrida, enfio a chave embaixo do tapete na frente da porta e vou pra rua. Eu não moro no

bairro mais propício para fazer corridas. Afinal, é muito movimentado. Por sorte, descobri um condomínio por perto que tem um parque no meio. Pouca gente sabe, mas esse parque é aberto ao público. Não é muito grande, por isso fico dando várias voltas. Só que é bem melhor do que esbarrar nas pessoas o tempo todo.

Diferente da maioria, que gosta de correr ouvindo música, eu prefiro apreciar o som das coisas ao meu lado. Uns chamam de poluição sonora; outros, como eu, de som da cidade. Vivi no campo minha vida inteira. Cansei de ouvir o canto dos passarinhos. Quero mais é ouvir buzina, conversas, gritos... O que eles representam é que eu estou bem onde sempre quis estar, fazendo o que sempre quis fazer (ou quase).

As pessoas reclamam muito das coisas, parecem nunca estar satisfeitas. Reclamam que têm pouco dinheiro, mas compram roupas caras e televisões de sei-lá-quantas polegadas. Reclamam que não têm tempo, mas passam o dia inteiro com a cara no celular. Reclamam que seu(sua) namorado(a) está traindo, mas sempre estão muito ocupados(as) com muitas coisas e não podem lhes dar atenção e carinho.

Eu já reclamei muito. Já reclamei por não ter brinquedos, por não ter pai, por não ter dinheiro para comprar uma lata de coca-cola, para não ter o que comer, para não ter roupas que não estivessem furadas. Até o dia que eu percebi que reclamar não fazia diferença. O que faz com que as coisas mudem são ações, não reclamações.

Estar aqui, no meio do barulho e do caos da cidade, comprova que eu agi. Eu saí de lá e consegui chegar aqui. Hoje, apesar de ainda não ter muito dinheiro nem ter todo o sucesso que eu gostaria, me considero um cara feliz.

Só uma coisa me deixaria ainda mais contente: Mika. Preciso dar um jeito de ter aquela mulher. Sério, senão sou capaz de enlouquecer. Ela consome meus pensamentos e me faz ter esperanças. O que é perigoso. Muito perigoso.

Enquanto corro, fico bolando formas de fazer com que ela goste de mim, o Henrique. Não sei por que, mas ela parece não curtir muito a minha companhia, o que é estranho, pois nunca fiz nada a ela para justificar essa atitude hostil. Pelo menos, eu acho que não.

Penso, penso, penso e não consigo formar um plano coeso. Vou precisar contar com a sorte para que possamos estar juntos em algum momento e, assim, eu consiga conversar com ela. Nunca tivemos a oportunidade de estar a sós — e eu quero isso. Porra, quero muito.

Quando chego em casa, sou saudado por um Tamarindo que se enrosca em minhas pernas e por um celular que não para de tocar:

— Fala aí — digo quando vejo o nome de Roger no visor.

— Topa uma praia hoje? — ele pergunta, sem ao menos um oi para começar a

ligação.

— Claro. Que horas? — Praia é comigo. E, com o calor de hoje, um bom mergulho cairia perfeitamente.

— Te encontro às duas na frente do bar, pode ser? A Baby está comigo — ele diz, se referindo a uma das minas da Estrogenium e a mulher com quem ele estava brincando de “pega-amígdalas” ontem à noite — e ela tem carro. Passamos lá pra te buscar em mais ou menos meia hora, pode ser?

— Já é.

Meia hora é tempo suficiente para tomar um banho e chegar no Neo.



O que não esperava era estar no carro e ver a Baby estacionar logo na frente do meu apartamento. Claro, ela veio buscar a Mika. Ainda bem que eles me pegaram no bar. Imagina se eles descobrem que eu moro logo de frente para ela?

Não demora quase nada para Mika sair do prédio. Linda. Ela está de *shorts* e camiseta. Nada demais ou muito revelador, mas fico babando do mesmo jeito. Será que ela sabe que rebola quando anda? E que aquele vai-e-vem me hipnotiza e me deixa com água na boca? Por sorte, tem uma mochila no banco de trás, que deve ser de Baby ou de Roger. Pego a mochila e coloco no meu colo para esconder o efeito que aquele rebolado tem.

Quando ela entra no carro, seu semblante é de quem acabou de ser recrutada para matar filhotinhos de cachorro. Ela dá um *oi* para todo mundo, mas pra ninguém especificamente. Parece uma criança birrenta. Linda.

— Você não curte praia? — não consigo resistir e pergunto.

— Não — ela responde secamente e continua de braços cruzados, olhando para frente.

Roger e Baby estão no maior papo no banco da frente, nem ligando para o que está acontecendo aqui.

— O que você gosta de fazer nos domingos, Mika? — tento puxar assunto, afinal, quero que ela veja que sou um cara legal, uma boa companhia. Mas vejo que essa garota vai ser osso duro de roer. Ou *lamber*. Ou beijar, começando do dedo mindinho do pé e chegando àquela boca carnuda que tenho certeza que tem gosto de algodão doce.

— De ficar na minha casa, com meus livros, séries, filmes, *ifood* e música — ela responde, me tirando de minhas fantasias. Seu tom de voz parece menos ríspido.

— E ficar cuidando o vizinho gostosão que ela tem e até sonha com ele — Baby fala do banco da frente, seguida de uma gargalhada.

Eu não posso acreditar nisso: ela está falando de mim. Só pode. Seria muita coincidência ela ter outro vizinho que nem eu. Será que ela tem outro vizinho que nem eu? Será que ela se toca olhando para outro vizinho também? Não. Não. Eu tô viajando. Não.

— Cala boca, Baby! — Mika praticamente grita, bastante irritada com o comentário da amiga.

— Que vizinho? — eu pergunto, e Roger também. Quero ter certeza de que sou eu e não outro cara qualquer e pervertido. Tudo bem que eu posso entrar na categoria de pervertidos, mas, pelo menos, sou um pervertido com boas intenções.

— Não interessa — Mika responde. Ela não quer falar no assunto. Ao mesmo tempo que se mostra irritada, percebo um rubor em seu rosto.

Ah, sou eu! Ela deve estar se lembrando do que fizemos ontem. Ou hoje, sei lá.

Ah, Mika... Faça isso mesmo. Se lembre de cada detalhe. Eu também não consigo tirar aquele momento da minha mente.

Queria poder segurar a mão dela, num gesto que lhe mostrasse que estamos juntos, que eu amei o que fizemos e que eu adoraria fazer tudo de novo. E de novo. E de novo. Até que ela me desse uma chance como Henrique e permitisse que eu venerasse seu corpo e a tocasse realmente.

Assim que chegamos, Mika sai do carro e não parece nada feliz com a situação. Não sei se é a minha presença que a desagrada tanto ou o fato de sua amiga ter abordado o assunto “vizinho”.

Na areia, as outras meninas nos esperam. Mika as cumprimenta sem entusiasmo. Eu falo com todo mundo da maneira mais simpática e natural que consigo, mas meu pensamento está inteiramente focado nela. O que será que posso fazer para deixar a situação um pouco mais agradável? Não quero que ela se sinta mal ou desconfortável.

Removo minha camiseta e tiro-a do avesso. Depois, jogo em cima da mochila de alguém. Respiro fundo e fecho meus olhos por um segundo. Se eu pudesse, moraria aqui. Não há nada que se compare à sensação de estar na praia. O cheiro, a brisa, o sol... É o paraíso. Quando finalmente abro os olhos, tenho a melhor surpresa do ano: Mika (descaradamente, diga-se de passagem) admira o meu corpo. Seu olhar queima a minha pele mais do que o sol de verão. Desejo está estampado em seu rosto. Não posso evitar um sorriso. Quando seus olhos encontram os meus, noto que ela ficou um pouco encabulada por ter sido pega no flagra.

Calma, linda. Você pode olhar o quanto quiser. Olhar, tocar, lamber,

chupar...

— Vou comprar algo pra comer, não tomei café ainda — ela diz bruscamente.

— Quer companhia? — ofereço. Esta é a oportunidade que estive esperando.

— Eu ainda não tomei café também.

— A tua dona não vai ficar braba de chegar e não te encontrar? — ela pergunta e posso sentir o sarcasmo em sua voz.

— Dona?

— A Bianca. É esse o nome dela, né?

Ah... Já entendi tudo. Quero dizer que ela não precisa ter ciúmes, mas acho que, orgulhosa como é, não ficaria muito feliz com o comentário. Opto por uma outra resposta:

— Sim, mas a gente não tem nada. Eu não estou a fim dela — tento deixar claro. Não quero que ela pense que eu estou comprometido ou sequer envolvido com mais alguém.

Ela sai em direção a não sei onde e eu a sigo.

— Hey, o que você está com vontade de comer? — pergunto.

— Ainda não sei.

— Que tal um pão na chapa? — sugiro. — Tem um quiosque aqui que faz o melhor pão na chapa da cidade. Sem caô.

— Tudo bem.

— Se você não tá a fim, a gente pode comer outra coisa.

— Eu disse que tudo bem. Agora me deixa.

Não aguento mais o tratamento à base de gelo. Foda-se. Preciso falar alguma coisa. Seguro seu braço, fazendo com que ela pare de andar. Mika me fuzila, olhando do meu rosto para a minha mão que a mantém parada.

— Me solta — ela diz, seu tom sério.

Eu a ignoro.

— Por que você é tão escrota assim comigo? O que foi que eu fiz pra você? Pelo que sei, eu te trato bem, converso direito com você, puxo assunto... E você é sempre ríspida, gelada. Não entendo qual é a sua. Sério. Tem necessidade de me tratar assim? Ou você prefere caras babacas que te tratam que nem lixo? — Em algum momento do meu desabafo, eu soltei seu braço.

Mika apenas me encara, não acreditando nas palavras que acabaram de sair da minha boca.



QUEM ESSE MOLEQUE PENSA QUE É PRA SEGURAR O MEU BRAÇO E FALAR ASSIM COMIGO?

Não consigo me concentrar em uma resposta à altura do que o babaca acabou de falar porque tudo que vejo são seus lábios grossos quase que me ordenando que eu os beije. Então, é isso que faço. Aproximo meu corpo de Henrique, que me olha sem entender nada, fico na ponta dos pés (afinal, ele é alto demais), enlaço meus braços em seu pescoço e, sem pensar duas vezes, encosto nossos lábios e abro passagem em sua boca com a minha língua, pressionando com força. Ele tem gosto de coca-cola com canela.

Henrique corresponde o beijo. Seus braços me envolvem, puxando meu corpo com força para mais próximo dele e só esse gesto me deixa com o biquíni molhado. O beijo é urgente, cheio de promessas, selvagem e desesperado. Parece que a minha vida inteira procurei por essa boca. Parece que combinamos perfeitamente. O beijo tem sincronia, tem fogo, tem desespero. Não quero parar e, pelo visto, nem ele. Henrique me mantém no mesmo lugar. Seu corpo, muito maior que o meu, me domina de uma forma que não estou acostumada. Só que, neste momento, eu me entrego e me deixo ser levada por lábios firmes e, ao mesmo, tempo suaves. Estamos ofegantes e, quando ele solta a minha boca para buscar ar, afasto nossos corpos.

— Eu te trato assim porque você sempre me olha como se tivesse enxergando um monstro.

— Eu não... — Eu o interrompo, fazendo um gesto de silêncio.

— Depois, você se acha muito gostoso e fica só sorriso pra todas as mulheres. Não gosto de gente assim. Além disso, eu poderia ter ficado fácil, fácil com você, se você já não estivesse pegando aquela *barwoman*. E, por último, só para você entender bem, não gosto de cara babacas que me façam de lixo. Gosto de caras gostosos que me deem prazer. Normalmente, são eles que dizem que eu os trato como lixo.

Dou as costas e saio caminhando. Henrique vem junto tentando falar algo.

— Mika, eu...

— Será que a gente pode não conversar agora? Eu ainda nem tomei a porra do café da manhã!

— Ok. — Ele sorri como se tivesse entendido todos os segredos do Universo.
— O pão na chapa que te falei é logo ali. — Aponta para a direita e me dá a mão, entrelaçando nossos dedos.

— O que você pensa que está fazendo? — Olho para as mãos entrelaçadas e para seu rosto várias vezes tentando entender o que está acontecendo.

— Te levando pra tomar café da manhã. — Ele pisca e sorri.

Por mais incomodada que eu esteja, é reconfortante sentir a mão de Henrique sobre a minha. Sua mão é grande e não posso deixar de imaginá-la acariciando meu corpo. Só de pensar, sinto um calor consumir o meio das minhas pernas. Será que meu vizinho também tem mãos grandes? Ele e Henrique têm o mesmo porte. Meu vizinho... O que será que está fazendo essa hora? Será que já viu meu bilhete?

Henrique solta a minha mão e me dou conta que chegamos ao local que ele havia sugerido. Por que sinto um vazio quando perdemos o contato físico?

— Como você gosta do seu pão? — ele pergunta, sorrindo.

— Integral, com queijo minas e um suco de morango. — Ele sorri e vai até o balcão enquanto acho uma mesa para sentarmos.

Henrique volta com dois pães na chapa, o meu e o dele, tradicional, meu suco e uma lata de coca. Comemos em silêncio. Percebo que ele está me observando e sorrindo. Não consigo entender o que ele pensa.

— Já me sinto uma pessoa normal — digo, retribuindo aquele sorriso lindo que não para de me encarar.

— Você é sempre assim antes de tomar café? — ele pergunta, rindo.

— Assim como? — finjo indignação.

— Assim... linda, birrenta e malcriada. — É possível que o sorriso dele tenha ficado maior ainda do que antes?

— Sim e não. Sim, porque eu detesto sentir fome. E não, porque não foi só isso o que me deixou de mau humor hoje de manhã — explico. — Outra coisa que me irrita é ser acordada e foi isso que aconteceu hoje.

Omito alguns detalhes em minha breve explicação. Claro que nunca falaria para ele que estava tendo sonhos eróticos com meu vizinho — muito menos que, no sonho, meu vizinho era ele. Ou ele era o meu vizinho, não sei. Mas o fato é que meu vizinho tinha a cara dele, o que, definitivamente, nunca irei confessar.

— E o que faz com que você acorde de bom humor? — O tom que ele usa para fazer a pergunta sugere que sua mente é tão poluída quanto a minha.

Mas será que eu quero começar a dar esse tipo de abertura assim tão cedo? Não sei. Por isso, acho melhor responder com algo mais seguro.

— Acordar por conta própria, sem ter que sair correndo para fazer alguma coisa e poder tomar um bom copo de coca-cola bem gelado. Isso, com certeza, me

deixa de bom humor de manhã — respondo e sou recompensada com uma risada gostosa.

É legal ver uma pessoa que sorri tão genuinamente e com o corpo inteiro. Ele joga a cabeça para trás e parece que todo o seu corpo participa. Esse cara, mesmo sem saber, me desarma — e eu não entendo o porquê.

A primeira vez que o vi, ele me pareceu um babaca que julga as pessoas sem conhecê-las. Quanto mais tempo eu passo ao seu lado, mais eu vejo que há uma chance — mínima, talvez — de eu ter me enganado. Ele parece ser bem tranquilo, relaxado — e nunca mais vi um olhar reprovador vindo dele.

— Eu não acredito que você toma coca-cola de manhã — ele comenta.

— Adoro coca-cola. Minhas amigas dizem que esse é um dos meus vícios.

— O meu também. Preciso admitir que a minha geladeira sempre está vazia. Nunca faço compras, já que, normalmente, como fora. Mas se tem um item que não falta é coca-cola — ele revela, me fazendo rir um pouquinho. — Não acredito! — Henrique praticamente grita e se levanta da mesa, assustado.

— O que foi? — pergunto, preocupada.

— Você sorriu pra mim.

Fico sem saber o que dizer. O jeito como ele me olha é muito íntimo, muito invasivo. Muito mais do que eu estou preparada para aceitar nesse momento.

Dou uma risada, sem graça, e me levanto da mesa pra pagar.

— Relaxa, Mika. Já paguei. — Henrique pisca o olho pra mim.

— Quanto eu te devo? — Não curto essa coisa de caras pagando qualquer coisa pra mim, mesmo que seja um pão na chapa e um suco.

Ele para em minha frente, segura na minha cintura e me puxa pra um beijo. Me derreto assim que suas mãos grandes tocam a minha pele e, por um segundo, penso que sou uma completa idiota por fugir de relacionamentos. Por um momento, esqueço o modo como ele me olha ou como ele me faz sentir. Esqueço até da forma irracional que eu ajo quando ele está por perto. O beijo dele tem a capacidade de me fazer esquecer meu próprio nome. Eu poderia ficar com o Henrique assim todos os dias. Depois de fazer o *test drive* sexual e constatar que é tão bom e cheio de promessas como seus beijos. Ou com meu vizinho indiscreto.

Me afasto dele pra recuperar o fôlego. Por que meu vizinho tem sempre que invadir meus pensamentos?

— Bora dar um mergulho, gata? — Ele beija a minha testa de uma forma muito carinhosa.

— Bora. Mas preciso deixar minhas roupas com as meninas. — Tiro a camiseta e vejo Henrique salivar. Sorrio.



Até que a ideia de passar a tarde na praia não foi tão ruim. Ainda mais com Henrique. O cara é divertido, gostoso e *sexy*.

Ele me conta que adora praia e que sempre foi seu sonho conhecer o mar. Como ele vem do interior, passou a infância sem saber o que era sentir a maresia envolver sua pele.

— Foi amor à primeira vista — ele revela. — Desde então, venho à praia sempre que posso. Mesmo quando está frio e a água está gelada demais para entrar, eu fico apenas sentado na areia, refletindo. Tem algo no vai e vem da água que me acalma e me ajuda a pensar em soluções, em ter ideias para projetos.

O modo como ele fala do mar é poético demais. É impossível não sentir o que ele está sentindo nesse momento. Inclusive, já começo a pensar que o relacionamento dele com o mar daria uma excelente canção.

— Que projetos? — pergunto, embalada pelas ondas.

Estamos dentro da água, em uma parte que não é muito funda, mas longe o suficiente para termos um pouco de privacidade. Felizmente, o mar está calmo hoje, o que nos deixa curtir um pouco.

— Ah, é. Esqueci que você não sabe...

— Sei do quê?

— *Barman* não é minha profissão de verdade. É só algo temporário enquanto me organizo para dar o próximo passo em minha carreira — ele confessa. Muita coisa passa a fazer sentido. O modo como ele parecia perdido atrás do bar, como ele sempre parecia pedir ajuda para a atirada da Bianca, como ele ficou focado no que estava fazendo a ponto de me ignorar completamente... Não era por ele estar indiferente a mim. Era porque ele precisava se concentrar em algo que não lhe era familiar.

— E o que você faz “de verdade”? — pergunto, fazendo o sinal de aspas com os meus dedos.

— Eu sou arquiteto. Eu e Pablo nos conhecemos do trabalho — ele pausa —, ou melhor, do meu antigo trabalho. Fui demitido há pouco tempo.

— Por quê?

— Como posso explicar sem parecer um idiota? Hmm... — Ele coça o queixo, fingindo que está pensando. — Eu fui mandado embora porque mandei meu chefe à merda.

Por um momento olho para ele, sem acreditar que ele fosse capaz disso. De repente, começo a gargalhar. Muito. Não consigo parar. Fico imaginando ele, todo

arrumadinho, educado e bonzinho, mandando o chefe à merda.

Minha risada é silenciada pelos lábios dele, que se encostam nos meus. Ele me beija em meio a risos e dá um tapa de levinho no meu braço para que eu pare. Mas não consigo.

Quando Henrique para de beijar a minha boca e começa a beijar meu pescoço, apertando minha cintura com firmeza, o riso cessa na hora. Silenciosamente, ele exige que eu me concentre inteiramente no que ele faz. Meu corpo responde ao dele. Excitada é pouco. Estou em estado de ebulição. Se com uns beijos ele me deixa assim, imagina se tivermos a oportunidade de estarmos juntos, nus, na minha cama?

A tarde passa assim, em meio a beijos, risadas e Henrique me contando um pouco sobre ele e sua vida. Seus projetos e objetivos. Descobri que ele quer abrir uma empresa de Arquitetura e Paisagismo, que é sua real paixão.

Porém, me dou conta que ele pensa que estamos nos conhecendo melhor. Acho que não entendeu que eu não estou à procura de um relacionamento, o que me incomoda bastante. Mas a culpa é minha. Acho que beije mais o Henrique hoje que beije todos os outros durante a minha vida.

— Eu tenho que ir trabalhar, quer ir comigo pro Neo? Hoje acaba cedo, podemos fazer algo depois — Henrique interrompe meus pensamentos.

— Não posso. Tenho um compromisso às nove. — Lembro do meu vizinho indiscreto. Ainda quero me encontrar com ele novamente.

— A gente pode se ver depois, então? — ele insiste.

— Acho que sim. Me liga. — Dou o número do meu celular para ele. Um beijo em sua bochecha e me levanto da areia. — Vou indo. A gente se fala depois.

Não dou tempo para ele falar nada e saio andando. Preciso pensar. Preciso entender o que está acontecendo comigo. Eu sei que estou fugindo dele e do que aconteceu hoje, mas acho necessário. Até uns dias atrás, eu abominava qualquer tipo de relacionamento que envolvesse algo além de sexo. Agora, marco encontros com meu vizinho indiscreto e passo uma tarde inteira de beijinhos com um cara lindo e gostoso, sem avançar o sinal nenhuma vez. E pior, suspirando, como se eu fosse a adolescente bobinha e apaixonada que eu nunca fui. E eu estou apaixonada por quem? Pelo vizinho indiscreto ou por Henrique? Será que é possível se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo?

Só de pensar no meu vizinho, um rebuliço se forma em minha barriga. Minhas mãos começam a suar frio, minha calcinha fica molhada e meu corpo inteiro parece responder ao pensamento. E em Henrique? Sinto as mesmas coisas. Definitivamente, eu só posso estar surtando.

Nunca me apaixonei na vida e, quando me apaixono, é por dois ao mesmo tempo? Isso é paixão? O que eu devo fazer agora? Quando foi que as coisas

ficaram tão complicadas?



A Mika é foda. Sério. Essa mulher não para de me surpreender. Quando acho que desvendei quem ela é, acontece alguma cosia que me faz mudar de ideia. São tantas camadas que eu me perco. Ela me mantém constantemente intrigado. Como é possível uma pessoa te irritar e excitar ao mesmo tempo?

Quando finalmente desabafei, juro que esperava um tapa na cara. Ela não me parece ser o tipo de mulher que gosta de ser desafiada. Não que eu a tenha insultado ou machucado fisicamente. Nunca faria isso. Porém, tenho consciência de que eu não fui a pessoa mais gentil ao expor a minha opinião.

Pouco importa. Tem coisas que precisam ser ditas e eu não sou o tipo de homem que curte viver em incertezas. Muito menos tolero não saber o porquê de as coisas serem do jeito que são. Por isso que a coloquei contra a parede e exigi saber qual era a dela.

E o que acontece? Ela me beija.

Não um beijinho de nada, na bochecha. Um puta beijão que me faz querer continuar beijando aquela boca para o resto da minha vida.

A cada passo, tenho mais certeza de que, com ela, eu iria até o fim. E, por fim, quero dizer casamento, filhos, casa própria, de repente mais dois gatos para fazerem companhia para Tamarindo. Imagina só: Eu, Mika, João Gabriel e Helena (nossos futuros filhos), Tamarindo, Acerola e Pitanga (nossos três gatos). Moraremos em uma casa com três quartos, um escritório para mim e transformaremos o porão em um estúdio de música para Mika. Seremos uma família feliz e bem-humorada. Faremos visitas guiadas à fábrica da Coca-Cola, passaremos as férias conhecendo praias diferentes e frequentaremos festas de aniversário dos amiguinhos dos nossos filhos e reuniões na escola.

Além disso, treparemos pelo menos três vezes por dia até que eu fique broxa e ela fique toda flácida e com os peitos encostando no umbigo.

Já tenho nosso futuro planejado. Só me falta saber que ela quer o mesmo que eu.



O nosso primeiro beijo foi maravilhoso, a conversa que se seguiu foi reveladora, a tarde que passamos juntos foi memorável e ter que me despedir de Mika foi de cortar o coração. Principalmente porque, do nada, ela simplesmente se afastou e foi embora.

Honestamente, acho que ela não está acostumada a carinho. Ela parece muito bem resolvida sexualmente, além de ter vários amigos e de ser uma pessoa extremamente simpática. Mas, para quem presta atenção, como eu, não é difícil reparar que aquilo que ela mostra é apenas uma camada. Eu fico me perguntando se alguém sabe realmente quem ela é, se ela já se permitiu ser vulnerável e estar em uma situação na qual ela pode se machucar.

Acho que não.

Será que ela já se apaixonou?

Tenho vinte minutos para começar meu turno no Neo e ainda estou aqui, tomando banho e me questionando sobre Mika. Quando cheguei da praia, entrei correndo em casa, sujando a minha sala com areia e voei para o banheiro. Afinal, se eu me atrasar, a Bianca vai encher o meu saco e começar a me dar sermão sobre responsabilidade e profissionalismo.

Bianca. Tá aí outro problema que eu preciso resolver. Eu nunca dei a entender que estava a fim dela. Tudo bem que eu correspondi o beijo — por dois segundos, mas correspondi. Só que isso não justifica que eu queira ficar com ela. E o modo como ela se colocou ao meu lado, como se tivesse algum tipo de reivindicação sobre mim, me deixou bastante desconfortável. Naquela hora, eu não disse algo, pois não queria deixá-la envergonhada na frente dos outros, mas depois do que aconteceu com Mika hoje, sei que preciso pôr um basta no que ela pensa que pode vir a acontecer entre nós. Mika é o tipo de mulher que detesta homens traidores e eu quero que ela veja que eu sou o tipo de cara em quem ela pode confiar, com quem ela pode ter um relacionamento.

Quando me dou conta, passei pelo menos mais dez minutos debaixo do chuveiro e esqueci da hora. Agora, preciso correr para não chegar atrasado. Ou melhor, não chegar tão atrasado assim.

Com tanta pressa, não tenho tempo para ao menos dar uma olhada na janela da frente. Será que Mika saiu da praia e foi para casa? Ou será que ela ainda está por aí, fazendo sabe-se lá o quê?

Não tenho tempo para pensar muito nisso. Corro os três quarteirões que distanciam minha casa do Neo. Quando chego lá, estou suado e ofegante, mas olho no relógio e vejo que são 17h59. Em cima da hora. Perfeito. O bar ainda está vazio. Apenas alguns funcionários já estão por aqui.

No bar de baixo, Bianca já começou os preparativos para a noite.

— Olha só quem resolveu dar as caras — ela diz, assim que me vê.

— Boa noite pra você também, Bi. Como foi seu dia? — pergunto de forma irônica. Bianca ri.

Quando eu vou para a parte de trás do balcão, ela anda em minha direção — é impressão minha ou ela está rebolando mais do que o normal? — e para na minha frente. De repente, ela fica na ponta dos pés e aproxima seus lábios dos meus, querendo passar seus braços ao redor do meu pescoço.

Uma vez, tudo bem. Agora, duas vezes já é demais. Seguro seus antebraços e dou um passo para trás, impedindo que ela me beije.

— Bianca... — alerta.

— O quê? Pensei que você quisesse o mesmo que eu — ela diz, seu tom é surpreso.

— Eu nunca disse isso. Você que me beijou ontem à noite.

— E você não me impediu — ela acusa.

— Eu sei. Na verdade, fui pego desprevenido, mas isso não vai acontecer novamente — anuncio, minha voz é segura e deixa a entender que não há espaço para discussão.

Não quero que restem dúvidas sobre o fato de que não estou interessado nela. Se Mika perceber um pequeno interesse meu em Bianca, não terei mais chances com ela. Não quero arriscar. Não posso.

— Ah, então você não me beijou de volta? Me poupe, Henrique.

— Não é isso, Bianca. Eu só quero deixar claro que não tenho interesse em ter alguma coisa com você. Estou completamente envolvido com outra mulher e não quero te dar esperanças de que algo mais entre a gente possa acontecer. Nosso relacionamento precisa ser estritamente profissional. Não acho que seria justo com você ou com ela se eu não colocasse as cartas na mesa.

Após o meu monólogo, Bianca apenas me olha. Não sei o que se passa na cabeça dela. Seu semblante não diz nada. Nenhuma reação. Mas aí, ela fala:

— Você não pode fazer isso. Muito menos por causa de outra mulher, que provavelmente é uma vagabunda. É aquela putinha de cabelo colorido, né?

Eu preciso me controlar para não perder a razão.

— Em primeiro lugar, ela não é uma puta. É uma mulher que, assim como você e qualquer outra, merece respeito. Se eu fosse você, começaria a mostrar algum decoro ao invés de agir que nem uma criança petulante. — Isso arranca uma expressão de espanto dela, que fica com a boca em formato de O, como se não acreditasse no que acabou de ouvir. — Em segundo lugar, não interessa em quem eu estou interessado ou com quem eu estou envolvido. Só o fato de eu te dizer que não quero me envolver com você deveria ser suficiente para que você entendesse.

Viro de costas e vou para o estoque pegar algumas garrafas que já estão

acabando. Não quero mais falar com ela sobre o assunto. A postura dela me surpreendeu, nunca iria pensar que ela fosse do tipo birrenta.

Nem preciso dizer que o clima ficou uma merda depois disso. Bianca mal falou comigo a noite inteira, o que atrapalhou consideravelmente o serviço do bar. Sei que vou precisar falar com Roger sobre isso, mas não queria envolver o lado pessoal e o profissional.

Domingos são dias mais tranquilos no Neo. É *Noite de Casal*, ou seja, não tem pegação como nos outros dias. As pessoas estão aqui para conversar, beber, se divertir e socializar com outros casais. Deve ser legal. A música que o DJ coloca é animada, puxando para um *rock* mais anos 80 e 90.

O lado ruim é que as gorjetas são bem menores do que no sábado à noite.

Nas *Noites de Casal*, o bar fecha às 23h — e estou contando os minutos para poder encerrar meu turno e ir para casa descansar. Estou um caco. Amanhã à tarde ainda tenho que resolver algumas coisas.

Apenas mais quatro casais ainda estão sentados e tomando a saideira. O DJ já parou de tocar e eu estou limpando o bar enquanto Bianca, ainda me ignorando, recoloca as garrafas de destilados nas prateleiras. Estou concentrado na minha função, quando escuto Bianca me chamar:

— Henrique.

Ela está logo atrás de mim e, quando me viro, ela me puxa para um beijo. Seus lábios chegam a encostar nos meus, mas eu a afasto o mais rápido que posso.

— Porra, Bianca. Já disse que não tô a fim de você. Quando você vai perceber isso? Eu tô em outra.

Quando me viro, vejo que não estamos sozinhos.

Mika está lá, toda vestida de preto, e me olha como se não acreditasse no que acabou de ver.



Volto para casa tentando entender o que está acontecendo comigo mesma. Eu nunca fui de me apaixonar, de me envolver ou ficar pensando em qualquer carinha que fosse. Relacionamentos nunca foram um objetivo de vida pra mim — pelo menos não os amorosos —, e agora me vejo completamente feliz por passar uma tarde como se fosse um caszinho com Henrique.

Por outro lado, meu vizinho indiscreto não sai da minha cabeça. Como alguém que eu nem conheço pode ocupar um espaço tão grande em minha vida a ponto de eu parar de fazer algo que eu realmente estava curtindo, só pra ficar na janela? Eu só posso estar pirando.

Nunca acreditei em nada dessas besteiras de destino, alma gêmea e blá blá blá. Sempre fui super cética, achava que sexo era o que importava e que a vida era bem menos complicada assim. Até porque eu não quero homem nenhum mandando em mim ou no que eu faço. Já tinha decidido que, quando eu quisesse ter um filho, adotaria. Não preciso de um homem pra mais nada além de uma boa foda — e nem sempre precisa de um homem. Já tive fodas melhores com mulheres e consolos do que com homens.

Mas agora eu estou completamente perturbada. Sem perceber, estou sorrindo cada vez que lembro da tarde com Henrique e sempre me sinto um pouco culpada quando penso no meu vizinho. Quem eu estou traindo com quem? Se bem que eu não tenho nada sério com nenhum dos dois. Eu nem conheço o meu vizinho! Só posso estar completamente pirada.

O problema de relacionamentos é esse. Acaba com a liberdade e faz a gente ser quem a gente não é. Minha mãe, quando conheceu o escroto do meu padrasto, deixou de existir. Esse é o primeiro motivo por que eu não quero embarcar num namoro. O segundo é que homens sempre acham que têm que mandar nas mulheres e que as mulheres têm que ser obedientes — e eu não vou obedecer a ninguém. Nunca! Me recuso a isso. Ainda mais agora que saí de casa e não preciso mais conviver com aqueles retardados dos filhos do meu padrasto ou com meu irmão. Nunca mais vou fazer algo que eu não queira porque um homem mandou.

Por isso, eu preciso sair dessa situação em que eu mesma me coloquei. Hoje, quando encontrar meu vizinho pela janela, vou pedir pra ele descer. Vou resolver a minha obsessão por ele da forma mais prática: com sexo selvagem. Depois, vou

resolver essa história com o Henrique da mesma forma e deixar bem claro pra ele que, comigo, é só isso que rola. Nada de amorzinho, mãozinha dada, beijinho na boca e namorinho. É sexo de qualidade e só.

Não sei por que as pessoas têm que complicar o que é simples com sentimentos e relacionamentos. Eu não vou complicar a minha vida com isso. Não vou mesmo. Imagina? Agora que consegui a minha liberdade, entrar na prisão de um relacionamento por vontade própria é muita burrice. E eu não sou burra.

Entro em casa e olho no relógio. Já passa das oito e meia da noite. Espio pela janela e o apartamento do meu vizinho indiscreto está todo apagado. Será que ele viu meu bilhete? Tomo uma ducha, coloco uma camisola vermelha, toda transparente e me sento na janela para esperá-lo.

Nove horas e nada. Nove e trinta e o apartamento segue apagado. Começo a duvidar se realmente existe algum vizinho. Talvez eu esteja ficando completamente louca e tenha imaginado uma pessoa na outra janela. Mas pareceu tão real ontem à noite...

Dez horas da noite e estou no mesmo lugar. Sentada, esperando por um cara que eu nem conheço, que já não tenho tanta certeza que existe e por quem eu acho que estou completamente apaixonada. Realmente, eu só posso estar doida. Como alguém pode se apaixonar por uma pessoa que nunca viu direito, que nunca olhou nos olhos? Ou pior, como pode se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo? Porque, no meio dessa confusão toda, ainda tem o Henrique.

Levanto da janela e troco de roupa. Calça *jeans* preta, blusa preta do *The Doors*, prendo o cabelo num coque alto, calço meus *All Stars* vermelhos e decido que, pelo menos, o Henrique eu vou resolver essa noite. Não posso dar esperanças pra ele de que somos um casal e nem quero ter esperanças de algo que eu nem acredito. Melhor cortar o mal pela raiz.



Entro no Neo e vejo que o bar está quase encerrando suas funções. Apenas quatro casais ainda permanecem sentados nas mesas. Henrique está de costas pra mim, parece concentrado em alguma função e juro que cogito desistir da ideia de acabar com isso sem nem ao menos tirar uma casquinha dele. Suas costas largas e a bunda bem redonda me deixam completamente molhada. Fico imaginando minhas unhas arranhando sua pele. Só paro de imaginar quando aquela menina insuportável que trabalha com ele me encara, sorri, dá um tchauzinho e para exatamente atrás dele, chamando seu nome.

Quando ele vira, ela se gruda em seu pescoço e dá um beijo. Ele recua pra trás, gritando, chamando a atenção de todos que ainda estão no bar.

— Porra, Bianca. Já disse que não tô a fim de você. Quando você vai perceber isso? Eu tô em outra.

Aí ele me enxerga. Levo um segundo pra perceber que a piranha tentou me tirar da jogada fazendo ciúmes, então começo a gargalhar enquanto me aproximo do bar:

— Oi, delícia, tudo bem? — Me debruço sobre o balcão e enlaço seu pescoço com os braços, dando um beijo cinematográfico e de molhar até as calcinhas dela.

Henrique me olha sem entender nada. Se antes eu estava decidida a terminar, depois do *show* de Bianca quero é mostrar pra ela que Henrique tem dona.

— Resolvi vir te buscar pra gente continuar o dia maravilhoso lá em casa — digo, encarando Henrique, que me sorri, ainda sem entender nada, enquanto sinto que Bianca me fuzila com o olhar. — Pelo visto, cheguei na hora certa. Terminou aí?

— Terminei, sim. Vou só levar esses sacos lá pra trás e podemos ir — ele diz, com aquele sorriso em que eu poderia morar, e sai carregando os sacos de lixo.

Quando Henrique se afasta, encaro Bianca, que segue me fuzilando com o olhar.

— Sabe o que eu tenho que você não tem, gata? — Ela nem responde. — Autoestima. Se um homem falasse sobre mim o mesmo que Henrique falou ontem à noite sobre você, ele nunca mais me veria. Mas você, mesmo ouvindo que não tinham nada sério, ainda insistiu. Pelo que ele gritou agora pouco, acredito que já tivesse te dado um fora mais cedo. E você tentou me fazer ciúmes? Achou que eu ia cair nesse jogo baixo? — Sorrio ironicamente pra ela, que continua me olhando com cara de quem será capaz de me estripar na primeira esquina. — Pois saiba que só me deu mais vontade de ficar com ele. Tenho que te agradecer por isso.

— Você é uma piranha! — ela grita como se fosse a maior ofensa do mundo.

— Mas sou a piranha com quem ele quer ficar, não a que está se humilhando, implorando atenção.

Bianca avança em minha direção e, antes que ela chegue mais perto, aviso:

— Se você tentar tocar em mim, além de levar uma surra, ainda vai se queimar com seu chefe e se humilhar mais ainda por um cara que já te deu um chute na bunda. Eu, se fosse você, esqueceria o Henrique, juntava o resto de dignidade que ainda tem e ia rebolar essa bunda caída em outro lugar. Autoestima é o segredo, gata. Vai procurar a sua. E, só pra reforçar, ele está comigo agora.

Henrique chega bem na hora e me olha com cara de surpresa e felicidade quando escuta “ele está comigo agora”. Merda! Não era pra ele ouvir essa parte e ter esperanças.

— Vamos? — ele diz, me estendendo a mão e me puxando para seus braços.

— Aham. — Aceno para Bianca e mando um beijinho no ombro. Ela apenas jura que vai me matar com o olhar.



Quando eu digo que Mika me surpreende a cada momento, não estou mentindo. A última coisa que eu esperava era vê-la toda territorial pra cima de mim. Ela encarou Bianca como se estivesse pronta pra entrar em uma briga. Preciso confessar: fiquei duro na hora.

E aquele discursinho que ela deu? Ah... Foi a cereja no topo do bolo. Claro que eu ouvi. Fiquei atrás da porta escutando tudo. Por um minuto, pensei que o showzinho de Bianca fosse surtir o efeito contrário, que Mika fosse virar as costas e nunca mais me dar uma chance. Felizmente, ela aceitou aquilo como um desafio.

Só espero que ela tenha entendido que eu não tive nada a ver com o beijo e que realmente não estou interessado na outra. Desde que ela apareceu em minha vida, só tenho olhos para ela. Seus cabelos coloridos, olhos claros (juro que ainda não descobri de que cor exatamente eles são) e curvas até dizer chega me cativam de uma forma que nunca imaginei ser possível.

Ao mesmo tempo, sei que ela é arredia. Sua postura demonstra que não é do tipo tradicional, que curte rosas e jantares à luz de velas. Eu não sei o que fazer para conquistá-la.

Agora tenho a oportunidade de fazer alguma coisa com ela. Quem sabe fazer com que ela curta a minha companhia da mesma forma como eu curto a dela. Acho que fizemos progresso hoje à tarde. Conversamos, descobrimos que temos algumas coisas em comum, nos beijamos muito... Só que, para mim, isso não é suficiente. Afinal, conversamos sobre assuntos superficiais e, sei lá... Queria muito que ela se envolvesse comigo da mesma forma que me sinto envolvido com ela.

— Você vai trabalhar amanhã? — é a primeira coisa que eu pergunto.

— Por quê? Você pretende me deixar acordada a noite inteira?

Eu rio com a forma audaciosa que ela pergunta. Se, para muitos, aquilo poderia soar como uma mulher se oferecendo para sexo, sei que para Mika é, na verdade, um desafio.

— Pretendo.

É aí que a ideia me bate. Se eu quero que ela me veja como algo diferente do normal, então preciso agir como os outros nunca agiram.

Quando saímos do Neo, ela me puxa para a direita, na direção do seu apartamento. Mas eu a interrompo.

— Por aqui — digo, a puxando para um lugar aonde nunca levei ninguém.

— Para onde você está me levando? — Mika ergue uma sobrancelha.

— Vem comigo. Tem uma coisa que eu quero te mostrar. Acho que você vai gostar.

Ela parece duvidar do que estamos prestes a fazer, mas eu não quero que ela se sinta acanhada.

Sinto que Mika não está confortável com a ideia, por isso, paro de caminhar e a puxo para perto de mim. Nos beijamos por alguns minutos. Estávamos juntos há algumas horas, mas parece que não nos vemos há semanas. O beijo é carregado de paixão e saudade, misturado a um desespero para estarmos juntos. Não quero largar jamais. O corpo dela se encaixa perfeitamente no meu. Apesar de ser vários centímetros mais baixa, ela fica na ponta dos pés, como se quisesse estar ainda mais perto. Uma das minhas mãos segura sua nuca enquanto a outra a puxa pela cintura.

Nos entregamos ao beijo de forma primitiva, deixando que as línguas conversem e nossos corpos se conheçam. Mika aperta meu bíceps como se não quisesse que eu me afastasse. Os pequenos gemidos que ela solta me excitam de tal forma que sinto dificuldade em me controlar. Tudo o que eu quero é poder arrastá-la para a minha casa e fazer amor com ela o resto da noite.

É esse pensamento que me faz parar de beijá-la. Me afasto lentamente, antes dando uma mordiscada no seu lábio inferior. Mika me encara, seus olhos cheios de desejo e sua respiração ofegante, assim como a minha.

— Se a gente não parar com isso, eu vou te devorar aqui no meio da rua para todo mundo ver — sussurro contra sua boca e ela me responde com um “hmmmm”.

Sem maiores explicações, puxo-a pela mão, retomando o caminho. O percurso é feito em silêncio. Com a mão dela na minha, andamos com tranquilidade pela cidade vazia. Domingo à noite, a rua está deserta. Eu deveria me preocupar, mas estar com ela ao meu lado faz com que eu me sinta invencível.

A caminhada é curta. São menos de dez minutos entre o bar e o meu lugar preferido — depois da praia.

— Chegamos — digo, assim que paramos na frente de um portão de ferro.

— Onde estamos? — Mika pergunta, curiosa, tentando olhar para dentro da propriedade.

— Este é o *Jardim do Amor*. — Dou um assobio longo e ela me olha, intrigada.
— Alguns meses atrás, a empresa onde eu trabalhava foi contratada para fazer a reforma desta casa. Ela pertence a um milionário italiano que sempre quis ter uma

residência no Brasil. Eu comecei a trabalhar nesse projeto junto com meu chefe e outros arquitetos. Todo mundo queria vir pra cá, afinal, o nome do dono tem muito peso.

Antes de eu conseguir terminar a história, um segurança se aproxima.

— Boa noite, Henrique. Quer entrar? — Álvaro, um dos guardas noturnos, ficou meu amigo na época que trabalhei aqui. Conteí a ele meu interesse especial no jardim e ele, como bom homem que é, me deixou visitar algumas vezes fora do horário de trabalho.

— Obrigado, Álvaro. Quero mostrar pra esta moça o *Jardim do Amor*.

Mika não sabe onde enfiar a cara. Ela está morrendo de vergonha, mas eu apenas sorrio e lhe dou um selinho. Quando Álvaro abre o portão, eu a puxo para dentro.

— Me avisa quando for sair para eu trancar a porta de novo — ele pede.

— Pode deixar — garanto.

Caminhamos mais um pouco. As luzes em postes estão acesas, dando uma pequena ideia da beleza do jardim. Mika olha para todos os lados, como se não estivesse esperando ver um pedaço de paraíso verde no meio da selva de pedras.

— O dono desta propriedade é um viúvo. A mulher dele era apaixonada por tudo que envolvia flores. O sonho dela era ter um jardim como esse. Na verdade, foi ela que fez o projeto. Antes de falecer, claro. Os dois ficaram casados por apenas um ano e ele quis dar isso aqui de presente para ela. Como a memória ainda é muito fresca e triste, ele não vem aqui. A casa está completamente mobiliada, mas ele não veio nem para ver o projeto concluído — explico.

Levo Mika para o meu canto preferido daqui: uma pequena clareira, cercada por alguns arbustos, perfeita para um piquenique.

Nos deitamos no chão e olhamos para o céu.

— Depois da praia, este é o meu lugar preferido. Adoro o cheiro de grama e flores. Adoro a tranquilidade daqui.

Mika fica quieta, e adoraria saber no que ela está pensando neste momento. Deitados no chão, seguro sua mão e ela fecha os olhos.

— Tudo bem? — pergunto.

Ela volta seus olhos para mim. Naquele momento, estão azuis. Mesmo com a escuridão da noite, eles se destacam. Linda. Nunca vi mulher tão linda em minha vida.

— Tudo ótimo — ela sussurra e me dá um pequeno sorriso.

Não resisto e tomo sua boca novamente. O beijo começa suave, carinhoso, mas ganha intensidade. Paixão. Ficamos horas ali, nos beijando. Deito sobre ela, que abre as pernas para que eu me encaixe. Mika se entrega ao beijo, se deixa dominar. A posição sugere o que ambos desejamos. Só que não está na hora.

Quero que ela se apaixone por mim antes de transarmos. Não quero que ela pense que o único motivo para eu estar com ela é sexo. Nem quero que ela ache que me contentarei apenas com isso.

O que não quer dizer que não podemos brincar um pouco.

Meus beijos mudam de caminho, descendo para o seu pescoço, que descubro ser bastante sensível. Mordisco sua orelha e desço até sua clavícula, por onde passo a língua, fazendo com que ela gema e se esfregue em mim. Suas mãos estão em minha cintura, me puxando para baixo, exigindo que nossas partes se encontrem.

— Henrique... — ela sussurra meu nome, em uma súplica.

Tudo o que eu preciso naquele momento é fazer com que ela se sinta satisfeita. Com um antebraço, eu sustento meu peso e com a outra mão aperto sua bunda, puxando-a para mais perto de mim e me esfrego nela. Como dois adolescentes descontrolados, nos roçamos. Esfrego meu pau ereto nela. Posso sentir seu calor, mesmo com a calça jeans que nos separa.

Mantenho meus movimentos suaves e a beijo. Mika espalma minhas costas, por baixo da camiseta. Quando ela começa a cravar suas unhas em mim, não consigo evitar uma mistura de gemido e rosnado. Intensifico meus movimentos, simulando aquilo que gostaria de fazer com ela nua em meu colchão. Mika geme, encontrando os meus movimentos e desesperada por alívio.

— Me faz gozar, Henrique. Por favor, me faz gozar — ela pede e eu obedeço.

Quando abocanho um de seus peitos por cima da blusa, Mika dá um grito baixo, se esfregando ainda mais em mim, desesperada.

— Isso, vai... Goza, linda. Goza e chama o meu nome — digo em seu ouvido.

— Hmmm... Henrique...

O jeito como ela chama meu nome quase me faz gozar nas calças. Mas aquilo não foi pra mim. Foi pra ela.

Seus olhos estão fechados e a sinto tremer sob mim. Não posso evitar um sorriso. Quando ela olha para mim, eu a encaro de volta. Lentamente, desço meus lábios para encontrarem os dela, que retribui o beijo, me puxando e fazendo com que meu peso caia sobre ela.

— Você quer ajuda aí? — ela brinca e segura meu pau por cima da calça.

— Não. Mas ajudaria muito se você não encostasse nele neste momento, já que está quase explodindo.

Ela ri com o meu comentário e eu rio também. Por mais algum tempo ficamos ali, naquele jardim, conversando, nos beijando e nos conhecendo melhor.



Henrique me pega no colo e me comprime contra a janela. Suas mãos estão em minha bunda, enquanto rebolo em seu membro, buscando desesperadamente a rendição. Mas ele não tem pressa, quanto mais desesperada estou, mais calmos são os movimentos de sua pélvis, prologando meu sofrimento.

— Me faz gozar, Henrique — suplico em seu ouvido, com a voz ofegante e rouca — por favor...

Desço do seu colo, me viro de costas e fico de quatro, apoiando os cotovelo no parapeito da janela para que ele me dê o alívio que busco. Então, vejo meu vizinho, com o rosto do Henrique, olhando com cara de reprovação.

Acordo, assustada, e demoro alguns segundos para perceber que estou sozinha em minha cama. Fico irritada novamente. Depois de toda aquela masturbação, Henrique não quis subir comigo. Qual será o problema dele? Ao mesmo tempo, quando me lembro daquele lugar mágico e do jeito como Henrique me olha, abro um sorriso involuntário. O que está acontecendo comigo? Por que eu ainda fico pensando no meu vizinho indiscreto? Ou sonhando com ele tendo o rosto do Henrique?

Henrique é um cara legal. Como poucos que eu já conheci — e acho que é a primeira vez que não sinto necessidade de controlar um cara. Ontem, depois que ele me levou pro *Jardim do Amor*, eu realmente me senti bem. No início, estava desconfortável, deixando que ele me guiasse. Só queria ir pra minha casa, jogá-lo na minha cama, ver se tudo que imagino que ele seja realmente é verdade e depois dormir tranquila e sozinha na minha *king size*. Mas, quando chegamos lá, fiquei apaixonada. Pelo lugar, pela beleza, pela história e por Henrique. O jeito que ele se preocupa comigo, que me olha. O seu sorriso e tudo que fala de si cada vez me deixam mais encantada — e é a primeira vez que sinto isso. Foi completamente inesperado. Eu imaginava uma noite de muito sexo quando saímos do Neo. Não algo especial, como conhecer o seu lugar preferido e me deixar ser encantada por ele.

Por outro lado, na hora que ele disse que era melhor deixar pra outro dia que estivesse menos cansado pra subir comigo, eu fiquei totalmente irritada e frustrada. Depois de todo o dia de ontem, eu queria realmente dormir abraçada nele. Se é que eu sei dormir abraçada em alguém. Mas, com Henrique, eu pelo

menos tentaria. Mas aí ele disse *não* e foi embora. Confesso que nem olhei pela janela pra ver se meu vizinho havia dado sinal de vida. Fui direto pra cama.

Agora acordo sonhando com ele. E com Henrique. Não sei exatamente o que fazer da minha vida. Eu queria ficar com Henrique, mas não sei se consigo. Sou capaz de ferrar com tudo antes mesmo de começar. Eu nunca namorei. Nunca estive em um relacionamento que tivesse qualquer outro tipo de contato que não fosse o sexual. Ao mesmo tempo, eu quero saber mais sobre meu vizinho. Um vizinho que não conheço, mas que mesmo assim me atrai.

Me sinto como se houvesse um revólver apontado pra minha cabeça, me mandando escolher. Qualquer pessoa normal me diria que não existe uma escolha a ser feita, afinal, eu nem conheço o meu vizinho — e não é porque a gente se masturbou juntos pela janela, uma vez, que temos alguma coisa. Já o Henrique eu conheço e gosto. Gosto mais do que deveria. Mais do que eu sei o que é gostar.

Quando meu pai morreu e minha mãe conheceu o escroto do meu padrasto, eu jurei pra mim mesma que nunca me envolveria com um homem. Ele era o diabo vestido de gente. O safado era bonito e fazia minha mãe ser outra pessoa pra ficar com ele. Ela se humilhava, ele a tratava mal e dava em cima de todas as mulheres que passavam perto dele. Não a deixava sair de casa com roupas curtas, dizia que parecia uma vadia e ensinava os seus filhos e o meu irmão que era assim que se tratava as mulheres. Então, lá em casa os três meninos podiam tudo e eu não podia nada.

No dia que ele passou a mão na minha bunda e disse que eu já estava no ponto ser comida por alguém e que ele fazia questão de “me arrombar” primeiro, minha mãe não acreditou, meu irmão e os dois filhos dele concordaram e eu jurei pra mim mesma que nunca me apaixonaria. Nunca deixaria alguém me machucar ou me mudar. Nunca seria capacho de um homem. Desde então, eu aprendi a usá-los pra me satisfazer e nunca me envolvi. Até conhecer o Henrique.

Não quero mais pensar nisso. Levanto da cama e me arrasto até cozinha. Procuro pelo meu celular pra ver que horas são e o encontro jogado no sofá. Tem uma mensagem de Henrique.

“Espero que tenha dormido bem e sonhado comigo. Quero te levar pra sair à noite. Topa? Tenho outra surpresa em mente.”

Sorrio. Mas penso que, se a surpresa dele não envolver sexo, vou dar um jeito de arrastar Henrique pra cá, amarrá-lo na minha cama e fazer tudo que tenho imaginado. Ainda mais depois que toquei naquele pau grande e grosso que latejava desesperadamente ontem à noite.

Henrique tem a capacidade de me excitar apenas com um olhar. Não só pelo fato de ele ser um gato. O jeito como ele me trata, como conversa comigo... É com isso que eu não sei lidar. Eu não deveria me sentir assim, mas é inevitável.

Quando chego na sala, o dia já está claro. Apesar de estar com muita fome, olho para a janela e não resisto à tentação de espiar. Quando me aproximo, ele está lá. Meu vizinho indiscreto, como se estivesse me esperando. Aceno e ele me acena de volta. Mando um beijo daqueles bem melosos com direito a sopro e tudo e ele finge pegar no ar e colocar no coração. Retribui o gesto, mas ao invés de colocar no meu coração, coloco na minha boca.

Ele se abaixa e pega algo peludo e abraça em seu colo. É um gato. Em algum momento da conversa de ontem, Henrique me disse que tinha um gato também. Henrique. Quando penso nele, me sinto culpada por interagir com meu vizinho. Dou as costas e me atiro no sofá. A quem eu quero enganar? Estou completamente apaixonada por Henrique. Mesmo assim, não temos um relacionamento. Apenas estamos ficando, então isso significa que não estou traindo ninguém.

Volto para a janela e ele ainda está lá. Me esperando. Aquele homem que me faz sonhar e acordar molhada. Aquele homem que fez com que eu me sentisse bem sem ao menos me tocar. Ele está lá, parado de frente à janela, com o gato no colo e as pernas afastadas, novamente com os olhos fixos em mim, como se me desafiasse. Como se dissesse: esta é a sua vez de me seduzir.

Henrique não sai da minha cabeça, mas meu vizinho também não. São dois homens, duas situações completamente diferentes. Duas experiências completamente novas para mim e me vejo incapaz de resistir. Por isso, não resisto. Lentamente, tiro minha camiseta. Tento não ser muito abrupta. Quero que ele aproveite o show. Jogo a camiseta no chão e começo a acariciar meu pescoço, meu colo, até chegar aos meus seios. Belisco levemente meus mamilos e sinto uma necessidade invadir meu corpo. Entre as minhas pernas, já posso sentir que estou começando a ficar úmida. Tudo isso só de pensar no que estamos prestes a fazer. Eu o quero. Quero me livrar dessa aflição. Quero saber o gosto do meu vizinho. Vejo que solta o gato no chão. Ele está sem camisa, me dando uma visão de seu peitoral definido, ombros largos e barriga sarada. O homem é o pecado. Uma tentação para mulheres. Se eu estivesse mais perto, traçaria cada contorno com a minha língua.

Meu vizinho começa a deslizar a mão por seu abdômen, me deixando com inveja. Faço o mesmo, acompanhando seus movimentos. Ele se toca, eu me toco. Mas dessa vez, sou eu quem guio. Por mais que nunca tenha feito nada parecido antes de ele aparecer em minha vida, não me sinto envergonhada. É ele. É o meu vizinho indiscreto que desperta um lado meu que eu não sabia que existia. Eu me toco, ele se toca. Cabelos, pescoço, peitos, barriga. Subimos e descemos, nos olhando e atijando. Criando mais expectativa. Chega um momento que estou desesperada, o tesão me consome e eu não consigo evitar os gemidos baixos que saem da minha boca. Fico imaginando quais sons ele faria em meu ouvido. Me

arrepio só em pensar.

Ele também está ansioso. Seu pau está duro, ereto, apontado para seu umbigo. Assim como eu, ele também está em ponto de ebulição. Enquanto sua mão desce em direção ao seu pau, a minha desliza em direção ao meio das minhas pernas. Não quero mais esperar, só de pensar que é a sua mão me tocando, entro em combustão. Começo a acelerar meus movimentos. Mas parece que meu vizinho não tem a mesma pressa que eu. Ele olha atentamente cada movimento. Me viro de costas para a janela e começo a rebolar, volto a encará-lo e sua mão se mexe mais rápido, me devorando com os olhos. A cada investida, seus músculos se tencionam mais e posso ver seu braço trincado, todo desenhado. Começo a salivar só de pensar no gosto da sua pele. Imagino-o me chupando, enquanto faço movimentos circulares mais rápidos e fortes no meu clitóris. Sem precisar de muito mais que meu vizinho, minha imaginação e meus dedos, gozo, gemendo alto e gritando de prazer. Quando vejo que ele joga a cabeça para trás, entendo que ele também conseguiu chegar lá. Minha respiração é ofegante, meu coração bate em um ritmo alucinado. Continuo encarando-o e vejo que se encontra na mesma situação que eu. O que nós acabamos de fazer juntos é diferente. Não quero mais isso pela janela. Quero pessoalmente.

Saio do seu campo de visão e procuro por caneta e papel. Escrevo “QUERO TE CONHECER”. Ele fica surpreso. Sai da janela e quando volta tem um cartaz escrito “UM DIA”.

Fico irritada e me jogo no sofá, não mais a fim de me mostrar para ele. Eu realmente só posso estar ficando louca. Agora, todos os caras que me interessam só querem saber de masturbação e nada de sexo. Meu celular vibra e é Henrique novamente.

“Tudo bem? Topa ou não?”

Resolvo responder:

“Tudo bem. Topo. Nós precisamos mesmo conversar.”

Eu não posso levar essa história adiante. Nenhuma das duas.



Quando Mika diz que quer conversar, pressinto que algo está errado.

Eu sei exatamente o quê. Eu sou um idiota, mesmo! No que eu estava pensando quando resolvi não contar para ela que eu sou também o seu vizinho? É claro que ia dar merda. Estava estampado e escrito em amarelo fluorescente. Só um babaca como eu para não perceber.

No início, eu pensei que a parada da janela fosse completamente aleatória. Afinal, não planejamos nada. Simplesmente aconteceu. Claro que nunca tinha feito nada parecido na vida, nem nunca tive fetiche por voyeurismo. Para não dizer que nunca espiei ninguém, confesso que olhava a filha do dono da fazenda de biquíni na piscina. Mas eu devia ter por volta de treze anos e ela já tinha uns dezessete. Ou seja, ela era toda gostosa e eu, um adolescente cheio de hormônios com a puberdade começando a aparecer.

Só que, quando vi uma deusa de cabelos coloridos completamente nua à minha frente, não resisti e as coisas foram evoluindo. Quando a conheci pessoalmente, não resisti de novo, porque daí eu passei a ter um rosto e uma voz para acompanhar a minha fantasia.

Não é novidade que eu estou completamente apaixonado por ela. Não tenho mais como negar ou diminuir o que sinto. Ontem, eu tinha tudo planejado, já tinha decidido que contaria para ela que seu vizinho e eu éramos a mesma pessoa. Só que as coisas tomaram rumos diferentes.

A primeira vez que nos masturbamos, eu ainda não a tinha conhecido realmente. Só sabia qual era o nome dela e que tinha a voz mais linda do universo. Deixei que o tesão falasse mais alto e comecei a brincadeira. Agora, depois de saber quem ela é e conhecer um pouco mais sobre Mika, não deveria ter me tocado para ela. Afinal, da primeira vez tinha um motivo para eu não ter contado. Ou, pelo menos, uma desculpa esfarrapada. Mas, dessa vez, não. Dessa vez, eu não vou conseguir me safar tranquilamente.

Agora, eu não sei o que fazer. Quero contar toda a verdade para ela, mas tenho certeza de que eu posso acabar me fodendo e colocarei tudo a perder. Porra, que merda!

Se estava encantado com ela só de vê-la da janela, agora que eu a conheço, sei qual seu gosto e os sons que faz quando goza, não posso deixar que ela escape.

Não mesmo.

Nunca fui do tipo de cara que me envolvia emocionalmente. Não por falta de vontade, apenas por falta de opções viáveis.

Na faculdade, conheci várias garotas maneiras, bonitas e muito sensuais. Além de dispostas a fazerem qualquer coisa que eu quisesse, o que foi ótimo, afinal, cheguei à capital com dezoito anos, virgem e completamente ingênuo. Quando eu fui recrutado pela agência de modelos, começou a chover mulher na minha horta. Não vou dizer que fui um santo e não fiquei com ninguém. Pelo contrário, peguei várias, comi diversas e me apaixonei por nenhuma.

Mika foi a primeira a despertar algo em mim que as outras nunca tinham conseguido. Não apenas por ela ter um corpo espetacular, uma voz que te deixa completamente arrepiado e um rosto que parece de um anjo. É algo nela que desperta algo em mim. Eu não faço a mínima ideia do que seja, mas a única coisa que tenho total certeza é de que eu não posso deixá-la escapar por meus dedos.

Quando mandei a mensagem para ela, tinha a intenção de levá-la para algum lugar legal. Quem sabe um restaurante bacana... Mas agora tenho certeza de que precisa ser muito melhor do que isso. Afinal, se eu vou contar pra ela que eu sou seu vizinho punheteiro, então ela não pode estar perto de facas ou quaisquer outros objetos cortantes.

Tamarindo volta a se enroscar em minhas pernas e me dá uma ideia brilhante.



Existem mulheres e mulheres nesse mundo. Nessa minha não tão longa vida, eu aprendi algumas coisas valiosas. Como, por exemplo, que algumas se conquistam com bens materiais. Um carro legal, um apartamento bem localizado, jantares em restaurantes caros e passeios para tirar foto e postar no Instagram. Outras preferem coisas mais intelectuais. Um filme ucraniano sobre a venda ilegal de um tipo raro de papel que só era usado no século II, visitas a galerias de arte que estão exibindo temporariamente as obras de um pintor famosíssimo por usar pinceladas sutis misturadas ao caos do século XXI ou até um lançamento do novo livro de um escritor independente numa livraria pretenciosa. Tem também aquelas que curtem o básico. Cineminha, uma pizza, um barzinho com amigos. Mulheres como Mika se irritam com o primeiro, ficam entediadas com o segundo e se conformam com o terceiro. Nenhuma das opções acima são o que elas realmente querem. Ou o que fazem com que elas se encantem e fiquem. De preferência para sempre.

Por isso eu preciso de mais. Muito mais.

Ter informantes é essencial neste momento. Imediatamente, ligo para Roger, que está pegando uma das amigas de Mika. Ela deve saber de alguma coisa.

— Fala aí, mano. Algum problema no Neo? — Roger atende.

— Nah... Não é por isso que te liguei.

— Ah, tá. Antes de mais nada, preciso te dizer que o Pablo está doido pra te matar. Inclusive, sua cabeça vale uma fortuna. Morto ou vivo. Tanto faz, ele quer sua raça. Disse que você tá espalhando por aí que ele tá noivo de uma tal de Sílvia e que tem AIDS.

Não resisto e dou uma gargalhada.

— Nada disso — afirmo —, eu disse que ele tava noivo da Sheila e que já teve gonorreia, mas agora está melhor.

É a vez de Roger começar a rir.

— Me explica essa parada!

— Então... Tem meio a ver com o motivo para eu estar te ligando.

Eu explico. Primeiro como eu estava a fim de Mika e não queria que Pablo ficasse com ela, por isso que eu inventei aquelas coisas. Conte também que nós ficamos e que eu estou querendo fazer algo legal para ela. Por isso, precisava de informações privilegiadas. Pedi a ajuda dele para sondar a melhor amiga dela que, por sinal, estava ao lado de Roger quando liguei. Felizmente, ela concordou em me ajudar.

Perguntei qual era a comida preferida dela — qualquer coisa que envolvesse chocolate e coca-cola —, a música preferida dela — gosto eclético, mas prefere *rock* clássico, tipo Beatles, Stones e The Who, mas também curte *pop* contemporâneo, tipo Charlie Puth e Shakira —, coisas que ela odeia — fazer compras no *shopping* e ficar postando fotos nas redes sociais —, e coisas que ela ama — cachorros, seriados e livros.

Ou seja, precisava fazer algo que a fizesse ficar de boca aberta. Algo que dissesse *eu omiti umas coisas insignificantes, mas eu estou me esforçando para fazer você feliz*. Espero que dê certo.

A primeira coisa que eu faço é mandar uma mensagem para ela, avisando que estarei na porta do prédio dela às cinco em ponto.

Só recebo um *Ok* como resposta. Nada encorajador. Seja lá o que ela tem para me dizer, não parece ser um *eu estou apaixonada por você também*.

Três minutos antes das cinco, eu estou parado na frente do prédio dela, segurando apenas uma margarida branca. Não preciso dizer que roubei do vaso que a minha vizinha deixa no corredor, afinal, o que vale é a intenção.

Quando Mika aparece, meu queixo cai. Ela está linda. Não, linda é pouco. Maravilhosa. No lugar do preto habitual, Mika usa uma blusa branca de seda, que

é ligeiramente transparente e faz com que eu consiga ver que o sutiã que ela usa é estampado, *shorts jeans* e salto alto vermelho. Seus cabelos multicoloridos estão soltos, seguros apenas por um arco branco, e emolduram seu rosto, deixando-a ainda mais jovial. Pela primeira vez, acho que ela não está sendo verdadeira. O que é estranho, pois apesar de estar linda, aquela não é a minha Mika.

Não sei o que está errado, mas tenho certeza de que, ao final da noite, ela terá voltado a ser a Mika que eu conheço. Aquelas roupas podem ser um tipo de armadura, mas não iremos para a guerra. Lutarei por ela, nunca contra ela.

Antes que ela fale alguma coisa, dou alguns passos para frente e colo meus lábios nos dela. Nosso beijo é longo, sensual e cheio de vontade. Ela resiste de início, mas logo sua língua dança com a minha. Mika passa seus braços em torno do meu pescoço, aproximando seu corpo do meu. Não sei quanto tempo passamos assim, mas, quando finalmente nos afastamos, noto que os lábios dela estão inchados e vermelhos. Os meus devem estar da mesma forma. Escancaro um sorriso e a puxo para um abraço.

— Sabia que você é a mulher mais linda desse mundo? — sussurro em seu ouvido.

— E você é um babaca — ela responde, me fazendo rir alto.

— Tenho planos para nós. E se você não desgrudar esses peitos fantásticos do meu corpo, não me responsabilizarei pelos meus atos.

— Hmmm... promessa tentadora — Mika diz, se aproximando ainda mais de mim.

Apesar de eu querer muito arrastá-la de volta para casa, jogá-la na cama e fazer com que ela grite meu nome, o que eu programei para hoje tem que ser executado perfeitamente.

A melhor coisa de morar no centro da cidade é ter de tudo por perto e tudo pode ser feito a pé. Caminhamos de mãos dadas pelas ruas cheias de gente. Nossa primeira parada é numa loja de chocolates. Diferente daquelas grandes e com várias franquias, *Chocolates da Bel* é uma lojinha inaugurada em 1923. A receita do chocolate é um segredo de família e, de acordo com a bisneta da dona Bel, que é quem faz os produtos hoje, nunca será vendida para nenhum grupo grande.

Sem dúvidas, é o melhor chocolate da cidade. Talvez do país.

Nem preciso dizer que Mika dá pulinhos quando entramos na loja.

— Isso é o paraíso — ela diz, olhando para todos os lados.

Prateleiras e mais prateleiras de chocolates de todos os tipos e tamanhos cobrem as paredes. Mika não sabe por onde começar, mas a vendedora a ajuda, explicando cada bombom e cada sabor que eles produzem.

Quando saímos de lá, Mika já tinha comido umas três barrinhas e cinco trufas. Ainda por cima, carregava duas sacolas cheias de delícias de chocolate.

Parte um: concluída.

A parte dois é um pouco mais complicada, mas, mesmo assim, espero que ela goste.

— Eu nunca imaginei que no meio da cidade teria uma lojinha tão com cara de interior quanto essa — Mika comenta enquanto caminhamos até nossa próxima parada.

— Eu descobri por acaso. Estava passando pela rua e fui abordado por uma mulher encantadora. Fiquei apaixonado na hora — digo, e Mika para de caminhar e me encara. Sua expressão deixa claro que ficou irritada com meu comentário. Por isso, a puxo para um selinho, mas ela não permite que eu a beije.

— Sério que você fala que se apaixonou por outra mulher e tenta me beijar? Sai fora.

— Ei, ei, ei — interrompo seu rompante. — Antes de você cortar minha cabeça fora, ou pior, meu pinto, deixa eu terminar a história... — eu peço e ela continua parada no mesmo lugar. Ambas as mãos na cintura e com cara de poucos amigos.

— Fala.

— Enfim... A mulher que me parou, Dinorah, disse que eu precisava conhecer os talentos de sua *neta* — enfatizo a última palavra —, disse que a moça era muito talentosa e que tinha acabado de assumir a chocolateria. Me puxou, sem cerimônias, para dentro da loja e me fez experimentar todos os doces da casa. Inclusive, sussurrou no meu ouvido que a netinha preparava chocolates afrodisíacos, que eram bons para comer antes de fazer *saliências*.

Mika tenta segurar o riso. Seu rosto se contorce em uma careta até que ela não aguenta mais e cai na gargalhada.

— Dinorah tinha, mais ou menos, oitenta anos e é a fã número um da neta, a atual dona da loja — continuo explicando enquanto Mika ri da história. — Ela passou o negócio para a neta, pois queria se aposentar e viajar pelo mundo.

— Eu consigo visualizar a cena. Uma senhorinha de um metro e meio e cabelos brancos te forçando a comer doce atrás de doce.

— Isso sem contar que eu não gosto de chocolate.

O riso de Mika cessa na hora, e ela apenas me encara, não dizendo uma palavra sequer.

— Mika...

— A gente acabou aqui. — ela diz estoicamente.

— Han? O quê?

— Tudo na vida tem um limite, Henrique. Eu nem curto relacionamentos; com pessoas que não gostem de chocolate, então, não tem a menor chance.

É minha vez de rir. Puxo-a para perto, envolvendo-a com meus braços.

— Por você, eu faço uma exceção. Mas pense pelo lado positivo: você nunca

terá que dividir os chocolates comigo. Ou seja, sobra mais pra você.

Ela levanta uma sobrancelha, como se analisasse a situação.

— Gosto de homens gostosos e inteligentes. — E nos beijamos. É como se a boca dela fosse um imã: me atrai, me puxa, me instiga.

Neste momento, esqueço de tudo. Esqueço que sou seu vizinho, esqueço que preciso contar a verdade, esqueço, inclusive, meu nome. Tudo que quero é ter certeza de que aquela mulher — tão linda, inteligente, com a língua afiada e com um corpo que se encaixa perfeitamente ao meu — precisa ser minha.

— Mika, quer namorar comigo?



— Mika, quer namorar comigo? — ele pergunta e meu coração dispara.

Respondo a única coisa que posso:

— Eu não namoro, Henrique. Eu não tenho relacionamentos e era isso que eu queria conversar com você. — Encaro-o e afasto nossos corpos. Preciso fazer isso. — Preciso que você me escute... — Henrique me interrompe.

— Vamos falar disso depois? — Ele me puxa e me dá um selinho e um sorriso que eu não esperava. — Ainda quero te levar em um outro lugar antes de você me dar um pé na bunda.

Fico sem graça. Por que eu simplesmente não consigo dizer para ele que não quero nada além de sexo, como sempre foi com todos os outros caras que já conheci, e que a gente nunca vai dar certo?

Eu não quero continuar com essa história e nem ir pra sei lá onde Henrique quer me levar. Mas acabo me entregando aos seus beijos e não consigo dizer *não* para ele. Eu tenho certeza que vou sair muito machucada dessa história. Esse é meu principal motivo de querer sair correndo e fugir dali para sempre. Mas, mais que isso, eu tenho esperança em ser uma pessoa normal. Acho que é por isso que, no fundo, não saio correndo.

Eu poderia ter dito *sim* e, pelo menos, tentado ter um relacionamento normal com alguém. Quem eu estou tentando enganar? Eu estou apaixonada por ele: toda vez que estamos juntos, eu tenho esperança e não consigo me distanciar. Henrique é lindo, gostoso, divertido e me trata com respeito. Nem no dia que ele ficou puto e me colocou na parede ele me tratou com desrespeito. Pode ser que existam homens legais, sim. Henrique parece ser uma prova disso.

Mas como eu posso dizer *sim* se, mesmo estando de mãos dadas com ele, ainda penso no meu vizinho? É loucura, eu sei. O cara nem quis me conhecer pessoalmente. Mas tem algo nele que faz com que eu não consiga me desligar e, se eu começar um namoro com Henrique, qualquer interação com meu vizinho seria um tipo de traição, não? Então, eu não posso.

Às vezes, tenho a sensação que estou me autossabotando. O Henrique é real, é sem dúvida o cara mais gato, inteligente, engraçado e parceiro com que eu já fiquei. Mesmo assim, eu digo *não* por causa de um cara que eu não conheço. Se isso não é autossabotagem, não sei o que é.

Quanto mais caminho ao lado de Henrique, nossos dedos entrelaçados, ele sorrindo e sempre me olhando como se eu fosse a coisa mais importante do Universo, mais eu sei que queria responder *sim*. Parece tão óbvio para mim. Se eu não quisesse nada com ele, por que sentiria ciúmes quando ele falou que havia se apaixonado ou por que teria ficado tão irritada com o *show* da Bianca? Eu não tenho dúvidas que, pela primeira vez, eu realmente estou apaixonada na vida. Eu só tenho medo, muito medo de me envolver — e me machucar.

De repente, Henrique para de caminhar e me dou conta que estamos em frente ao abrigo de animais. Olho para ele questionando o que estamos fazendo ali. Ou melhor, como ele sabe que amo animais e estava pensando em adotar um cachorro agora que tenho meu próprio apê.

— Já te mostrei o *Jardim do Amor*, que é o lugar mais lindo que eu conheço nessa cidade, e agora queria te mostrar a *Casa dos Bichos*. É uma ONG que resgata animais de rua e busca novos lares para eles — ele me explica e o encaro com mais surpresa. Ou mais paixão. Nem eu sei.

Henrique continua falando sobre ajudar o abrigo, frequentar algumas vezes por semana enquanto entramos. Ele me apresenta todo mundo e rapidamente me sinto em casa. Gente que gosta de bichos é gente em que dá pra confiar. Uma das coisas que me fazia também desconfiar do escroto do meu padrasto é que ele odiava animais.

Uma vez, um filhotinho de cachorro invadiu o nosso pátio. Eu sempre fui doida por ter um bichinho, mas como o idiota detestava, minha mãe nunca deixou. Estava cuidando do cachorrinho. Ele era todo branquinho e tinha umas pintas pretas, espaçadas pelo corpo. Uma manhã, quando acordei, ele havia sumido. Encontrei-o uns dias depois, morto na lixeira, todo queimado. Os filhos do meu padrasto tinham torturado o cachorro a mando dele.

Essa não foi a única vez. Sempre que aparecia algum animal ou inseto em nossa casa, eles maltratavam e torturavam até a morte. Por isso, eu dormia de porta trancada. Eles achavam que, por ser mulher, eu não era gente — e podiam fazer algo pior comigo do que faziam com os animais.

Tento esquecer as crueldades dos meus pseudoirmãos e do meu padrasto, presantando atenção no que a Jaque — uma das administradoras do local — está me contando. Até que meus olhos se encontram com os dele — e eu não consigo resistir. Abro os braços, espero por seu abraço e grito para Henrique:

— Olha isso!



Eu deveria ter esperado por isso, mas me deixei levar pelo momento.

Merda.

— Eu não namoro, Henrique. Eu não tenho relacionamentos e era isso que eu queria conversar com você. Preciso que você me escute... — ela quer falar, mas eu a interrompo. Não sei se quero ouvir o que ela tem a dizer. Não agora.

— Vamos falar disso depois? Ainda quero te levar em um outro lugar antes de você me dar um pé na bunda.

Eu a beijo. Não deixo que ela dê alguma desculpa esfarrapada para não querer namorar comigo. Afinal, eu vou conquistar essa mulher. Aos poucos e com muita paciência envolvida.



Mika parece um pouco reticente em me acompanhar, e só preciso de mais uns oito beijos para convencê-la.

Se a primeira parte do plano apelou para o estômago, a segunda vai apelar para o coração.

Caminhamos por alguns poucos quarteirões — novamente a vantagem de estar no centro da cidade — e chegamos a uma rua quieta e pouco movimentada. Quando estava na faculdade, vinha para cá pelo menos duas vezes por semana. Mas, desde que comecei a trabalhar, meu tempo ficou mais escasso e eu tive que deixar de lado.

Paramos em frente ao abrigo de animais e Mika vira para mim, não entendendo o que estamos fazendo aqui.

— Já te mostrei o *Jardim do Amor*, que é o lugar mais lindo que eu conheço nessa cidade, e agora queria te mostrar a *Casa dos Bichos*. É uma ONG que resgata animais de rua e busca novos lares para eles — explico e Mika continua me olhando com surpresa.

— Você é voluntário aqui? — ela quer saber.

— Não oficialmente. Vinha aqui alguns dias por semana quando estava na

faculdade, mas nunca tive como assumir um compromisso com o lugar.

Não falo nada para ela, mas Tamarindo foi um dos gatos resgatados. Ele era filhotinho quando chegou e nos apaixonamos imediatamente. Depois do veterinário cuidar dele, levei-o para minha casa, que, na época, era um quarto no dormitório da faculdade e desde então somos inseparáveis.

Entramos no abrigo e vejo que alguns dos meus amigos estão aqui dentro. Apresento Mika e todos parecem se dar muito bem.

Os responsáveis pelo lugar são Luiz, que é o veterinário da casa, e Jaque, a esposa dele, que é bióloga. Os dois fazem um belo trabalho aqui e hoje abrigam mais de duzentos animais que poderiam estar na rua. A maioria são gatos e cachorros, mas já apareceram alguns pássaros, cobras e iguanas.

Muitas vezes, as pessoas compram um animal, depois decidem que dá muito trabalho e acabam abandonando. Quando encontram um outro lar, tudo bem. O problema é quando jogam no meio da rua.

A *Casa dos Bichos* faz esse trabalho de resgate e oferece os cuidados necessários. Para a manutenção do espaço, Jaque e Luiz contam com doações. Às vezes, não é o suficiente.

Sempre gostei muito de trabalhar aqui, doar meu tempo e ajudar a cuidar dos bichinhos. Infelizmente, quando fui contratado pela empresa do inferno, tive que deixar isso de lado. Agora, de volta à Casa, vejo o quanto me fez falta fazer alguma coisa que não fosse apenas para mim.

Mika fica encantada com o lugar. Apesar de pequeno e simples, é muito bem cuidado e limpo. Além do casal, outros voluntários também ajudam a manter tudo sob controle. Uma delas é a Carol, que está aqui agora.

É claro que Mika se dá super bem com todo mundo. Jaque está encantada com ela — afinal, assim que chegou, Mika já foi se enturmando e pedindo para ver os cachorros. Eu a segui, observando cada movimento e me sentindo um sortudo filho da puta por ela estar comigo.

Mesmo que ela não aceite, por agora, namorar comigo, não vou desistir. Continuarei fazendo a mesma pergunta até que sua resposta seja *sim*.

Estou me preparando psicologicamente para revelar a verdade. Ela comeu (o que a deixou muito feliz), viu cachorrinhos (o que a deixou mais emotiva) e me beijou diversas vezes hoje, o que deve ter feito com que ela se sentisse excitada (ou assim espero) — três fatores que devem amenizar o fato de eu ter omitido certas coisas pouco importantes e quase não relevantes.

— Olha isso! — O quase grito de Mika me tira dos meus pensamentos. Quando volto meu olhar para ela, vejo a cena mais fofa que existe. Ela está segurando um filhotinho. Só que, em vez de apenas segurá-lo, Mika o esfrega em sua bochecha, completamente apaixonada pelo pequeno.

— Esse é Nutela, chegou há duas semanas — Jaque começa a explicar. — Luiz o encontrou no meio da rua, tremendo de frio. Imediatamente, ele o trouxe para cá e começamos a tratá-lo. Hoje ele foi vacinado e iremos colocá-lo para adoção amanhã.

— Me conta mais sobre ele — Mika pede, ainda com o filhotinho em suas mãos.

— Ele tem menos de dois meses e, com certeza, é uma mistura com Labrador, ou seja, vai crescer um pouco. Ou muito. É muito dócil e bastante carente, como pode ver.

Mika olha para mim, para Nutela, para Jaque, para Nutela, para mim, para Nutela e, finalmente, para Jaque.

Decidida, ela diz:

— Posso ficar com ele?

Lá se vão meus planos de contar a verdade para ela. Afinal, não quero arruinar o dia da adoção. Não posso colocar uma mancha nesse momento tão memorável. Além do quê, não quero desviar a atenção dela para coisas ruins. Muito menos quando ela está segurando um filhotinho tão pequenininho e indefeso. Vai que, com o susto da revelação, ela deixe Nutela cair no chão e o bichinho quebre sua patinha? Não. Não posso contar a verdade. Não por eu ser um covarde com medo de perder a única mulher pela qual já me apaixonei, mas pela segurança do cachorro.

Putá que pariu, sou um covarde de merda.



— Nutela, não! — grito, interrompendo o que Baby fala para que o cachorro pare de se esfregar nas suas pernas.

— Mika, esse cachorro só poderia mesmo ser teu. Tarado desse jeito... — Ela dá uma gargalhada.

— Para de palhaçada e vamos nos concentrar no meu problema — digo, irritada. Eu quero ajuda pra sair dessa situação.

Depois de não conseguir colocar um basta na história com Henrique e de não tirar meu vizinho da cabeça de jeito nenhum, resolvi chamar a Baby pra conversar. Eu preciso entender o que está acontecendo comigo e por que eu simplesmente não consigo agir como eu mesma.

— Gata, você não tem um problema. Você está apaixonada. Isso é bom, Mika. E o Henrique é um cara bacana. Sabe aquela história da noiva do Pablo e da gonorreia? Ele inventou porque não queria que você ficasse com o cara.

— Sério?! Ele ferrou a vida do amigo porque estava a fim de mim? — digo, dando um risada e pensando que nem a mão de Pablo eu quis apertar depois de nojo.

— Ele tá na sua. E está se esforçando pra te conquistar. Por que, em vez de tentar afastá-lo, você não dá uma chance? — ela diz e pisca um olho.

— Eu tenho medo de me machucar. Às vezes, acho que nem sou eu mesma quando estou com ele. Outro dia, saí vestida com uma blusa de seda branca e sapatos de salto. Em plena luz do dia. Como se eu quisesse impressioná-lo. Você já me viu vestida assim? — Baby nega com a cabeça. — Eu não quero ser como a minha mãe, Baby! Mudar só porque gosto de alguém.

— Então não seja, gata! Henrique gosta de você do jeito que você é. Ele te pediu pra mudar alguma coisa? Deu a entender que não gostava de algo? — Dessa vez sou eu que nego com a cabeça. — Pare de ficar procurando motivos onde não tem. Apenas aproveite...

— Mas e o meu vizinho indiscreto que não sai da minha cabeça? — pergunto, mesmo sabendo a resposta.

— Você só fica pensando nele pra tentar fugir do Henrique. Por que você não tenta namorar o Henrique? Pelo menos, dá uma chance pra você mesma. — Encaro Baby porque não entendo o que ela quer dizer. — Mika, aceita o pedido

dele. Tenta namorar e, se não der certo, paciência. Mas pelo menos você tentou. É assim que a vida funciona.

— Você pensar sobre isso — digo, ainda não muito convicta de que essa seja a melhor saída.

— Agora, me conta. Como ele é no sexo? O cara parece ser grande em tudo e tem cara de quem entende do babado. — Baby gesticula com as mãos e ri da sua pergunta.

— Não sei. Ainda não transamos — confesso, escondendo o rosto.

— O quê? — ela grita estridentemente — Logo você? — e ri. — Realmente, você não é mais a mesma.

Eu fico pensando em quando resolveremos esse problema. Porque todas as vezes que nos encontramos, nunca chegamos aos finais. Henrique já me fez gozar algumas vezes, a gente só se tocando e se esfregando, mas eu quero mais. Só que ele sempre foge — e eu estou subindo pelas paredes.



Nas últimas duas semanas, pelo menos umas três vezes eu ouvi a mesma pergunta de Henrique: “Quer namorar comigo?”, e em todas elas, minha resposta foi a mesma: “Não namoro”. Na real, acho que a gente já está namorando, mas eu não admito, assim como ele continua só me arretando e nada de sexo de verdade.

Pior de tudo que estou curtindo. Curtindo a companhia dele. Não vi mais meu vizinho. Não que eu não tenha espiado na janela nos horários mais diversos. Ele é que sumiu da face da terra novamente. Melhor assim. Pelo menos, eu não fico toda hora surtando e tentando sair fora do rolo com o Henrique.

Henrique tem sido uma boa companhia, o que me surpreende bastante, porque eu nunca imaginei que seria legal ter alguém pra fazer coisas simples junto. Sempre fui sozinha e independente e agora me pego sempre pensando em fazer as coisas com ele junto. Parece loucura, mas a companhia dele me faz bem.

Ele está sempre inventando alguma coisa nova pra gente fazer e, ao mesmo tempo, percebo que quer me conquistar e agradar. Mas ele não faz as coisas só por isso. Ele faz porque ele quer fazer também — o que definitivamente é um ponto a favor dele — e quando quero fazer algo idiota e que ele não está a fim, ele diz não e pronto. Mostra que ele não é um completo babaca, o que é seu segundo ponto a favor.

Nessas duas semanas, fomos ao cinema — só não vimos o filmes porque ficamos nos beijando a maior parte do tempo —, saímos pra comer em lugares

legais e fomos à praia algumas vezes, porque ele adora praia. Mas combinamos que não vamos à praia nos fins de semana pra não ter que aguentar toda a hipocrisia das famílias sorridentes. Nem preciso dizer que ver o Henrique sem camisa, molhado, correndo na areia é a melhor parte de ir à praia.

Isso é uma tremenda novidade. Pelo menos, para mim. Pela primeira vez, estou me permitindo conhecer alguém de uma forma não-sexual. Parece que ele nunca para de me surpreender. Pode parecer bobo, mas adoro isso nele.

Ele me contou um pouco sobre sua infância. Ele fala da vida que teve com tanta facilidade que chega a dar inveja. Eu mal consigo falar da minha vida de agora, quem dirá da minha infância e adolescência naquela casa com aquele bando de gente escrota. Admiro isso nele. Principalmente, por ter superado a infância pobre, começado a trabalhar cedo e ter conseguido vir pra cidade grande e se formar numa faculdade (ainda mais nesse país de merda onde a gente sabe que as oportunidades não são iguais para todos).

Henrique também falou sobre os tempos na faculdade, inclusive alguns casos que ele teve. Nunca vou admitir que fiquei morrendo de ciúmes. Principalmente, porque sei que a maioria delas ele ainda encontra de vez em quando. Quando ele me disse que já foi modelo, meu queixo caiu. Ele tem toda a pinta de modelo, é lindo, gostoso e sarado, mas não parece muito a praia dele, ainda mais porque ele tem alguma coisa meio tímida no meio daquele sorriso lindo.

Ele fala dele mesmo com tanta facilidade, que me faz querer falar de mim mesma também. Mas eu não consigo. Não quero falar das coisas ruins. Gosto de estar com ele, gosto de ouvi-lo falando de todas as coisas da sua vida. Mas não quero falar da minha. Será que é algum tipo de bloqueio?

A verdade é que eu não tenho o que falar. Meu pai faleceu quando tinha oito anos, minha mãe conheceu outro cara quando eu tinha dez. Casou com ele, ganhou de brinde mais dois irmãos escrotos e um padrasto tarado. Todos eles eram sádicos, transformaram meu irmão num escroto machista igual a eles e minha mãe é uma idiota que deixou de viver a vida dela, ter amigos ou vontade própria por causa de um homem. Fim da história. Pra que eu preciso ficar falando disso? Prefiro falar das coisas que me fazem bem.

Fora isso, tudo está perfeito. Ou melhor, quase tudo.

A única coisa que eu não estou gostando nem um pouco é dessa falta de sexo. Ele já veio aqui em casa diversas vezes. Mas sempre que a coisa começa a esquentar, ele arranja uma desculpa pra gente sair de casa ou pra ir embora. Nunca fico na mão, mas eu quero mais. Muito mais.

Mas de hoje não passa. Depois que o Neo fechar, vou arrastá-lo pro meu apê e se precisar, eu o amarro na cama. Tô subindo pelas paredes. Não aguento mais essa seca de sexo. Preciso de uma boa foda e vai ser hoje. Essa coisa de ficar de

roupas e só simulando o que poderia ser muito melhor pelados não é para mim. Não é mesmo.

O único problema é que hoje é sábado, a festa vai até mais tarde e ainda tem o aniversário de uma amiga dele da faculdade lá. Quero só ver quantas piranhas vou ter que matar pra tirar de cima do meu homem. Por que se as desconhecidas já se jogam, imagina as amigas que ele deve ter passado o rodo durante o curso.

O lado bom dele trabalhar lá é que eu fico de olho bem aberto e presto atenção em todas. Vejo cada bilhetinho que elas entregam e colocam na caixinha da gorjeta. Pelo menos, a Bianca foi trocada de posto e agora tem um outro cara dividindo o bar com ele.



Eu nunca pensei que fosse estar tão feliz. Sério mesmo. As últimas semanas na companhia de Mika foram sensacionais. É incrível como a gente se dá bem. Apesar daquela cara meio fechada e daquela marra que ela finge que tem, quando estamos sozinhos, ela se solta e me deixa ver um lado que me fascina.

Mika, por baixo daquelas roupas pretas e cabelos coloridos, é muito simpática e doce. Nunca pensei que fosse usar esse adjetivo para descrevê-la, mas sim: Mika é doce. Ela se preocupa, adora dar carinho e é muito ciumenta. Mesmo fingindo que não liga para todas essas coisas.

Outro dia, eu saí tarde da casa dela e fiquei de mandar mensagem assim que chegasse em casa. Só que esqueci. Quando entrei em casa, fui correndo tomar um banho gelado para tentar me acalmar. Como não consegui, tive que resolver meu problema sozinho. Duas vezes. Aí, quando peguei meu celular, vi que ela tinha mandado várias mensagens, preocupada comigo e perguntando se eu tinha chegado bem. Aquele gesto mexeu comigo. Por mensagem, mais uma vez eu perguntei se ela queria namorar comigo. A resposta dela foi a mesma, dizendo que não namora.

Queria dizer para ela que rótulos não significam nada. Ações e sentimentos falam muito mais alto do que um status nas redes sociais — e que já estamos juntos, queira ela ou não! Porém, fico quieto. Não quero dar motivos para ela se afastar de mim.

Enquanto isso, meu alter ego tem se mantido escondido. Desde que começamos a sair com mais frequência, a janela foi deixada de lado. Por mais que eu sinta falta de nossas interações por lá, não sei se consigo brincar com ela desse jeito. Na verdade, nunca foi uma brincadeira, apenas era a única maneira que tinha de interagir com Mika de uma forma mais sexual. Só que agora a janela não se faz mais necessária.

Quando estamos juntos, sempre faço questão que ela saia satisfeita. Tudo que pode ser feito por cima da roupa, eu já fiz com ela. O problema é que eu quero muito mais do que apenas uma foda e, pelo modo que ela diz levar seus relacionamentos (que se resumem, em sua maioria, a uma só noite), me sinto na obrigação de deixar claro, mesmo que de forma indireta, que não serei enquadrado na categoria “trepei, gozei, fui”. Enquanto ela não se permitir assumir

que há algo muito maior entre a gente do que apenas sexo, não desabotoarei minhas calças. Literalmente.

O que está sendo muito difícil, confesso. Principalmente por trabalhar tão perto dela e poder vê-la no palco. Aquela mulher é um espetáculo quando está com um microfone na mão. Não apenas por sua voz aveludada, mas pelo jeito como se move, como se toca. É impossível vê-la se apresentar sem pensar no modo como ela se tocou quando estávamos nos vendo pela janela. Tão sensual, tão segura do próprio corpo.

Todas as noites é a mesma coisa. Ela se apresenta com a Estrogenium e eu a observo, novamente um *voyeur*, completamente excitado e hipnotizado.

Não sei o que farei quando eu deixar de trabalhar no Neo. Vou ter que frequentar o bar todas as noites em que a banda toca, senão morrerei de ciúmes. Se aqui, atrás do bar, eu já me irrita com a quantidade de homens que a olham com luxúria e dão em cima dela, imagina se eu estivesse em casa, com Tamarindo, assistindo séries na Netflix? Impossível.

Hoje, a noite será mais movimentada do que o normal. Além de ter apresentação da banda, é também aniversário de uma amiga minha e do Pablo, a Paloma, que sempre foi muito popular. De acordo com meu amigo, a aniversariante convidou muita gente. Nos conhecemos na faculdade, cursamos os primeiros períodos de Arquitetura juntos. Durante um tempo, tivemos um rolo. Nada muito sério, apenas nos pegávamos quando estávamos a fim. Depois, as coisas esfriaram. Deve fazer um ano que não a vejo, ou mais.

Espero que o número de pessoas não seja um problema. Mesmo assim, pra evitar qualquer coisa, Roger designou mais um *barman* para me ajudar. Desde aquela parada com Bianca, pedi para que Roger nos deixasse em bares separados. Como bom camarada que é, ele aceitou. Me deixou aqui em cima, junto de Rafael, e passou Bianca para o bar de baixo.

Bem melhor.

Rafael é um cara bem tranquilo. Nos demos bem logo de cara. Assim como eu, ele recebe vários números de telefone por noite — e, diferente de mim, ele sempre escolhe um para ligar e terminar a noite bem.

Hoje, além de Rafael, tem também a Vic, uma menina nova, mas que já tem experiência. Já basta eu de novato.

Nós três damos conta do recado. Aos poucos, os convidados vão chegando, junto aos demais frequentadores do bar. Dá nove horas e já estamos lotados. Não consigo ver uma cadeira disponível e não tenho um minuto sequer para parar e respirar. Está uma loucura.

Eu até gostaria de poder falar com meus amigos e beber umas cervejas com eles, mas vejo que será impossível.

— E aí, Henrique, quando você vem ficar com a gente? — Paloma pergunta, lendo meus pensamentos.

— Do jeito que você lotou o bar, provavelmente terei que ficar aqui o tempo todo — respondo com um sorriso.

Por alguns momentos, conversamos um pouco. Paloma sempre foi muito gente boa, mesmo sendo uma patricinha, filha de um dos empresários mais ricos da cidade. Ela me conta como sua nova empresa está indo (muito bem, obrigada) e cita o nome de alguns amigos em comum que estarão aqui hoje.

Só que nosso papo é cortado no meio, já que preciso atender diversas pessoas que aparecem. Paloma faz um beicinho e diz que volta mais tarde para matar a saudade. Antes que eu possa dizer a ela que não há chances de ficarmos hoje, ela vira as costas e vai embora, me deixando com alguns clientes que pedem suas cervejas e *drinks*.

Sempre esqueço de falar para alguns amigos que ser *barman* é a chave para conseguir mulher. Sério. É impressionante a quantidade que vem se oferecer. Quando pergunto “O que você vai querer?”, não é raro eu escutar como resposta um “você na minha cama”. Tem umas que são frequentadoras assíduas e, desde que eu comecei a trabalhar aqui, elas tentam me levar para o mal caminho. Eu, bravo guerreiro que sou, resisto. Afinal, sou um homem de apenas uma mulher.

Quando vejo uma delas se aproximar, preciso respirar fundo para conseguir ser o mais cordial possível.

— Boa noite. Tudo bem?

— Melhor agora que você está aqui.

E a guerra começa...

— O que você vai querer? — pergunto e já posso imaginar o tipo de resposta que receberei.

— Hmmm... Essa pergunta me faz ter ideias muito boas.

Ela tenta ser *sexy*, mas acaba soando forçada demais, o que me irrita. Essa é uma das diferenças gritantes entre esse tipo de mulher e a minha mulher. Mika é sensual sem precisar tentar. Ela anda com um ar de superioridade, como se soubesse que não há nada, nem ninguém, que pudesse fazer com que se sentisse inferior.

— Temos um *drink* novo na casa, chamado *Bom Senso*. Quer experimentar? — eu pergunto e não estou sendo irônico. A menina nova que inventou e disse para a gente oferecer. Achei a oportunidade perfeita.

Acho que a minha pergunta não foi muito bem recebida. Ela bufa, vira as costas e vai para outro lugar. Menos uma.

Em pouco tempo, minha sessão está cheia de mulheres de todos os tipos e tamanhos, todas muito sorridentes e dispostas a me fazerem muito feliz esta noite.

Novidade.

Preparo seus *drinks* com profissionalismo e tento desviar de assuntos que possam dar espaço para comentários de duplo sentido. É um desafio. Em vez de perguntar “o que você quer hoje?”, digo “já escolheu a bebida de hoje?” ou algo do tipo.

Entre mulheres e bebidas, estou completamente distraído quando vejo cabelos coloridos se aproximando. Mika se debruça sobre o balcão e me dá um beijo na boca, daqueles que dizem “sai fora que esse tem dona” e eu não consigo evitar um sorriso. Quando ela faz isso, me sinto como se tivesse um pinto de trinta centímetros e fosse o cara mais foda do mundo.

— Hoje, depois que o Neo fechar, você não vai mais fugir de mim... — ela sussurra no meu ouvido.

Eu sei que aquilo é mais que uma promessa: é um desafio.

Mika não fica muito tempo por perto. Vejo que a hora do *show* começar se aproxima, por isso, ela vai de encontro com as amigas e me deixa sozinho novamente. Só que o beijo que ela me deu, aparentemente, serviu como repelente. As mulheres passam a me tratar com mais distanciamento.

Para melhorar a minha noite, alguns colegas da faculdade se aproximam. Em vez de ficarem na mesa com o restante da festa, eles conversam comigo enquanto eu preparo *drinks* e atendo clientes.

Desde que comecei a trabalhar aqui, hoje é, sem dúvidas, a melhor noite. O movimento é frenético, mas a companhia é excelente. O gosto do beijo de Mika continua na minha boca e eu sei que, em breve, não terei mais como resistir.

Tudo melhora (ou piora) quando Mika começa o *show*. Como sempre, não consigo desviar meu olhar dela, que canta, dança e me faz sentir arrepios com sua voz.

Hoje, o repertório é mais *pop* e menos *rock*, e sei que todas elas estão se divertindo. Dá pra ver no jeito como se movem e como sorriem.

Com meu olhar fixo na minha princesa de cabelos coloridos, não reparo quando Paloma se põe na minha frente e começa a falar comigo. Minha atenção está completamente voltada para Mika, que canta uma música bem conhecida e dança de forma muito sensual.

Volto para a realidade quando sou, literalmente, puxado por Paloma, que segura meu rosto e tenta me beijar. Eu afasto a cabeça, tentando evitar o beijo a qualquer custo. Não sei o que Mika é capaz de fazer se me vir beijando outra mulher.



Quando chego no Neo, o bar já está lotado. Mal dá pra caminhar de tanta gente. Em volta do bar de Henrique, as mesmas mulheres de sempre se jogando. Já estou cansada disso. Chego, me debruço sobre o balcão e dou um beijo nele pra deixar todas elas cientes de que o gato tem dona. Ele sorri. Aquele sorriso que vai de orelha a orelha. Eu tenho certeza que Henrique sabe que estou marcando território e adora isso.

— Hoje, depois que o Neo fechar, você não vai mais fugir de mim... — sussurro no ouvido dele.

Ele apenas concorda com a cabeça e vou em direção ao palco. As meninas já estão posicionadas, então só repassamos algumas informações. Como Roger havia nos avisado que hoje seria um aniversário, nós preparamos um repertório especial e ensaiamos um pouco lá em casa. Já havíamos tocado todas as músicas antes, mas nunca nessa ordem. Relembramos o que temos que fazer e começamos o *show*.

As canções que selecionamos para hoje são mais animadas, boas para dançar. A plateia participa, cantando junto, pedindo algumas músicas e gritando em outras. E a gente se entrega. Tanto eu quanto as outras meninas adoramos o que fazemos e damos 100% sempre que estamos no palco. Mesmo cantando músicas de outras pessoas, tentamos dar um toque nosso.

Quando começo a cantar *“prepara que agora é a hora do show das poderosas que descem e rebolam, afrontam as fogosas, só as que incomodam, expulsam as invejosas que ficam de cara quando toca...”* num ritmo mais de jazz que de funk, encaro Henrique e começo a dançar pra ele. Seus olhos não desgrudam de mim por um segundo sequer e os meus também não. Até que percebo que uma menina que está tentando chamar a sua atenção se debruça no balcão e enlaça o pescoço dele, tentando beijá-lo. Paro de cantar.

— Hey, perigete que tá agarrada no *barman* gostosão! — A plateia inteira olha pra mim e, em seguida, pro bar no meio da pista — Dá pra soltar o pescoço do meu namorado? Tem bastante homem aqui dando mole! Não precisa apelar pros que não te dão atenção ou são comprometidos. — A menina me fuzila com os olhos. Henrique me encara, surpreso, e as meninas da banda começam a rir. — Quem aqui está solteiro e quer pegar aquela gata desesperada ali levanta a mão.

— Noventa por cento dos homens levantam a mão. — Bora, então, meninos! Tirem ela de cima do meu namorado pra gente continuar a festa.

Vejo todo mundo rindo, alguns aplaudem, outros assobiam. Henrique continua me olhando como se não acreditasse no que acabou de acontecer. Foda-se! Ele é meu e não vou ficar aguentando essas periguetes se jogando. Provavelmente, as gorjetas dele irão diminuir e isso vai deixá-lo puto.

Só quando vou retomar a música, me dou conta que a periguite que se jogava em cima dele é a aniversariante.

— Hey, periguite! Esqueci. Feliz aniversário! — E volto a cantar — *“Se não está mais à vontade, sai por onde entrei. Quando começo a dançar, eu te enlouqueço, eu sei...”*

A festa continua e vejo que as mulheres se aproximam cada vez menos de Henrique. Pelo menos, meu *show* particular acabou afastando várias. Já os homens parecem que agora o enxergaram e não param de conversar com ele. O que será que eles tanto falam?

O *show* segue. Nós cantamos, dançamos e nos entregamos ao ritmo. Aquela adrenalina é viciante e, honestamente, não consigo me imaginar sem ela em minha vida.

Quando acabamos de tocar, estou suada, ofegante e com um sorriso enorme no rosto. Sinto o sangue pulsar em minhas veias e preciso compartilhar essa *vibe* com Henrique. Me dirijo pro bar, caminhando como se estivesse em uma missão. Quando estou em sua frente, Henrique me olha e pergunta:

— Quer dizer que agora somos namorados? — E sorri ironicamente. Sinalizo um *sim* com a cabeça e ele me puxa para um beijo. Me derreto na sua boca e percebo os olhares da periguite que estava tentando roubar meu namorado antes.

Fico o resto da noite só em volta do bar. Dançando ali com as meninas, conversando com alguns dos amigos de Henrique e recebendo olhares de reprovação ou inveja de várias mulheres. Eu sei. Henrique é um gato. Gato é pouco, ele parece ter sido esculpido a mão por algum artista plástico muito foda. Cada detalhe do seu corpo e rosto parecem ser perfeitamente harmônicos e feitos para que a minha mão e minha língua passem. Mas, mais do que sua aparência física, o jeito como ele me trata, cuida, brinca e me ouve é o que mais me deixa encantada.

No final da noite, ele termina de limpar o balcão enquanto eu o observo. O bar já está vazio. Somente o pessoal que trabalha, eu e as meninas da banda permanecemos lá.

— Vamos esticar? — Roger pergunta.

Olho para Henrique, que me olha, olho pra Roger e respondo:

— Hoje, não. Tenho outros planos que envolvem apenas o meu namorado... —

Todos riem e Henrique fica me olhando de boca a aberta. — Vamos? — pergunto, olhando só pra ele. Ele apenas concorda com a cabeça.



Saímos de lá e a expectativa é tanta que o ar chega a vibrar perto da gente. Foram semanas esperando. Semanas desejando o momento. Semanas imaginando todas as formas que poderíamos nos tocar, nos sentir, nos dar prazer.

Andamos de mãos dadas, mas em total silêncio. Nosso passo é acelerado. Se o coração dela for como o meu, ele deve estar batendo descompassado. Só de pensar no que vai acontecer em mais ou menos dez minutos, já começo a me sentir excitado. É então que me lembro de uma coisa muito importante.

— Você tem camisinha na sua casa? — pergunto.

Ainda caminhando, ela me olha.

— Geralmente sim, mas eu não tenho certeza.

Merda. Eu sempre carrego uma camisinha na minha carteira, mas normalmente não a uso. Nunca fui do tipo que faz sexo casual. Claro que saía com o intuito de encontrar uma mulher para transar, por isso, levava um pacote de camisinha — e a da carteira sempre ficava lá, esquecida.

— Você não tem? — é a vez dela questionar.

— Tenho uma na carteira. Precisamos parar em alguma farmácia no caminho.

— Mas você tem. Vamos logo pra minha casa, Henrique. Não aguento mais.

Eu paro de caminhar e fico na sua frente, de modo que possa olhar dentro de seus olhos.

— Se você acha que uma camisinha será suficiente, então não me conhece direito — falo baixo, meu tom grave, meu desejo escorrendo por minha voz. — Precisaremos de, no mínimo, três.

— Três? — ela sussurra.

— No mínimo. Mika, eu vou te comer tanto e com tanta vontade, que amanhã você será obrigada a passar o dia inteiro na cama, sem conseguir andar. Mas eu ainda não vou estar satisfeito. Como sou um cara legal e sei que você estará dolorida, passarei o dia com a cabeça entre as suas pernas, te chupando até você não aguentar mais. Depois, se você ainda tiver condições, te como mais um pouco. Por isso, precisamos de, pelo menos, uns dois pacotes de camisinha. Só que vou comprar logo uns dez pra gente ficar garantido por um tempo.

Não espero por sua resposta, apenas continuo caminhando e a puxo pelo braço. Em menos de um quarteirão, avisto uma farmácia aberta. Entramos, com passos

determinados, e pegamos aquilo de que precisamos.

Quando o caixa olha para a quantidade de camisinhas que peguei, ele olha para mim com um sorriso e depois para Mika, perdendo alguns segundos nos peitos dela. Não aguento e falo:

— Se você continuar olhando para a minha namorada como se quisesse fazer uso do que está na sua mão agora, pode ter certeza que você não volta pra casa vivo.

O cara arregala os olhos. Meu tom não deixou dúvidas que eu não estou de brincadeira. Ele não entende a necessidade que sinto dessa mulher, e só esses segundos que perdemos por ele ficar desejando o que não é seu estão atrasando os meus planos para hoje. O atendente não dá mais um pio. Apenas registra a compra e eu entrego meu cartão para ele, sem querer saber do valor. Não espero a nota fiscal. Pego a sacola e a puxo novamente em direção ao seu prédio.

Ela luta para conseguir colocar a chave na porta, suas mãos trêmulas com a expectativa do que vai acontecer. Enquanto ela tenta, eu estou logo atrás dela, meu hálito quente em seu pescoço. Não posso tocá-la. Se eu fizer isso, não entraremos no apartamento.

Mika finalmente abre a porta. Entramos. Nutela quer atenção, mas ignoramos completamente seus latidos.

Ela olha para mim e eu olho para ela. O ar parece estalar de tanta tensão. Não sabia que morrer de tesão poderia ser real, mas agora percebo que é uma possibilidade.

Se dependesse do turbilhão que acontece dentro de mim, eu a jogaria na cama, arrancaria suas roupas e treparíamos como animais. Só que, além desse tesão fora de controle, eu também estou completamente apaixonado por ela. E, pelo pouco que conheço de Mika, sei que palavras não são suficientes para que ela acredite. Por isso que este momento é tão importante. Quero deixar claro tudo que eu sinto. Para isso, eu irei venerar o corpo dela.

Lentamente, abaixo minha cabeça, aproximando meu rosto do dela. Nossos lábios se tocam e preciso me controlar para que as coisas continuem lentas. Beijo-a como se fosse a primeira vez. Nossas línguas se encontram, se sentem, se procuram. Deixo minhas mãos passearem por seu corpo enquanto as dela fazem o mesmo comigo.

Desço meus beijos por sua orelha, seu pescoço, fazendo com que ela solte gemidos baixos e segure firme em meus bíceps, como se tivesse medo de cair. Minhas mãos estão fortes em sua cintura, mantendo-a ali, ao alcance dos meus lábios, que precisam estar em contato com seu corpo.

Me perco nela, nos beijos, nos sons e nos cheiros que tomam conta do ambiente. Com calma, seguro a barra da sua blusa e a puxo para cima. Mika me

ajuda e levanta os braços, não deixando dúvida de que quer o mesmo que eu.

A visão à minha frente é de tirar o fôlego. Seus seios fartos estão cobertos apenas por uma leve camada de renda, que os emoldura. Não resisto e passo a língua por seu colo, que ameaça fugir do sutiã. A respiração dela é carregada, deixando claro que está entregue às sensações. Minhas mãos acham o fecho da *lingerie* e, sem dificuldades, eu a livro da prisão.

Completamente nua da cintura para cima, Mika é a personificação da mulher perfeita. Sua cintura fina contrasta de forma harmônica com seus seios grandes. Curvas e mais curvas que dão a ela um formato de ampulheta. Perfeita. Seus mamilos são rosados e estão duros, apontando para mim como se exigissem que eu os colocasse na boca.

Assim o faço. Chupo os dois com vigor, o que faz com que Mika comece a gemer mais alto. Ambas as suas mãos estão nos meus cabelos, impedindo que eu me afaste. Como se eu pensasse em fazer isso... Nunca! Tudo o que eu quero é me perder naqueles peitos. Mesmo minha mão sendo grande, não é o suficiente para segurá-los.

Começo a perder o controle, sugando cada vez com mais força. Minhas mãos, agora, seguram a bunda dela, puxando-a ainda mais perto para que sinta o quão excitado estou. Os sons que ela emite são eróticos demais e me deixam ainda mais duro. Saber que ela está se contorcendo de prazer por causa, apenas, da minha boca faz com que meu pau comece a ficar molhado na ponta.

Todas essas semanas apenas dando prazer a ela me deixaram em ponto de bala. Estou quase explodindo só pela sensação de ter aqueles mamilos na minha boca. Por isso, me afasto, subindo a minha boca para seu pescoço. Mika faz um som de desaprovação e eu dou uma risada baixa.

— O que você quer, linda? — pergunto.

— Quero que você pare de me torturar. Quero você dentro de mim. Quero gozar. Quero tudo, Henrique — ela afirma.

— Seu desejo é uma ordem. Me leve pro seu quarto.

Ela obedece. Ela sem blusa e de *shorts* e eu completamente vestido.

O quarto dela está escuro e eu tateio a parede em busca do interruptor.

— O que você está fazendo?

— Quero que a luz fique acesa. Quero ver cada centímetro do seu corpo. Quero ver cada pelo eriçado pelo meu toque e cada reação sua e, principalmente, quero que você veja a minha cara de prazer quando eu estiver gozando dentro de você.

Acho que, pela primeira vez, deixo Mika sem saber o que dizer. Ela não precisa falar nada, apenas sentir. Não apenas todo o prazer que pretendo lhe dar, mas todo o meu sentimento, que neste momento transborda.

Colo meus lábios nos dela mais uma vez e a empurro em direção da cama. E

ela vai. Antes que se deite, paro na sua frente e me abaixo, ficando de joelhos. Ela me olha como se não entendesse. Meus olhos continuam firmes nos dela enquanto eu abro o botão do *shorts* e o puxo para baixo, revelando uma calcinha preta rendada, que combina perfeitamente com o sutiã que ela usava. Gentilmente, desço o frágil material, revelando uma boceta rosada e visivelmente úmida. Finalmente, tenho Mika completamente nua e a meu alcance.

Me levanto e dou três passos para trás. Olho para ela de cima a baixo, apreciando cada curva do seu corpo.

Nem se eu quisesse, conseguiria ficar mais excitado do que estou agora. Há semanas sonho com este momento, com a possibilidade de tocá-la por inteiro.

— Deita na cama, Mika.

— Por favor, não me diga que você é daqueles que gosta de brincar de dominante/submissa. Porque eu definitivamente não sou esse tipo de mulher — ela diz.

— Não, Mika. Nada do que faremos tem a ver com submissão. Tudo o que eu quero é poder me deliciar com seu corpo, lamber cada pedacinho, chupar seus peitos e beijar sua boceta. Quero sentir seu gosto na minha língua.

O modo como ela me olha indica que ela não está muito convencida. Por isso, acrescento:

— Não tenho essas taras, Mika. A única coisa que realmente quero é poder te dar prazer. Se você quiser, um dia, me amarrar pra brincar de dominante, tudo bem. Mas hoje, não. Hoje você é minha. Por isso, te peço: por favor, minha linda, deita na cama para eu reverenciar o seu corpo.

— Bom... Se você quer reverenciar meu corpo, quem sou eu para dizer não? — Ela se deita, de costas, e apoia o corpo nos antebraços. — Só acho que você está vestido demais para a ocasião.

Estou completamente vestido enquanto ela está completamente nua. Resolvo fazer um pequeno *show* para ela e removo minha roupa com tranquilidade. Primeiro os sapatos e as meias, depois a camisa, chegando na calça e, por fim, removo minha cueca. Assim como ela, agora estou completamente exposto.

Ela deitada na cama e eu em pé. Nossos olhos se perdem no corpo do outro. Sei que sou um cara bonito e que meu corpo é bem cuidado, mas nunca ninguém me olhou com tanta luxúria e desejo como agora. Mika analisa cada milímetro do meu corpo, começando por meu peitoral, passando por meu abdômen e chegando, finalmente, no meu pau, que está trincando e aponta para ela, como se soubesse para onde deve ir.

— Belisca seu mamilo para mim, Mika. Quero ver você se tocar.

Ela obedece. A cena é um *déjà vu*, mas não me importo. Enquanto ela acaricia seus seios, eu seguro meu membro, apertando um pouco para aliviar a

necessidade que sinto de meter nela até que não exista mais força dentro de mim.

Nos observamos por mais alguns minutos e a expectativa aumenta. Não aguento mais. Preciso tocá-la.

Como prometido, reverencio seu corpo. Ajoelho na cama e coloco ambos os pés dela no meu peito. Pego o esquerdo e beijo cada dedo. Faço o mesmo com o direito. Meus lábios descem, explorando aquelas pernas que ela adora exhibir com shorts muito curtos. Beijo, mordo, lambo e esfrego minha cara nela, que geme e se contorce.

Quando chego perto de sua boceta, consigo sentir seu cheiro e ver que está brilhando de tesão. Minha boca enche de água. Estou morrendo de vontade de saber que gosto ela tem.

Ah, Mika...

Só que ainda não está na hora. Subo por seu corpo, chegando à sua boca, que beijo com sofreguidão. Um beijo molhado, desesperado. Mas seguro meu corpo para não encostar no dela.

Ainda não acabei minha análise. Exploro seus seios novamente, descendo por sua barriga. Com a língua, brinco com seu umbigo, fazendo com que ela se arrepie e gema, chamando meu nome.

— O que você quer, Mika? — pergunto, mesmo sabendo a resposta. Afinal, ela quer a mesma coisa que eu.

— Quero você, Henrique. Para de me fazer esperar.

Ela não precisa me pedir duas vezes. Só que antes de preencher seu corpo com a minha ereção, preciso prová-la — e é o que eu faço.

Desço novamente por seu corpo, até estar com o rosto logo acima de sua boceta. Afasto suas pernas, ficando cara a cara com sua parte mais sensível. Mika se contorce, provavelmente desconfortável por estar tão exposta.

— Henrique... — ela meio diz, meio geme.

Ela tem a xoxota mais linda do mundo, toda rosinha — e o cheiro de sua excitação está me deixando fora de controle. Mas preciso fazer com que ela goze pelo menos duas vezes antes que eu entre nela. Não sei se tenho condições de durar mais do que dois minutos. Pelo menos, não na primeira vez. Há semanas eu desejo isso. Sonho com isso. Ou seja, assim que eu entrar nela, vou explodir que nem um adolescente perdendo a virgindade. Por isso, preciso que ela tenha alguns orgasmos antes.

Sopro em sua boceta, fazendo com que Mika estremeça. Repito mais duas vezes e os sons que ela emite ficam cada vez mais altos.

— Para de me torturar, seu babaca.

— Não estou te torturando. Estou me torturando. O seu cheiro está me enlouquecendo. A vontade que tenho de te lambar assim toda molhada está me

consumindo, mas eu sou um filho da puta desgraçado. Gosto da ideia de atrasar a minha gratificação.

— Mas eu não gosto. Porra, Henrique! Me chupa logo.

Se fosse em qualquer outra situação, eu riria da forma como ela xinga e briga quando está excitada. Só que, neste momento, a única coisa que consigo pensar é que esta será a última primeira vez que eu terei com uma mulher.

Mika pode não saber, mas ela é minha. E não quero mais ninguém. Vou fazer de tudo para que ela pense o mesmo.

Lentamente, aproximo meu rosto de seu sexo encharcado e começo a lamber. Na primeira vez que minha língua encosta nela, eu solto um grunhido ao mesmo tempo em que Mika grita.

Era o que faltava para me fazer perder todo o controle. Agarro suas coxas e as afasto, encaixando minha cabeça entre suas pernas para que eu possa me banquetear. Mika é doce, mas tem gosto de mulher. É afrodisíaco. Quanto mais eu lambo e mordisco, mais Mika geme e se contorce. Sem pudor algum, ela me segura pelo cabelo e esfrega sua boceta na minha cara, e eu preciso me segurar para não gozar ali mesmo. Quando chupo seu clitóris, ela detona, gozando na minha boca.

Seu gosto me invade e eu preciso de mais. Ela ainda treme de prazer, mas eu continuo. Com gentileza, pois não quero machucá-la, enfio dois dedos dentro dela, que berra com a nova sensação.

— Caralho, Henrique... Não para!

Com meus dedos dentro dela e com a minha língua ainda brincando com seu clitóris, não demora muito para que Mika goze novamente.

Levanto da cama e vou para a sala. Não sei como, já que minhas pernas estão prestes a ceder. Meu pau nunca esteve tão duro e eu nunca estive tão excitado na minha vida. *Aquela mulher ainda vai acabar comigo...*

Na sala, pego a sacola de camisinhas que deixamos jogadas no chão perto da porta e carrego para o quarto. Pego um pacote e abro com os dentes. Meus olhos não deixam os dela por um segundo sequer. Desenrolo uma camisinha e me posiciono em sua entrada.

— Você tem certeza, Mika? Porque preciso te dizer: não tenho intenção alguma de ser apenas mais um sexo casual em sua vida e não vou aceitar que você me trate como um. Por isso, te pergunto mais uma vez: tem certeza de que você quer isso?

— Henrique... — ela sussurra — Cala a boca e me come.

É isso que eu faço. Aos poucos, forço minha entrada. Mika está tão molhada que não oferece muita resistência, mas eu sou um cara grande e não quero machucá-la. Por isso, vou devagar.

Ela é úmida, quente, apertada e perfeita. Quando estou completamente dentro dela, tenho certeza de que morri e fui para o paraíso. Nunca foi tão bom assim. Impaciente, Mika começa a se mexer embaixo de mim.

— Porra, Mika. Para com isso, deixa eu me acostumar — suplico. Ela não tem ideia de que estou a ponto de explodir.

— Henrique, por favor, começa a se mexer e me fode! Eu já esperei muito por isso. Não aguento mais. Eu quero você e quero agora!

Se ela quer, quem sou eu para negar?

Começo a estocar devagar, mas Mika, como boa filha da puta que é, me puxa pela bunda, fazendo com que eu vá mais rápido. Foda-se! Se ela quer rápido e com força, terá rápido e com força.

Eu meto nela sem reservas, sem pensar que estou prestes a gozar. Ela grita meu nome e geme alto. Levanto suas pernas e fico de joelho, alcançando ainda mais fundo. Meto rápido, com força, do jeito que ela quer. Abro suas pernas e deito em cima dela, rebolando e fazendo com que ela revire os olhos.

Intercalo os movimentos e Mika me acompanha. Ela morde meu ombro e arranha minhas costas e a mistura de dor e prazer me deixam à beira do precipício. Minhas estocadas ganham um ritmo mais acelerado, desesperado. Quero que ela goze também.

— Amor, eu não vou durar muito. Sua boceta é muito gostosa e muito gulosa, tá me apertando demais.

— Não para, Henrique, eu tô quase lá. Não para.

Ela pede e eu obedeco. Não paro. Por mais que minhas bolas já estejam doendo e eu tenho que pensar na minha avó para não gozar naquele minuto, eu não paro. Até que ela berra o meu nome e começa a tremer embaixo de mim. Não preciso de mais nada para me soltar.

Meu orgasmo vem como um trem e sinto meus dedos dos pés se contraírem. Não consigo evitar o urro que dou.

— Ahhhhhhhh, Mika!

Putaquepariu. Nunca foi tão bom assim.



Abro os olhos e demoro a entender onde estou. Quando tento me mexer na cama, percebo que estou em um lugar do qual nunca mais quero sair: os braços de Henrique. Ele ainda está dormindo, sinto pela sua respiração tranquila. Mesmo assim, seus braços me seguram de forma firme. Nunca pensei que me sentiria segura dormindo com alguém. Mas é assim que acordo: me sentindo segura e muito dolorida depois da nossa maratona de sexo.

Deveria ser perto das nove da manhã quando dormimos, exaustos, depois de transar quatro vezes e eu gozar umas doze. Acho que foram doze porque parei de contar depois da décima vez.

Foi a melhor foda da minha vida. Eu até estava desconfiando que Henrique tinha algum problema, tipo ejaculação precoce ou dificuldades de ereção, pelo tanto que ele me enrolou, mas ontem, depois de ele perguntar se eu tinha certeza porque ele não queria ser mais um, acho que entendi. O filho da puta estava me esperando admitir que eu também sentia algo diferente por ele pra, finalmente, me comer. Ponto pro time dos meninos. Ele me pegou em cheio.

Não foi só sexo. Foi algo muito maior. E nem é pela quantidade de vezes que gozei ou que transamos... É porque ele me fez sentir realmente especial. Claro que já teve outros caras que me fizeram sentir única, mas nenhum foi como Henrique. Não dessa forma, não desse jeito.

É como se, pela primeira vez na vida, eu acordasse e o mundo não estivesse cinza. Desde que comecei a sair com Henrique, vejo que o mundo tem outras cores, mas elas ainda eram pálidas e, na maior parte do tempo, o cinza predominava. Agora não. Tudo parece ter uma cor intensa, quente, de verão, de vida.

Quando eu estava pegando no sono, tenho quase certeza que, enquanto Henrique fazia cafuné nos meus cabelos, ele disse um “eu te amo” sussurrado. Fingi que não havia escutado, porque eu não sabia como responder. Como se responde um “eu te amo”? Com “ok, obrigada”? Ou eu deveria dizer que também acho que o amo? E se foi só porque ele estava extasiado? Eu não sei definir o que é amor. Acho que nunca senti ou recebi amor. Tudo que eu sei é que nunca senti por ninguém o que sinto por ele. E que tenho vontade de estar o tempo todo com Henrique grudado em mim. Que meu primeiro pensamento quando acordo é ele e meu

último antes de dormir também.

Tento sair dos braços do Henrique e levantar da cama, mas ele me puxa para mais perto do seu corpo.

— Não — ele sussurra. — Fica aqui comigo.

— Preciso fazer xixi — falo baixinho. — Fica dormindo, eu já volto.

— Não vou conseguir dormir sem você... — Henrique se espreguiça e me puxa para um abraço. — Bom dia. Que horas são? — Ele abre aquele sorriso em que eu quero morar para sempre.

— São quase quatro horas da tarde. — Beijo sua bochecha. — Eu preciso mesmo fazer xixi agora. — Me desvencilho dele e pulo pra fora da cama.

— Você volta? — ele pergunta, sonolento. Tenho vontade de dizer que sim, mas não sei como me comportar.

— Estou com fome também. Pode ficar aí dormindo — digo, enquanto fecho a porta do banheiro.

Que merda! Do que eu estou com medo? Por que não consigo simplesmente me entregar ao momento e aproveitar? Henrique já me mostrou, das formas mais diversas, que não quer me magoar. Mesmo assim, eu continuo na defensiva.

Quando saio do banheiro, Henrique está na cozinha, organizando algumas coisas pra gente tomar café da manhã.

— Acho que tem tudo que precisamos na sua geladeira. Bem melhor que a minha, que só tem coca e margarina. — Ele ri.

— Você não tem que trabalhar daqui a pouco? — pergunto.

— Quer que eu vá embora, Mika? — Ele me olha, confuso.

— Não é isso. É que não quero que você se atrase por minha causa. — Me viro para sair da cozinha.

— Você não estava com fome? — Henrique parece chateado.

— Estava. Quer dizer, estou. Eu só preciso... — Ele não me deixa concluir a frase. Henrique me pega pela cintura, me segurando de forma firme e olhando nos meus olhos. Desvio o olhar.

— Mika... — Ele levanta o meu queixo com a mão para que nossos olhos se encontrem novamente. — O que está acontecendo aqui?

— Nada. Eu só... — Abaixo o olhar novamente e Henrique me interrompe.

— Se não está acontecendo nada, então por que você não olha para mim? — Ele faz uma pausa, esperando uma resposta que eu não posso dar. — Você não gostou de ontem à noite? Eu fiz algo errado?

— Não. Você não fez nada errado. Eu que não sei o que fazer. Eu nunca dormi e acordei com alguém na minha vida, Rique. — Ele sorri e beija minha testa, me puxando para um abraço.

— Você não precisa fazer nada, Mika. Só fale comigo. Não quero que você

tenha medo da gente ficar junto. Você é a mulher mais maravilhosa que eu já conheci e estou totalmente envolvido com você. Não posso prometer que nunca vou te magoar, mas posso garantir que, se isso acontecer, não vai ser proposital. E eu farei de tudo pra me redimir.

— Acho que só estou com medo — digo, tentando segurar uma lágrima que não sei de onde surgiu.

— De mim? — Henrique pergunta.

— De me machucar. De você se cansar. De me apegar a você e, de repente, acordar e estar sozinha novamente. Tenho medo de mudar, de deixar de ser quem sou porque agora existe você na minha vida. Não quero ser igual a minha mãe — desabafo e não consigo mais controlar as lágrimas que insistem em sair.

— Você nunca me falou sobre sua família, Mika. Não sei o que aconteceu com a sua mãe, mas pode ter certeza que não quero que você mude e que não pretendo te deixar sozinha nunca na vida.

Os braços de Henrique à minha volta me confortam, mais do que suas palavras. Eu posso sentir tudo que ele diz que sente em seu abraço. Mas, mais que isso, eu sei que ele está sendo verdadeiro. Henrique não me promete nada e ao mesmo tempo me promete tudo.

— Vamos tomar café — digo, limpando o rosto. — Nem sei o que me deu, acho que caiu algo no meu olho. Chorar não combina comigo.

Henrique ri e me beija. Tomamos um café da manhã reforçado — afinal, parece mais café da tarde pelo horário. Conversamos um pouco sobre coisas aleatórias e o tempo passa rapidinho.

— Tenho que ir pro Neo, Mika. Você quer ir comigo? — ele pergunta.

— Acho que vou mais tarde. Te encontro pra gente voltar pra casa juntos, pode ser? Ou podemos ir hoje pro seu apê. Afinal, eu nem sei onde você mora — brinco.

Henrique deixa a faca na pia e para por um minuto. Suas costas tencionam e sei que algo está errado.

— Mika, eu preciso te contar uma coisa. — Ele me olha com cara de assustado, mas não quero estragar este momento e muito menos falar de alguma coisa séria antes de ele ir embora. Chega de drama por hoje.

Sei que Henrique vem de uma família pobre e que não ganha tão bem assim (ainda mais agora que está fazendo bicos no Neo), não quero que ele se sinta envergonhado. Tanto faz para mim se o apê dele é lindo ou se só tem uma cama. O que me importa é ele.

— Depois você me conta. Mas, Rique, você não precisa ter vergonha do seu apê — digo e beijo a sua bochecha. — Agora, eu quero te dar um presente.

Levanto do sofá e corro até a cozinha. Pego o presente e volto pra sala. Nutela

já está no colo dele, parecendo bastante confortável. Não consigo evitar um risinho.

— Essa semana, eu passei numa floricultura e vi essa minissamambaia. Na verdade, a atendente me explicou que é uma samambaia bebê, e pensei que é a sua cara, já que você gosta de plantas e quer trabalhar com paisagismo.

— Eu amei. Adoro plantas e não tenho nenhuma no meu apê. — Henrique deixa Nutela no sofá, pega o presente da minha mão e me beija.

— Se você não me soltar agora, não vou te deixar trabalhar hoje — digo, completamente molhada apenas com o beijo que ele me dá.

— Proposta tentadora — ele beija meu pescoço e mordisca minha orelha —, mas preciso trabalhar, mas antes tenho que passar em casa pra deixar meu presente e dar comida pro meu gato.

Nos despedimos na porta. Henrique sai e sinto um vazio enorme. Me jogo no sofá e ligo a televisão. Procuro algo na Netflix só para passar o tempo. O tempo que não estou com Henrique. O tempo que agora parece não passar. Será possível que vou virar uma dessas mulheres que só se sentem bem com um homem ao lado?

Meu celular vibra e é uma mensagem do Henrique, “*já estou com saudades*”. Pelo menos, não sou só eu. Ligo para Baby.

— Tá viva, diva? — Baby atende o telefone, me zoando. — Pensamos em ligar cedo para vocês, mas, depois da sua intimada ontem no Henrique, achei que não era uma boa ideia. — Ela ri. — Conta tudo. Quero saber dos mínimos detalhes.

— Jura que vou te contar alguma coisa sobre a melhor foda da minha vida, dormir nos braços do homem mais gostoso do mundo e acordar ainda abraçada nele.

— Saiu da seca, então, gata? — Ela continua rindo.

— Saí... várias e várias vezes — digo, me fazendo de desentendida.

— Uau! Pelo visto a noite foi longa...

— Dormimos às nove da manhã e acordamos às quatro da tarde. Mas agora ele já foi trabalhar e é por isso que te liguei. Quer ir pro Neo hoje? Pensei que, como Roger vai estar lá também, você poderia me fazer companhia. Não quero nenhuma biscate se oferecendo pro Henrique. — Só de pensar nas mulheres se jogando em cima dele fico vermelha de raiva.

— Juro que não conhecia esse seu lado possessivo e ciumento. Mas eu topo sim. Te pego às oito, pode ser?

— Te espero.

Nos despedimos e vou tomar uma ducha. Penso no que vou vestir. Não quero usar preto. Não hoje. Faço uma anotação mental que preciso comprar roupas coloridas. Ok. Nada verde fosforescente, mas cores mais alegres.

Escolho um vestido de alcinhas, num tom de azul bebê. Coloco nos pés uma sapatilha baixa azul. Nada de maquiagens pesadas hoje. Passo apenas rímel, um batom cor de boca e um lápis no olho. Prendo os cabelos num coque alto com alguns fios soltos. Gosto do resultado em frente ao espelho. Não é exatamente como as pessoas estão acostumadas a me ver, mas é como me sinto. Mais leve, com a alma tranquila.

Quando entro no carro de Baby, ela me encara como se estivesse vendo uma assombração.

— Quem é você e o que fez com a minha amiga?

— Sua amiga foi abduzida pro planeta Amor e se sente assim... colorida.

Ela sorri. E eu também.



Entramos no Neo e a primeira pessoa que dou de cara é Bianca.

— Olha! A putinha *punk* está querendo impressionar alguém. Parece até gente agora. Que foi? Ele já cansou de você?

Respiro fundo para não quebrar a cara dessa perigete no meio do salão.

— Isso foi um elogio, né?! Todo esse recalque é porque ele não te quis? — Sorrio ironicamente pra ela. — Não te preocupa, nós estamos muito bem. Agora somos até namorados. Mas se eu não quiser mais ele, te deixo os restos. O problema é saber se os restos iam te querer... — Saio caminhando, sem deixar que ela me responda qualquer coisa.

Quando me aproximo do bar em que Henrique está trabalhando hoje — por ser domingo, a pista não abre, então todo o movimento se concentra na parte de baixo do bar —, vejo que outra perigete está na volta dele. Meu sangue ferve. É a aniversariante biscate.

— Oi, delícia — Me debruço sobre o balcão e puxo Henrique de surpresa pra um beijo.

— Oi, amor. Achei que viria mais tarde. Estava agora mesmo falando pra Paloma como estamos nos dando bem e que você é a mulher da minha vida.

Paloma me olha com desprezo. Sorrio para ela.

— E pensar que eu nem queria ficar com você e se não fosse a sua insistência... — falo olhando para ela. — Mas eu sou muito sortuda de ter um cara como você. — Me viro para ele e dou um selinho nos seus lábios.

— Até me estranha o Henrique querer namorar — Paloma se mete na conversa. — Quando a gente ficava, estávamos focados na faculdade. Sabe, ter um diploma,

ser alguém na vida... — Ela me sorri ironicamente. — Nunca imaginei que o Henrique fosse se envolver com um tipo como você. Deve ser uma fase, porque está vivendo nessa vida de desempregado.

— Um tipo como eu? — pergunto, pensando em como vou arrancar todos os dentes de Paloma.

— É... uma adolescente tardia, que ainda está na fase de bandas, com cabelos esquisitos... Nada contra, mas não é a *vibe* do Ri.

— Ri? Cabelos estranhos? Adolescente tardia? — Dou uma risada. — Primeiro que meus cabelos não são estranhos. São coloridos, e você deveria tentar pra ver se perde um pouco essa cara de songa monga. Além disso, cantar é minha profissão e te garanto que ganho mais dinheiro do que você com seu diploma. Quanto a ser uma adolescente tardia, eu tenho 19. Então acho que ainda sou adolescente. Mas prefiro isso que ser uma mulher de 20 e poucos, recalcada e que não sabe levar um *não* de um cara.

— Paloma — Henrique se mete na conversa —, te agradeço o convite, mas estou focando na área de paisagismo e, além do mais, eu amo a Mika. Não tem nenhuma outra mulher que me interesse mais nessa vida.

Paloma olha Henrique e depois me encara. Sai batendo os saltos no piso como uma criança mimada e birrenta. Dou risada.

— O que foi isso? — pergunto pra Henrique. — Ela te ofereceu um emprego?

— Sim e não. Ela me ofereceu uma sociedade no escritório e na cama dela.

— Sério? E você disse o quê?

— O que você acabou de ouvir. Ela estava me fazendo a proposta quando você chegou e interrompeu a conversa.

— Se eu não tivesse interrompido, você aceitaria? — pergunto. Será que Paloma tem razão e sou apenas uma fase?

— Claro que não, Mika. Minha resposta seria a mesma, com você aqui ou não. Não estou interessado em nenhuma outra mulher. Será que você ainda não entendeu que eu te amo?

Por sorte, Baby e Roger se aproximam do balcão, interrompendo a conversa. Ainda não sei como responder que ele me ama. Eu também acho que o amo. Mas ainda não consigo verbalizar o que sinto. Antes de falar, preciso entender.

A vida é boa. Sério, acho que se não fosse pelo fato de eu estar afastado da minha real profissão, minha vida seria perfeita. Não tenho palavras para descrever como me sinto em relação à Mika. Amor é pouco. O que sinto é algo muito mais completo e intenso do que amor. É, também, ansiedade, felicidade, tranquilidade, vivacidade e várias outros “dades”.

Além de linda, inteligente, talentosa e com a língua afiada, minha namorada é muito boa de cama. Puta que pariu, aquela mulher é uma delícia. Não estou falando só de seu corpo cheio de curvas. Ela sabe o que está fazendo e não tem medo de fazer.

Após a nossa primeira vez, ela se soltou mais, ou melhor, eu deixei que ela se soltasse mais. Curtimos a noite, trepamos mais algumas vezes e gozamos mais várias. Quando fui dormir, tinha certeza de que estava desidratado. Nunca fiz sexo com tanta intensidade. Sexo animal com amor é a melhor coisa do mundo — e ter como parceira uma mulher como a Mika é o sonho de qualquer homem. Ela não tinha vergonha de pedir o que queria, de me dizer como gostava de ser tocada. Em momento nenhum ela se segurou. Ver que ela estava tão entregue quanto eu foi incrível.

Por isso que dizer que a amo é pouco. Com ela, eu me sinto completo. Como se pudesse ser ou fazer qualquer coisa.

Quando a vi pela primeira vez, do outro lado da janela, tinha certeza de que ela era energia pura. Não estava enganado. Mika é energia, é luz, é vida — e quero poder ser cativado por isso.

O melhor de tudo? Ela é ciumenta. Adoro quando os olhos dela brilham de raiva porque tem alguma outra dando em cima de mim. Fico morrendo de tesão quando ela dá uma de fêmea alfa e quer “proteger o que é dela”.

Assim que ela chegou ao Neo, vi que Bianca se aproximou dela, provavelmente para fazer algum comentário desnecessário. Só que Mika não pareceu se afetar. Disse meia dúzia de palavras e deu as costas para ela, vindo em minha direção.

Quando cheguei perto, teve que aturar a Paloma, que estava lá me fazendo uma proposta. Por mais que a parte profissional fosse tentadora, pois ela havia me convidado para ser seu sócio em uma firma de decoração que estava abrindo, a contrapartida da oferta não me atraiu em nada. Paloma queria que nossa amizade

voltasse a ser como antes. Em outras palavras, queria que a gente continuasse dormindo juntos. Sem compromisso, é claro.

Só que eu deixei claro que essa fase já tinha passado. Que agora eu estava em outra e que tinha encontrado a mulher da minha vida. De início, Paloma não acreditou e fingiu não entender minha falta de interesse, mas eu disse a ela que estava em um relacionamento sério e que era completamente apaixonado pela minha namorada. Inclusive, foram essas as palavras que usei. Para enfatizar meu comprometimento, Mika apareceu e me beijou na frente dela, deixando claro que eu não era mais um homem solteiro. Eu fiquei ali, parado, morrendo de tesão. Meu pau foi de flácido que nem o de um velho de 85 anos a duro que nem *adamantium* em menos de dez segundos. É o efeito Mika.

A desgraçada já me deixou de quatro. Só falta colocar a coleira.

Segunda-feira chega e eu posso aproveitar um pouco mais minha namorada. A vantagem de trabalhar em horários alternativos é poder ir à praia sem que esteja cheia de gente. Passamos o dia namorando, curtindo a companhia um do outro. A melhor parte é ver Mika se soltar um pouco. As barreiras em volta do coração dela estão baixando gradativamente.

Ter dito a ela que amava foi algo complicado. Claro que não disse da boca para fora, já que meus sentimentos são reais e duradouros. A reação dela, ou melhor, a não-reação dela, foi esperada. Mas eu não me declarei só para ouvir de volta um “eu também”. Só queria que ela tivesse certeza de que eu não estava brincando com seus sentimentos e que estava investido.

Não tenho problema em esperar o tempo dela. Sei que ela também está envolvida e que, por mais que tente esconder, já consegui um lugarzinho em seu coração. Por ora, é suficiente.

Hoje é terça-feira e resolvemos pegar uma sessão de cinema mais cedo, já que Mika tem um *show* à noite. Um show que eu tenho toda a intenção de assistir. Afinal, se ela pode dar uma de possessiva para cima de mim, eu tenho direito de fazer o mesmo. Não quero que qualquer marmanjo pense, por um momento sequer, que tem chances de levá-la para a cama. Estarei lá, de braços cruzados como um guarda-costas, para garantir que eles nem pensem em tentar se aproximar dela.

Blá, blá, bla, possessivo... blá, blá, blá, ciumento... blá, blá, blá, confiança na parceira... Foda-se tudo isso. Um dia, quem sabe, me sentirei mais seguro em relação a ela, mas esse dia não é hoje. Lutei muito para conseguir que essa mulher me desse uma chance, e não será um idiota qualquer que vai pensar em tirá-la de mim.

Mika está se arrumando para sair, trancada no banheiro há, pelo menos, uma hora, e eu estou sentado no sofá da sala dela, jogando *Candy Crush* no celular e esperando que ela termine sua transformação. Inesperadamente, meu celular toca.

No visor, um nome que não esperava ver tão cedo.

— Sarah? — atendo.

— Oi, Henrique. Tudo bem?

Não sei por que Sarah está me ligando. A última vez que falei com minha ex-chefe foi para perguntar se ela sabia de alguém que pudesse me ajudar nesta nova etapa da minha vida. Como resposta, ela me deu um beijo. Depois disso, pensei que nunca mais fosse ouvir dela.

— Tudo bem, e você? — pergunto, mais por curiosidade do que por interesse.

— Tudo ótimo. Estou ligando porque tenho boas notícias — ela diz, parecendo bastante animada.

— Nossa, que bom. Posso saber quais são?

Ela me conta. Sarah me diz que ligou para alguns amigos para saber se alguém sabia de alguma oportunidade na área de paisagismo. Um deles, Fred, disse que estava ampliando sua empresa e estava investindo em novos setores, como *design* de interior e paisagismo. Por isso, está procurando gente nova que queira abraçar sua ideia.

De acordo com Sarah, Fred é o tipo de cara “natureba”. Para ele, tudo tem que ser *eco-friendly* e autossustentável. Não está a fim de contratar qualquer pessoa, por isso ainda tem vagas disponíveis.

Enquanto Sarah me conta mais sobre o que seu amigo lhe disse, fico andando de um lado para o outro da sala de Mika, completamente focado na conversa e querendo saber de que forma o emprego pode ser meu.

— Ele já contratou um nome grande para gerenciar o setor de paisagismo, mas ainda precisa de mais um para o time. Eu falei muito bem sobre você, dei excelentes recomendações e passei seu contato — Sarah explica. — Fred disse que entrará em contato com você em breve.

— Nossa, Sarah. Nem sei como agradecer. Sério...

— Não precisa me agradecer, querido. Ninguém merece mais do que você.

— Obrigado, Sarah. Obrigado mesmo.

— Vamos tomar um *drink* um dia desses — ela sugere.

— Com certeza. Vamos marcar alguma coisa — eu digo, sem nenhuma intenção de realmente marcar alguma coisa.

Nos despedimos e desligo o telefone.

— Com quem você estava falando? — Mika pergunta.

Não percebi que ela tinha saído do banheiro. Quando me viro para responder sua pergunta, sinto o ar sair de meus pulmões.

Caralho!

Mika está usando um *microshort* preto de couro, coturnos que chegam quase ao joelho e uma blusa rosa com alguns rasgos. Seus cabelos coloridos estão presos

em um rabo de cavalo bem alto. Sua maquiagem destaca seus olhos claros.

Ela é linda demais... De qualquer jeito. Vestida com roupas de roqueira ou com vestidinhos claros. Não importa. Cada vez que a vejo, me apaixono um pouco mais.

— Rique — ela me chama, usando o apelido que há pouco me deu. Quando a ouvi me chamar assim pela primeira vez, meu coração deu um salto dentro do peito. Pode parecer estúpido, mas, para mim, significa que ela se importa.

— Oi?

— Quem era? — ela pergunta, rindo.

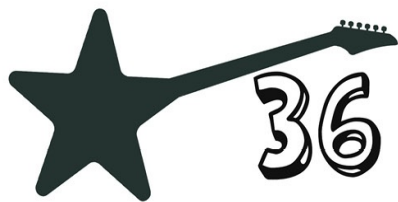
Eu explico para ela a situação e como eu havia entrado em contato com alguns conhecidos da área, querendo saber se eles sabiam de alguma oportunidade na área. contei para ela sobre Sarah. Disse que já trabalhamos juntos e, inclusive, contei sobre o beijo inesperado. Mika ficou nem um pouco feliz, mas, como aconteceu antes de nos conhecermos, ela deixou passar.

Contei também sobre o motivo da ligação. Mika ficou muito feliz com a notícia e pulou em cima de mim, me dando *parabéns* e enchendo meu rosto de beijos.

Mesmo eu ainda não tendo conseguido o emprego oficialmente, aquela era uma real oportunidade. Pelo que Sarah falou, tudo estava quase certo. A entrevista será apenas uma formalidade, onde Fred explicará o que será esperado de mim.

Por mais que eu queira abrir meu próprio negócio, preciso de mais experiência e de mais dinheiro, além, é claro, de ter meu portfólio e alguns clientes como referência.

Se eu conseguir esse emprego — ou melhor, *quando* eu conseguir esse emprego —, minha vida estará perfeita.



Enquanto canto no palco, não consigo desviar os olhos de Henrique. Parece que todas as músicas agora têm um nome nas entrelinhas. É uma sensação estranha e nova. Ao mesmo tempo, consigo ver claramente que não sou a única ciumenta da história. Cada cara que olha ou grita um “gostosa” mais alto, vejo os punhos do meu namorado se cerrarem e seu semblante ficar vermelho. Dou até alguns risinhos discretos.

Tocamos alguns clássicos do *rock* e umas batidas mais *pop*, e o pessoal adora. Mas quando canto *Canudinho* parece que tanto os homens quanto as mulheres vão à loucura. Mas eu só consigo enxergá-lo na minha frente.

“Se eu tivesse um canudinho, eu chupava você, pra dentro do meu mundinho, pra comigo viver, pra comigo viver. Se eu tivesse um canudinho, eu me enchia de você e acabava com o vazio, o vazio de viver. Se eu pudesse te liquefazer, eu te bebia até ficar de porre. Você me embebeda, você me enlouquece... Ai, meu Deus, como é que você pode?...”

Henrique também não tira os olhos de mim. Parece hipnotizado e eu adoro este efeito que causo nele. Quanto mais ele me encara, mais eu reboło — pra ele e só pra ele. Queria poder estar fazendo tudo isso em sua frente e sentindo as reações do seu corpo. Por mais que eu tente me concentrar no *show*, só consigo pensar nele. Se isso não é amor, eu não sei o que mais poderia ser.

Todo mundo se diverte na plateia e, pela primeira vez, sinto vontade de estar do outro lado, curtindo uma festa com Henrique. Antes dele, nunca pensei em ir a uma festa em que eu não fosse a cantora. Agora, parece que é mais importante dançar agarrada nele do que cantar.

Quando o *show* termina, desço do palco e me atiro em seus braços. Tudo que eu mais quero é beijar o Henrique em todos os lugares possíveis e dormir em seus braços. Sinto que seu pau cresce no primeiro beijo e sussurro em seu ouvido:

— Me leva pra casa.

Ele sorri e me dá a mão, me puxando pelo meio da multidão, me protegendo para que ninguém esbarre em mim e determinado a encontrar a porta de saída.

Depois que conseguimos respirar e enxergar a noite estrelada, já do lado de fora do *show*, meu celular toca e Sue grita nos meus ouvidos:

— Onde vocês estão?

— Indo para casa, gata. Algum problema?

— Nenhum... é que vamos comer alguma coisa e a Baby disse pra ver onde você estava. Afinal, sempre quem quer comer é você.

— Minha fome é outra agora — encaro Henrique. — Vou resolvê-la em alguns minutos.

Sue dá uma gargalhada gostosa e se despede.

— Estou atrapalhando os planos da banda? — Henrique pergunta.

— Da banda, eu não sei... mas os meus só são possíveis com você. — Sorrio para ele.

— Hummmm... Isso é quase uma declaração de amor vinda de você.

Fico vermelha, mas ele tem razão. Eu só não sei como realmente dizer que ele é importante demais na minha vida e que tudo mudou desde o momento que nos conhecemos.

Vamos caminhando de mãos dadas pelas ruas. A cidade meio deserta, mesmo que nunca durma, parece que nos abençoa. Sinto um tipo de paz que nunca senti e uma tranquilidade que parece não ser minha. Em frente ao meu prédio, paramos. Henrique me dá um beijo demorado, como se estivesse se despedindo.

— Você não vai entrar? — questiono sem entender tal atitude.

— Acho melhor não. Você precisa descansar um pouco de mim e eu preciso passar na minha casa, dar comida pro meu gato, molhar minha samambaia bebê e ter uma roupa limpa e decente, caso o cara me ligue amanhã pra entrevista.

— Eu posso ir com você... — Henrique me interrompe.

— Mika, eu preciso te contar uma coisa e ... — Interrompo-o com um beijo.

— Eu já entendi, Henrique. Você tem vergonha do seu apê. Mas, assim como você respeitou meu tempo, vou respeitar o seu.

— Não é isso. É que...

— Deixa pra lá. Depois a gente conversa. Acho que você tem razão, a gente precisa mesmo se desgrudar um pouco. — Beijo-o novamente, tentando mostrar toda a saudades que vou sentir. — Boa noite.

Quando estou fechando a porta do prédio, Henrique grita:

— Eu te amo! E cada vez você me surpreende mais.

Atiro um beijo, daqueles soprados que ele faz um gesto de pegar no ar e colocar no coração. Sorrio, dou as costas e saio rebolando pelo corredor só pra ele lembrar do que está abrindo mão esta noite.

Sorrindo, entro no apartamento e sou recebida por Nutela, que late e abana o rabo incessantemente. Realmente, Paloma tem razão. Eu pareço uma adolescente tardia, não por causa da minha aparência ou profissão e sim porque estou completamente apaixonada por Henrique. É, eu amo ele.

— Eu te amo, Rique! — grito sozinha dentro do apartamento e repito algumas

vezes. Quero escrever uma música para ele. Vou até meu violão no canto da sala.
Começo a dedilhar algumas notas, pego papel e lápis.

Entre tantos caminhos

Estradas

Cruzadas

Você apareceu

Fazendo com que meu mundo

Num instante tão cinza

Se iluminasse

Enchesse de cores

Que eu nem conhecia

Agora tudo tem

Cor, sabor e tom

Nada mais parece

Uma noite triste.

Existe calor

Existe amor

O amor é você

E você é meu.

Então meu amor é você

E o amor é meu.

Tento encontrar as rimas certas e a melodia perfeita. Parece que só de pensar no Henrique, tudo flui na minha mente. Já sei como vou fazer para dizer que o amo. Vai ser com esta música. Acho que é a forma mais criativa de dizer a verdade.

Resolvo ir até a cozinha pra comer algo e, quando olho pela janela, o que vejo faz com que um arrepio tome conta do meu corpo: a samambaia bebê. Tenho certeza de que é ela, porque o laço verde que fiz no xaxim está exatamente do mesmo modo.

Isso significa que... Meu vizinho é o Henrique. Ou o Henrique é meu vizinho. Por que ele me mentiu? Porque não me contou? Que filho da puta!

Tenho vontade de pegar o celular e ligar para ele, mas ele não merece. Que se foda. Eu nunca devia ter acreditado nesse papo de amor. Que tipo de amor é esse que mente sobre algo tão importante? Quem mandou eu baixar a guarda? Eu sempre soube que isso iria acontecer.

Nunca mais vou falar com ele.



Quando sou acordado por um toque de telefone às sete da manhã, começo a xingar mentalmente quem quer que esteja do outro lado da linha. Para algumas pessoas, falta o senso de noção e do que é apropriado. Ligações devem ser feitas no horário comercial, a não ser que seja um motivo urgente. Porra! Deve ser algo urgente.

Decido atender ao invés de deixar que a ligação vá para a caixa postal. No visor, apenas vejo um número local que não conheço.

— Alô. — Minha voz sai um pouco grogue.

— Bom dia, falo com o Henrique Medeiros? — o homem do outro lado da linha pergunta.

— Sim, é ele.

— Ah, que bom. Henrique, aqui é o Fred DeMarco. — Com isso, sento-me na cama, completamente em alerta. — Sarah Godoi, sua ex-chefe, fez excelentes recomendações de você e de seu trabalho. Ela é uma profissional muito conceituada na área, como você deve saber, e o que ela me disse a seu respeito fez com que minha curiosidade fosse despertada.

— Obrigada, senhor. Fico muito feliz em saber que Sarah me tem em grande estima.

— Exato. Ela me disse que você está procurando algo no ramo de paisagismo. Por isso, gostaria que nos encontrássemos para uma... — ele parece procurar o que dizer — entrevista. Não sei se está é a palavra certa. Prefiro conversa. Mesmo assim, a ideia é a mesma. Gostaria de te conhecer.

Fico extasiado com a oportunidade. Sarah falou muito bem dele. Disse que é um excelente profissional, apesar de ser um pouco excêntrico. O que pouco me importa. Se ele estiver disposto a me dar um emprego e me pagar um salário decente, pouco me importa se ele se veste de Batman para trabalhar.

— Uau. Muito obrigado pela oportunidade, senhor DeMarco.

— Senhor DeMarco é meu pai. Não gosto dessas formalidades. Por favor, me chame de Fred — ele pede.

— Pode deixar, Fred. Quando seria melhor para você?

— Nada como o presente. Podemos nos encontrar às nove, na Cafeteria do Raul?

A Cafeteria do Raul é praticamente um ponto turístico da cidade, localizada no centro histórico. Fundada há mais de cinquenta anos, está sempre cheia e é famosa não apenas por sua variedade de cafés, mas também pela qualidade dos doces e salgados que serve. Ah, e pelo seu preço exorbitante. Mesmo assim, a experiência é sempre válida.

Só fui lá uma vez, no encontro de fim de ano da empresa de Sarah.

— Perfeito. Estarei lá.

— Ótimo. Nos vemos às nove.

Assim que desligo o celular, sinto vontade de pular de alegria. Mal posso acreditar que terei a oportunidade de finalmente fazer o que eu amo. Não que a arquitetura não me encantasse, mas nada como o cheiro de grama molhada para me fazer feliz. Aliás, há uma outra coisa que me faz muito feliz. Na verdade, uma pessoa: Mika. Quando acontece algo bom, é para ela que sinto vontade de ligar.

Pego meu celular e procuro o contato dela nas chamadas recentes. Depois de vários toques, vai para a caixa postal. Ela deve estar dormindo. Mesmo sabendo que há a chance de acordá-la e de que ela provavelmente ficará puta comigo por tê-la acordada, o motivo para a ligação supera qualquer mau humor. Tento mais uma vez. Nada. Tento uma terceira vez e cai direto na caixa postal. Será que ela desligou o celular de propósito? Ou será que desligou sem saber que era eu que estava ligando?

Deixo o pensamento de lado e vou me arrumar. Por mais que queria falar com ela, sei que Mika não gosta de acordar cedo. Principalmente por ter que trabalhar até tarde.

Tomo um banho, como um pão de forma com margarina e tomo um copo de coca-cola, escovo meus dentes, tento dar um jeito no meu cabelo — que precisa de um corte urgente, mas Mika parece gostar de puxá-los enquanto me beija —, dou comida para Tamarindo e saio de casa. Ansiedade é a palavra que me define neste momento.

Não sei o que esperar desta entrevista. Queria falar com Mika. Ela com certeza me acalmaria.



Dizer que a entrevista foi um sucesso é pouco — e excêntrico não é o adjetivo certo para descrever Fred. Ele é uma biba louca, assumida, com cabelos loiros na altura do ombro, vestido de bermuda jeans com suspensório e uma camisa lilás por baixo. Sapatos com *glitter* e óculos escuros de armação branca. Antes de

começar a entrevista, disse que eu era gostoso e perguntou se eu era *gay*. Quando neguei, ele disse que era um tremendo desperdício eu perder meu tempo com uma coisa tão banal quanto uma xoxota. Caí na gargalhada. Tive que explicar a ele que a *xoxota* da minha namorada era fenomenal, que não trocaria por nada nesse mundo.

No fim das contas, conversamos bastante, rimos muitos e ele me explicou o motivo de ter me convidado para um café. O cara consegue mudar de inapropriado para profissional em menos de trinta segundos. Fred me disse que herdou a construtora do pai, mas que a transformou em algo diferente, algo que visava o bonito, o moderno, o aconchegante, e não apenas o lucro.

Seu foco é em engenharia sustentável, por isso, quer investir no setor de paisagismo. Parte da ideia dele é “deixar o mundo mais verde”. Fiquei encantado com a possibilidade. Não apenas pela ideia em si, mas pelo ambiente de trabalho, que ele me prometeu ser algo completamente inovador.

Diferente de onde eu trabalhava, DeMarco Construções Sustentáveis defende que o bom relacionamento e a segurança são fatores que fazem com que os funcionários trabalhem melhor. Ele me explicou todos os benefícios que terei, além do salário (uau!).

Quando Fred me disse que eu estava contratado, não resisti e o puxei para um abraço, que ele aceitou de bom grado. O cara é uma comédia. Não por ser homossexual, mas por ser a pessoa mais relaxada e amigável que eu já conheci na vida.

Voltei para casa praticamente saltitando de alegria.

Antes de entrar no metrô, tentei ligar novamente para Mika. Caixa postal.

Porra! O que está acontecendo?

Escrevo uma mensagem de texto, mas não consigo enviá-la. Aparece uma exclamação vermelha, como se tivesse dado erro. Que estranho.

Os quinze minutos que passo dentro do trem são compostos por pensamentos nela. Sei que preciso contar que eu sou seu vizinho indiscreto. Ontem, eu realmente tentei, mas ela não quis me ouvir. Já estou cansado de mentir para Mika, mas não sei como revelar a verdade e fazer com que as coisas fiquem do jeito que estão. Tenho medo de como ela pode reagir. Mais medo ainda de perdê-la.

Tento mandar mais uma mensagem, porém não consigo. Não sei se por falta de sinal ou se por outro motivo. Estou ficando muito preocupado. Será que aconteceu alguma coisa?

No caminho entre o metrô e a minha casa, tento ligar para ela mais uma vez. O resultado é o mesmo. Nada.

Quando estou na frente do meu prédio, decido passar na casa dela antes de ir

para a minha. Quero saber o que está acontecendo. Preciso saber. Além disso, estou morrendo de saudades do meu arco-íris e doido para contar a novidade. Comemorar entre as pernas dela também é uma real possibilidade.

Toco a campainha e nada. Nada. Nada. Nada! Ligação, nada! Mensagem, nada! Apartamento dela, nada!

Beirando o desespero, vou para a minha casa. De lá, tentarei falar com Roger ou com uma das amigas dela. Quem sabe alguém tem ideia de onde ela esteja.

Abro a porta e sou recebido por um Tamarindo carente. Ele se esfrega nas minhas pernas, miando que nem um louco.

— Ei, rapaz. O que foi? Isso tudo é saudade?

Claro que ele não me responde, mas, quando o pego no colo, ele para de miar e começa a ronronar. Caminho com ele em direção à sala e o que vejo me espanta a ponto de soltar o gato que estava no meu colo.

Na janela de Mika, uma cartolina branca está presa e, em letras garrafais, posso ler:

EU TE ODEIO, HENRIQUE.



Alem do filho da puta do Henrique ser um mentiroso, ele tem a cara de pau de me ligar antes das oito da manhã — no meu mundo, ligar antes das onze horas é um sacrilégio — e insistir em ligar quando não atendo. Foram duas ligações e resolvi bloquear o número dele.

Quem ele pensa que é para brincar comigo dessa maneira? Primeiro, mentindo para mim, me fazendo baixar a guarda, fazendo com que eu o amasse, pra depois descobrir que ele é só mais um imbecil de calças.

Tento dormir novamente, mas não consigo. Sinto tanta raiva dele e de mim mesma por me deixar envolver. Minha vontade é socar a cara do Henrique e chorar. Logo eu, que nunca fui de chorar na vida, agora parece que é tudo que eu consigo fazer. Burra! Eu sempre soube que ia acabar desse jeito e, mesmo assim, deixei que ele entrasse na minha vida.

Eu devia ter feito como todos os outros: sexo casual, sem envolvimento e depois mandar embora. Mas não, resolvi dormir de conchinha, resolvi deixar com que ele fizesse parte da minha rotina... Agora, olha o estado em que eu estou.

Nunca mais na vida eu quero ver ou falar com o Henrique. Nunca mesmo. O que as pessoas normais fazem quando têm uma desilusão amorosa? Jogo no *Google* a pergunta. As respostas dizem para viver o “luto”. E o luto tem cinco fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Então, eu vou viver todas elas no dia de hoje e à noite, catar um cara bem gostoso pra foder e tirar o Henrique da minha cabeça.

Começo a pensar que tudo isso só pode ser um mal entendido. Não acredito que o Henrique seria capaz de fazer isso comigo, não o cara legal e preocupado que eu conheci. Então, sinto raiva. Escrevo um cartaz e colo na minha janela. Já que ele é meu vizinho, com certeza vai ler em algum momento.

Penso comigo mesma se existe alguma chance de nós consertarmos toda essa merda. Eu poderia perdoá-lo, afinal, ele tentou me contar algo algumas vezes e eu não deixei. Mas, se ele realmente fosse uma pessoa legal, teria me contado logo assim que ficamos.

Pela primeira vez na vida, deixo o choro tomar conta de mim. Choro com vontade. Grito, me perguntando por que ele fez isso comigo. Meu nariz escorre, sinto meus olhos inchados e continuo chorando. Vivo a fase da depressão de

forma resumida e finalmente aceito: eu fui burra, Henrique é só mais um homem canalha como tantos que existem por aí e é hora de seguir em frente.

Quando estou lavando o meu rosto e pensando em tudo isso, a campainha começa a tocar desesperadamente. Só pode ser ele. Minhas pernas começam a tremer. Será que eu devo abrir a porta e deixá-lo falar? Será que ele tem alguma justificativa pra tudo isso? Será que ele realmente fez de propósito?

Fico congelada dentro do banheiro até a campainha parar de tocar. Me sento no chão e começo a chorar novamente. As coisas pareciam tão bem entre nós. Por que ele mentiu sobre isso? Por que ele deixou que eu me sentisse culpada sobre o vizinho quando o vizinho era ele?

Tenho tantas perguntas que gostaria que fossem respondidas e parece que nenhuma resposta me será suficiente. Uma coisa eu tenho certeza: eu amo o Henrique como nunca amei ninguém e vou sofrer muito com isso. Preciso de apoio. Pego o celular e disco o telefone da pessoa que mais vai me confortar.

— Baby? Preciso de você. Pode vir me dar colo?

— O que houve, gata? — ela pergunta, com voz preocupada.

— O Henrique mentiu pra mim. — Começo a chorar novamente. — E eu não consigo parar de chorar.

— Mika, eu nunca te vi assim, amiga! Te acalma que estou indo praí e você me conta essa história direitinho. Quer que eu leve algo?

— Traz uma garrafa de tequila. Tô precisando muito.

— Pode deixar.



Uma garrafa de tequila depois, me sinto livre. Baby me faz companhia, choro o que tenho que chorar e começo a achar até engraçado o que aconteceu. Minha amiga me consola, fala que eu preciso pelo menos ouvi-lo, mas eu não quero. Quero só esquecer que ele existiu.

Vou voltar a ser a Mika de sempre. Eu nem devia ter me abandonado por ele. Eu sempre soube que isso era uma furada e eu vivi muito bem sozinha antes dele. Não é uma pessoa que está há tão pouco tempo na minha vida que vai me derrubar. Mesmo que pareça que nada faz sentido sem ele.

— Mika, você deveria pelo menos conversar com ele, senão vai ficar se perguntando pro resto da vida o que aconteceu — Baby diz, enquanto faz cafuné nos meus cabelos.

— Se eu falar com ele, ele pode mentir novamente. Como vou saber o que é

verdade ou não?

— Amiga, escuta seu coração.

— Meu coração me enganou quando disse que eu deveria dar uma chance pro Henrique. Ele é burro. Prefiro escutar a minha cabeça. Se eu tivesse seguido o ela diz, não estaria agora chorando no seu colo.

— Você não pode passar a vida fugindo de sentir as coisas. A gente não tem como escolher por quem vai se apaixonar... — Baby me encara com pena.

— Claro que tem. Eu sempre escolhi não me envolver. E olha o que acontece da única vez que realmente me envolvo com alguém? Eu não quero isso pra mim, Baby. Não quero me perder de mim mesma. O Henrique foi um erro que não vou me permitir cometer novamente.

— Mika... as coisas não funcionam assim. Você não pode passar a vida inteira blindada contra o amor. Sofrer faz parte. Apesar de achar que o Henrique tem um bom motivo pra não ter te contado antes e errou feio, não acho que ele seria capaz de te magoar propositalmente.

— Mas magoou. E muito. Agora, eu não sei... — O barulho da campainha me interrompe — Só pode ser ele. Eu não quero atender.

Alguém soca a porta com força e então escutamos:

— Mika, por favor abre essa porta! Perdão! Eu sei que errei, mas vamos conversar. — A voz de Henrique ecoa pelo corredor do prédio entre soluços e com tom de desespero.



Eu tentei. Juro que tentei. Mas há coisas na vida que não temos como controlar. O amor é uma delas. Não há a menor possibilidade de eu ficar em casa, chorando, deixando que Mika ache que eu sou só mais um filho da puta. Também é impossível esperar que ela me perdoe sozinha. Pior ainda é deixar que ela me esqueça. Nenhuma das alternativas acima são viáveis.

Ligar, mandar mensagens e bater civilizadamente na porta da casa dela não foram atitudes drásticas o suficiente para que ela me atendesse. Sempre fui um homem muito centrado. Sei o que quero e não há nada que me impeça de conseguir. Saí da pobreza, do campo, do nada e hoje estou aqui, lutando pelo que sei que mereço, na cidade grande e com um novo emprego que, com certeza, me levará aonde eu quero chegar. Tudo isso com muito esforço. Se Mika acha que com ela será diferente, está muito enganada. Para fazer com que ela me perdoe, sou capaz de qualquer coisa.

Por isso, com passos determinados, vou à casa dela. Já dei tempo suficiente para que ela me odeie. Não mais. Chega. Ela precisa se lembrar de que eu sou o homem de sua vida e que nós pertencemos um ao outro.

Quando chego na frente da casa de Mika, tento a campainha. Como imaginei, ela me ignora. Se ela não abrir esta porta por bem, abrirá por mal. É isso ou vou acabar indo preso. Foda-se. Meu coração está a mil e, para ser sincero, nunca estive com tanto medo antes. Preciso que ela fale comigo, preciso me desculpar, dizer tudo o que penso e o que sinto. Só de pensar em não tê-la mais em meus braços, fico sem ar.

Começo a socar a porta sem piedade, como se estivesse socando a mim mesmo e me punindo por todas as merdas que fiz.

— Mika, por favor abre essa porta! Perdão! Eu sei que errei, mas vamos conversar. — Lágrimas escorrem por meu rosto. Uma mistura de ódio e tristeza profunda.

Silêncio.

Algo dentro de mim me diz que ela está do outro lado da porta trancada. É como se eu fosse capaz de sentir sua presença.

Bato novamente.

Mais uma vez.

Outra.

Outra.

Outra.

Os socos ficam cada vez mais fortes. Desesperados. Frenéticos.

— Mika, eu não vou embora enquanto você não me deixar entrar!

Ela precisa me ouvir. Precisa saber o quanto a amo.

Alguns vizinhos começam a se aproximar. O porteiro, inclusive, pede para que eu pare com o escândalo, mas eu deixo bem claro que só sairei dali quando Mika ouvir o que tenho a dizer. É isso ou a cadeia. Tanto faz.

Quando não tem mais espaço para pessoas no corredor e a minha voz já está quase desaparecendo, a porta finalmente se abre. Porém, não é Mika quem está lá, e sim Baby, uma de suas amigas e companheiras de banda.

— Você é um idiota mesmo, né?

Sei que sua pergunta é retórica, mas me sinto na necessidade de responder.

— Eu não sou um idiota, Baby, e você sabe disso. Mika também. Ela só precisa me escutar.

— Eu vou deixar você entrar. — Tento dar um passo à frente, mas ela coloca uma mão em meu peito, impedindo que eu continue. — Mas você precisa me prometer que não vai magoá-la ainda mais. Ela está destruída lá dentro e, se você for piorar a situação, então sugiro que vire as costas e volte para sua casa.

Só de saber que Mika não está bem, uma faísca de esperança se acende em mim. Se ela não me amasse, pouco se importaria para o fato de eu ser o seu vizinho indiscreto. Ao mesmo tempo, saber que eu fiz com que ela se sentisse tão mal assim me deixa ainda mais desolado.

— Eu amo a Mika. Muito. Ela é meu arco-íris, minha luz. Não quero que ela fique mal. Muito pelo contrário. Quero ela bem, sorrindo e ao meu lado.

Baby parece não estar muito convencida da minha resposta. Ela coloca ambas as mãos na cintura e me encara com frieza.

— Por que você fez aquilo? Por que mentiu para ela?

É então que me dou conta de que não faço a menor ideia de como começar a me explicar. Baby percebe minha expressão e dá dois tapinhas de leve no meu ombro, saindo do meu caminho e deixando a porta aberta para que eu entre.

— Boa sorte — é a única coisa que ela diz antes de ir embora.

Respiro fundo e entro. Hora da verdade.

Diferente do que eu pensava, e do que Baby deu a entender, Mika está na sala, encostada na janela. Vestida com uma camiseta preta e um *shorts* jeans muito curto e rasgado, Mika é a personificação da mulher forte e impenetrável. Seu rosto erguido carrega uma expressão brava, mas são seus olhos que denunciam o que ela está realmente sentindo. Aqueles olhos que não são nem verdes nem azuis.

Que me prendem sempre que tenho coragem para encará-los. Que me atraem e fazem com que eu me perca em tudo que é Mika.

Essa mulher, que neste momento mantém a distância, faz parte de mim. Ela é o meu sol. A energia que me dá força. Ela sabendo ou não, necessito de minha dose de Mika para viver. Sou um viciado e ela, a minha droga. Só de estar no mesmo cômodo, sinto meu corpo ser puxado. Preciso tocá-la, senti-la, beijá-la. Sei que, para isso, preciso que, em primeiro lugar, ela me perdoe.

Se eu tive que derrubar barreiras para fazer com que ela me aceitasse da primeira vez, agora precisarei derrubar a Muralha da China que ela parece ter erguido.

— Mika... — começo, mas ela ergue a mão e fecha os olhos, como se minha voz fosse o suficiente para magoá-la, pra aumentar ainda mais a dor que não quer dizer que sente.

O tempo passa e o silêncio continua. Mika não diz nada. Apenas mantém sua cabeça levantada, olhando para o teto como se pedisse por alguma ajuda de cima. Ou então se controlando para não avançar em mim. Qualquer uma das opções é válida. Depois de não sei quantos minutos, seus olhos encontram os meus novamente. Desta vez mais nebulosos, menos tristes, mais determinados.

— O que você fez comigo não tem perdão, Henrique. Você me usou, brincou com meus sentimentos.

— Mika, eu... — tento falar, mas ela não deixa.

— Para, Henrique. Está na minha hora de falar. O pior de tudo é que você sabia. Sabia que eu não sou do tipo que se entrega com facilidade. Sabia que eu não estava interessada em relacionamentos, beijinhos e andar de mãos dadas. Mesmo assim, você insistiu e me fez acreditar que era tudo verdade. Para depois arrancar tudo de mim.

Vejo seus olhos se enchem de lágrimas, porém sua expressão não vacila. Naquele momento, finalmente descubro o que ela está sentindo. Mika odeia me amar. Só de pensar que eu posso ter posto tudo a perder, meus joelhos vacilam e meu peito se contrai.

— Eu só não entendo o porquê disso tudo. Pra que me usar dessa forma? Pra que deixar que eu me envolvesse assim?

— Porque eu te amo, merda! Te amo mais do que já amei qualquer outra coisa em minha vida. Meu trabalho, minha família, minha vida... Nada se compara a você. Nada, Mika. Nada — confesso, minha voz trêmula com todo o sentimento que esteve entalado nos últimos meses.

— Como você diz que me ama e mente para mim? Você tem noção do que me fez sentir? Claro que não. Para você, era tudo simples. Você tava lá, gostosão, fazendo com que eu me apaixonasse por dois homens diferentes. Meu vizinho me

excitava, me despertava curiosidade. E o Henrique? O Henrique mostrava que permitir ser amada era possível, que eu era capaz de sentir também. No fim, eu descubro que vocês dois são a mesma pessoa, e que tudo que eu pensei ser possível não se passou de uma mentira.

— Eu acei...

— Não! Eu falo! — Mika grita, mas já atingi meu limite. Se ela pensa que sou mais um capacho para ela pisar, está muito errada. Mika está acostumada a sempre ter o controle da situação. A mandar e decidir.

Não agora. Não quando é o nosso futuro que está em jogo.

— Não, Mika, eu falo. Porque você está distorcendo a situação. Sim, eu errei. Sim, fui um babaca. Sim, omiti fatos de você. Mas nunca, em nenhum segundo que estivemos juntos, eu menti em relação ao que sentia ou deixei que você se iludisse. Os meus sentimentos começaram a brotar no momento em que eu te vi, completamente nua, por essa janela. Desde então, sei que você é a mulher perfeita para mim.

— Como você é capaz de me olhar nos olhos e dizer que me ama? Como, depois de tantas mentiras, você quer que eu acredite que o que está me dizendo é verdade?

Suas palavras me machucam mais do que qualquer tapa que ela possa me dar. Será mesmo que ela acredita no que diz? Será mesmo que ela duvida que, durante todo este tempo, eu só a estava enganando e que nunca a amei de verdade? Não consigo acreditar.

— Eu sei que você acredita. Só está magoada e tentando se convencer de que não precisa de ninguém. Mas você precisa de mim, Mika, do mesmo jeito que eu preciso de você.

Sinto quando a respiração dela se altera. Não sei se minhas palavras estão fazendo o efeito que desejo, mas, pelo menos, ela ainda não me expulsou daqui. Dou um pequeno passo para frente e paro. Não quero assustá-la.

— Você está errado, Henrique. Eu não preciso de você. A única pessoa que preciso é de mim mesma. Por um momento, fui burra o suficiente para te deixar fazer parte da minha vida.

É então que percebo o que realmente está acontecendo, e é tão óbvio que me acerta como um trem.

Mika sempre foi autossuficiente. Pelo menos, em sua cabeça. Seus traumas e reservas fizeram com que ela se impusesse uma barreira emocional. Por isso, quando eu apareci em sua vida, ela estava hesitante em me deixar entrar. Ela nunca quis um relacionamento. Nunca quis, de verdade, precisar de mim. É por isso que está agindo desta forma. Não estou tentando justificar meu erro, porém o modo como ela está agindo não condiz com a situação.

— Mika, presta atenção. — Dou cinco passos para frente. Se ela pudesse, daria cinco para trás. Só que a janela fechada a impede. Coloco ambos os braços no vidro, a encurralando. Não vou deixar que ela fuja de mim até que eu termine de explicar tudo que aconteceu. — Em primeiro lugar, eu amo você e foda-se se você acha que não. Meus sentimentos são esses. Lide com isso. Agora eu vou te contar o meu lado da história e depois vou embora para que você possa refletir sobre a questão.

Mika apenas me encara. Seus olhos estão indecisos, mas a raiva e a desconfiança ainda estão lá. Não quero cruzar a porta sem que ela saiba cada detalhe do que fiz e do que sinto.

— A primeira vez que te vi você estava completamente nua. Linda, com os cabelos coloridos. Então, você me mandou um beijinho na rua depois de esbarrar sem querer em mim e eu preciso dizer que me apaixonei naquele instante. Depois disso, foi ladeira a baixo. Quando te vi no Neo pela primeira vez, fiquei sem saber o que dizer, boquiaberto. Não podia acreditar que era você ali. Diferente de mim, você não me reconheceu. Na hora, fiquei em dúvida se me sentia decepcionado ou aliviado. Não tive reação, você sabe. Queria te puxar e te beijar. Fantasiava com você e com o dia que eu pudesse fazer tudo que queria. Mas fiquei com medo. De início, você não gostou de mim, dava para ver que não me queria por perto. Imagina se eu dissesse “Oi, sou aquele seu vizinho com quem você brinca pela janela”? Tinha certeza de que você me fuzilaria em meio tempo. Depois, as coisas foram piorando. Foi uma bola de neve que virou uma avalanche. Por diversas vezes, quis te contar quem eu era, mas sempre alguma coisa me impedia. Inclusive você. Quantas vezes eu queria falar e você disse “depois”, com medo do que iria ouvir? Eu te juro, jamais quis te magoar. Tudo que sempre desejei, desde o primeiro momento em que te vi, foi ter você ao meu lado. Saber se era tão doce quanto eu imaginava que fosse. Se seria tão receptiva quanto era através da janela.

Minha mão deixa a janela e encosta no seu rosto. Mika respira fundo, seus olhos nunca deixam os meus. É um desafio.

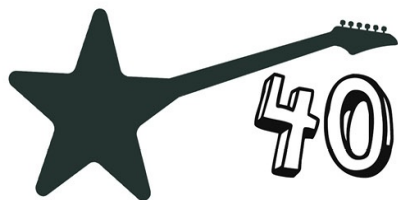
— Eu sou louco por você, Mika, e não vou desistir de te ter ao meu lado.

Lentamente, deixo que meu rosto se aproxime do dela. Olhos abertos, focados. Beijo sua boca com sutileza, apenas um encostar de lábios. E ela deixa. Mika não reage, não fala, não retruca, não se afasta.

— Eu vou agora. Por favor, pense em tudo que eu disse — sussurro contra sua boca. — Eu te amo.

Preciso de toda a força dentro de mim para conseguir me afastar da mulher da minha vida. Porém, preciso que ela venha até mim e que me mostre que acreditou no que disse. Sei que preciso ganhar sua confiança novamente, mas só posso fazer

isso se ela estiver disposta a se entregar. Porque amar é isso. É estar constantemente vulnerável e torcer para que a outra pessoa não te sacaneie — e a última coisa que quero é ver Mika sofrer novamente.



Quando escuto a porta bater e percebo que Henrique realmente foi embora, perco a força e escorrego para o chão, deixando que, junto com a força das minhas pernas, as lágrimas se esvaíam. Abraço meus joelhos e choro até perder a noção do tempo, sem saber se o motivo é porque acredito nele ou porque tenho medo de acreditar.

A sensação é que ele foi embora da minha vida para sempre e, por mais que eu esteja muito magoada por suas mentiras, tudo o que eu mais queria, neste momento, é que ele estivesse aqui para eu poder sentir o seu abraço e viver em seu sorriso.

Eu só posso ser uma completa idiota. Depois de toda a mentira, ainda penso nele como um cara legal. Se ele realmente fosse legal, não teria jogado a culpa para cima de mim. Porque foi isso que ele fez, tentando justificar o porquê de não ter contado que era o meu vizinho.

É verdade que, por vezes, ele tentou me contar alguma coisa, só que eu não deixava, porque sempre pensei que tinha relação com grana. Vamos ser sinceros, ele não tentou *de verdade* me contar. Se tivesse, eu teria escutado e não estaríamos nesta situação. Como ele pôde dizer que me ama se mentiu pra mim? Como eu vou confiar nele novamente?

Minha cabeça dói. Meu coração sangra e não consigo mais pensar em nada que não seja Henrique. Se ele realmente queria ficar comigo, por que me deixou sozinha agora? Ele devia ter ficado e insistido, não saído pela porta, me abandonando no estado que estou.

Como tudo pode ser tão confuso de uma hora para outra? Eu deveria sair correndo atrás dele, dizer que o amo e que está doendo muito. Que eu sei que preciso dele tanto quanto ele diz precisar de mim. Não que eu realmente precise, mas eu quero estar com ele. Tudo estava tão colorido quando estávamos juntos e agora parece cinza novamente. É como se o sol tivesse se retirado definitivamente do mundo.

Meu coração diz pra perdoar. Mas ele é burro, não posso ouvi-lo. Minha cabeça me fala o que sempre soube: eu não preciso de alguém para viver. Sempre fui sozinha e feliz. Mas Henrique tinha que entrar na minha vida e bagunçar tudo? Agora, parece que nunca mais serei eu mesma. Nunca mais serei inteira.

Quando levanto do chão, já é noite. Me sinto exausta de tanto chorar e pensar. Conclusões? Nenhuma. A única coisa que quero é dormir na minha cama. Olho pela janela e vejo que, na vidraça de Henrique, está pendurado um cartaz gigante.

“TE AMO.”

Me arrasto até a cama, chorando. Queria que parasse de doer, mas não para. Pego no sono, soluçando e tentando entender por que ele mentiu.



A semana passou de uma forma lenta, arrastada. A cada dia, a falta que sentia de Henrique aumentava. A dor e a dúvida também.

Acordava todos os dias e via um novo cartaz na janela. Todos me faziam chorar e querer correr atrás dele. Porém, na minha cabeça eram só perguntas e nenhuma resposta. As certezas que tinha me deixavam ainda mais confusa. Se, por um lado, eu amava Henrique, por outro, ele havia mentido para mim. *Por que tem que ser tão difícil? Por que ele fez isso comigo?*

Os cartazes continuavam na tentativa de penetrar a mais nova barreira que eu tinha erguido. Uma formada por dúvidas, desconfiança e medo. Medo de amar e me machucar. Medo de me entregar e ser traída.

O cartaz de terça-feira dizia:

“O arco-íris só aparece quando tem chuva e sol.”

Na quarta:

“Só queria que você soubesse que estou pensando em você.”

Quinta:

“Sem você, meu dia é sempre nublado.”

Ontem, o cartaz me fez passar o dia na cama, pensando em como eu também queria que ele me amasse o dia inteiro e todos os dias. Dizia:

“Se eu pudesse, te amaria o dia inteiro.”

Mas o de hoje me derrubou:

“Estou com saudade do seu cheiro, do seu gosto, do seu beijo...”

Pior que logo mais terei que encontrá-lo no Neo. Será a primeira vez que nos veremos desde que ele bateu a porta atrás de si e não mais voltou. Sinto vontade de vomitar só de pensar que terei de vê-lo e não poderei matar a saudades que eu também sinto. Pensei até em cancelar o *show*, mas não posso fazer isso. Preciso ser profissional. O problema é que será uma tortura ficar encarando-o e fazendo com que minha razão predomine sobre o meu coração burro.

Não sei o que farei se outra mulher tentar se aproximar dele. Não quero pensar

na hipótese.

Chego no Neo e passo direto por todos os bares, sem olhar para os lados, e voou para o palco. Estou em cima da hora. Propositamente, claro. Só quando me sinto segura lá em cima é que olho de canto de olho para ver se ele está me olhando. Pra minha surpresa, tem outro cara no bar e Henrique não está em canto nenhum. Deveria me sentir aliviada, mas sinto um aperto no peito. No fundo, eu queria muito vê-lo.

O *show* começa e termina. Pela primeira vez, não tenho a menor vontade de cantar ou de conversar com as meninas. Deve ter sido o pior *show* que fiz na vida e me culpo por ser tão burra e deixar que isso influenciasse no meu trabalho. Eu sabia que não devia me apaixonar, muito menos acreditar ou confiar em um homem. Mesmo esse homem sendo o Henrique, que parecia ser um cara diferente. Só parecia. *Certo?*

Quando descemos do palco, Roger vem nos cumprimentar.

— E o Henrique, cadê? — Ele me encara, esperando alguma resposta.

— Não sei, não estamos mais juntos... — digo, com uma expressão de poucos amigos.

— Sério?! Cara, jurei que vocês eram perfeitos um para o outro e nada faria vocês se desgrudarem nessa vida. — Roger realmente parece surpreso.

— Pois é. As pessoas não são o que parecem ser. — Seguro uma lágrima que quer fugir, mas não vou permitir que ela caia aqui. Por fora, tento me manter inteira. Por dentro, estou aos pedaços.

— O Henrique é. Nunca conheci um cara tão determinado e honesto quanto ele. Talvez ele tenha feito algo que te magoou, pelo jeito que você está falando, mas pode ter certeza de que ele jamais faria isso propositalmente. O cara é louco por você, até inventou uma noiva e uma doença venérea pro meu irmão pra te afastar dele — Roger ri, lembrando da história que nos aproximou. Parece que foi há tanto tempo...

— Ele mentiu sobre uma coisa muito importante e isso me magoou muito. — Já não consigo segurar o choro e Roger me abraça.

— Mika, não chora. Conversa com o cara. Ele vale ouro. O Henrique é o tipo de homem que batalha pelo que quer. Conseguiu o emprego dos sonhos e, mesmo assim, disse que se eu precisasse, ele continuaria trabalhando até eu conseguir alguém para colocar em seu lugar. Mesmo que isso signifique ele não dormir alguns dias da semana. Se fosse um filho da puta qualquer, tinha me deixado na mão e nem tinha me avisado. — Roger passa a mão no meu rosto, secando as lágrimas que insistem em cair. — Tenho certeza que vocês ficarão bem. — E beija a minha testa de forma afetuosa.

Não posso mais ficar ali. O Neo tem muitas lembranças que, no momento,

quero esquecer. Nossos beijos, todas as vezes que cantei olhando para ele e, principalmente, o lugar em que nos vimos pela primeira vez — pelo menos, sem ter duas janelas nos separando.

Me despeço das meninas e vou para casa sozinha. Agora, meu apê, que tanto lutei para ter, parece triste e vazio. Até ele, que era o lugar que eu mais amava no mundo, ficou sem graça.

Assim que cruzo a porta, respiro fundo, tentando encontrar forças para ler a nova mensagem que ele deve ter escrito para mim. Sento-me na janela, mas deixo os olhos fechados. Quando finalmente os abro, vejo que o carta agora diz:

“Quer ser minha vizinha indiscreta para sempre?”

Meu coração parece que perde totalmente o compasso. E se eu estiver realmente errada e ele certo? E se o meu coração burro tiver razão? Eu amo o Henrique. Sei que ele me ama. Sei que realmente ele não fez de propósito, tentou me contar e eu não deixei. Sei que nunca senti nada assim na vida e que sou mais feliz ao lado dele. Por que eu ainda insisto em querer ficar sozinha?

Me levanto e saio de casa num impulso, antes que perca a coragem. Eu preciso falar com o Henrique e precisa ser agora. Desço pelo elevador, sentindo minhas pernas tremerem. Atravesso a rua, conto quantos andares são até a sua janela e entro em seu prédio. Subo as escadas e rezo para que eu esteja batendo na porta certa.



Minha vida tinha tudo para ser perfeita. Com Tamarindo no meu colo, tento relaxar depois de um longo dia de trabalho. Dou um longo gole da garrafa de cerveja que está em minha mão e tento organizar meus pensamentos.

Mika... É a única coisa em que consigo pensar. Parece que estou enlouquecendo. Hoje, no trabalho, estava fazendo um projeto e acabei assinando o nome errado. Coloquei o nome dela no lugar do meu. Não aguento mais isso! Esta deveria ser a melhor semana da minha vida.

Fred, apesar de sempre perguntar se eu já resolvi ir pro lado arco-íris da força, é o melhor chefe que eu podia ter pedido a Deus. Na verdade, meu chefe direto é o gerente de projetos paisagísticos, o Anthony, outro cara sensacional e que está disposto a ouvir ideias. Ou seja, como prometido na entrevista de emprego, o ambiente de trabalho na DeMarco é fantástico. Não apenas porque temos infraestrutura e máquina de Nespresso liberada, mas principalmente pela equipe, que se ajuda e se motiva.

Foi uma semana de muito aprendizado e de muita coisa nova. Tudo o que eu adoraria ter dividido com Mika. Porém, fui obrigado a fazer ligações quase que diárias para Pablo.

Meus amigos, principalmente Pablo e Vinícius, têm me ajudado bastante durante este período de fossa. Para que eu não fique em casa sozinho e lamentando o fato de estar solteiro novamente, eles fazem questão de me encontrar depois do trabalho para tomar uma cerveja. Bebi mais nessa última semana do que no ano inteiro. Pouco importa. Tudo é válido para que minha sanidade continue intacta. Pelo menos, até eu conseguir Mika de volta.

Meus cartazes parecem não fazer muito efeito. Eu tento sempre colocar mensagens novas para que ela não ache que eu desisti. Pelo contrário. Preciso que ela tenha certeza de que estou aqui, esperando por ela. Entretanto, tenho medo de estar dando tempo demais para que ela entenda o meu lado da história.

Desisto de ficar sozinho em casa, esperando que ela resolva me querer de volta, e ligo para Pablo.

— Fala aí, Henrique.

— Oi, Pablo. Tudo bem?

— Tudo sim, cara. O que você manda?

— Tá ocupado? Vamos tomar uma cerveja no bar aqui do lado? — ofereço. Meu amigo nunca recusa uma cerveja, a não ser que tenha outras coisas mais importantes esperando por ele.

Como imaginei, ele disse *sim* e prometeu me encontrar lá em meia hora. É tempo suficiente para eu tomar um banho e colocar uma roupa confortável.

Tamarindo parece deprimido com minha ausência, mas estou tentando ao máximo evitar ficar sozinho no meu apartamento. Estar aqui é lembrar de Mika. É ficar olhando para a janela, esperando ansiosamente que ela chegue em casa ou apareça para mim. E isso nunca acontece. Pior: fico imaginando se, um dia, ela aparecerá com um outro homem, que nem já fez uma vez.

Naquele dia, senti vontade de matar o desgraçado. Desta vez, levaria o plano até o fim.

Não quero pensar nesta possibilidade. Mika é minha, assim como sou dela. Queria poder estar em sua companhia, sentindo seu cheiro e beijando sua boca, quem sabe deslizando minhas mãos por seu corpo, fazendo com que ela se arrepiasse e gritasse meu nome.

Só que isso é pura ilusão. Pelo menos, neste momento.

Termino a garrafa de cerveja, que já está quente, e vou me arrumar. Antes de sair, preciso trocar o cartaz na janela.

Vinte minutos depois, estou sentado no bar, esperando por Pablo. Para fazer hora, checo minhas redes sociais. Ainda não tive coragem de mudar o status do meu Facebook. Mika nem precisou alterar o dela. Na verdade, ela não revela informações pessoais em sua página. No lugar dos relacionamentos, lê-se: “sem informações”. É a cara dela fazer isso.

Estou passeando pelo Instagram e vejo que Roger está fazendo uma *live*. Pelo dia da semana e horário, imagino o que seja. Quando me permito assistir o vídeo, percebo que minhas suspeitas estavam certas. Como normalmente faz, Roger filma parte do *show* das meninas. A banda Estrogenium tem um som muito característico. Elas estão ali, entre o *indie pop* e o *pop rock*. Suas batidas são determinadas e seu ritmo bem definido. Apesar de fazerem *covers* de bandas famosas e raramente tocarem canções originais, dá pra perceber que elas colocam o estilo da banda em cada versão. Saberia de olhos fechados que é Estrogenium tocando. Mas quando escuto Mika entrar no refrão, meu sorriso se abre de orelha a orelha.

— Do que você ri tanto? — Pablo pergunta, fazendo com que eu desvie o olhar do celular. Estava tão entretido em Mika que nem percebi que ele tinha chegado.

— Olha isso. — Viro o celular para ele e permito que meu amigo veja o que está acontecendo.

— Nossa, que merda. Mika nunca cantou tão mal assim. — Eu faço um gesto

com a cabeça, concordando com sua avaliação. Meu sorriso ainda estampado no rosto. — Sério. O que está acontecendo com ela? — ele pergunta, depois de ela ter desafinado no refrão de uma música que está cansada de tocar.

Deveria ficar chateado, preocupado, imaginando vários motivos para ela estar tão mal. Porém, sei exatamente o que ela está sentindo. Afinal, eu também estou na mesma fossa.

Isso é saudade. É querer estar perto de quem ama, mas não se permitir.

Só de saber que ela também está abalada, minhas esperanças se renovam. Ela não está com outro. Assim como eu, ela também está sofrendo. Ou seja, nada está perdido.

— Você parece o gato que comeu o canário — Pablo comenta, olhando para mim.

— Ainda não, mas em breve.

— Do que você está falando? — ele pergunta, curioso.

Quando explico minha linha de pensamento, Pablo diz que sou louco. Ao mesmo tempo, me dá razão. São tantas as coisas que se passam por minha cabeça neste momento, que nem sei o que fazer. A única coisa que tenho certeza é de que Mika ainda tem sentimentos por mim. Por mais que ela tente se manter na sua torre de gelo, não posso me permitir parar de insistir. Pelo visto, meus cartazes estão cumprindo com suas funções e não vou precisar apelar para as propagandas de “trago seu amor em três dias”.

Estou à beira do desespero. Tudo que mais quero é poder tê-la de volta ao meu lado. Tento explicar isso para Pablo, mas ele parece não entender muito bem. Na verdade, ele entende, mas não consegue ter empatia pelo meu problema, afinal, ele nunca passou por isso. Só quem teve seu amor arrancado sabe o que é. É como se uma parte sua estivesse faltando. Algumas pessoas terminam e se sentem livres. Outras, como eu, sentem como se não conseguissem respirar.

Passamos um tempo conversando e tomando umas cervejas. Mulheres tentam se aproximar da nossa mesa, mas sempre que chegam perto, eu digo que não estamos disponíveis e que, na verdade, somos um casal. Meu amigo quase me mata, mas não estou nem aí. A dívida que tenho com ele já é monstruosa. Mais um item para a lista não faz diferença. Tudo de que não preciso neste momento é outra mulher. Mika é a única que me interessa, a única que desperta o meu desejo.

— Porra, seu idiota. Tem que fazer isso? — Pablo ralha comigo, seus olhos focados na bunda da mulher que vai embora.

— Foi mal, cara, mas vai que Mika aparece e me vê com uma mulher à tiracolo? — Não quero dar chance ao azar, já tenho muita coisa com que lidar neste momento.

— Henrique, que macumba tu tá fazendo, meu irmão? — Pablo pergunta,

sobrancelhas erguidas e olhos arregalados, focados no outro lado da rua.

— Do que você está falando?

Sigo seu olhar e, de repente, meu mundo ganha cor por alguns segundos. Mika está lá, caminhando em direção à entrada de seu prédio. Sua tradicional roupa preta e seus cabelos multicoloridos. Porém, seus passos não são determinados como de normal e seu andar não carrega o rebolado sensual de sempre.

Sacudo minha cabeça negativamente. *Se, pelo menos, ela deixasse de ser cabeça-dura...*

Mika sabe exatamente o que sinto por ela. Não poupei palavras na hora de me explicar, tanto o que aconteceu quanto o que sinto. A única pergunta que me resta é: será que ela vai se permitir ser amada?

Parece uma pergunta idiota, mas não é. Mika não aceita estar vulnerável. Por isso, não se permite confiar nas pessoas. Por mais que eu queira bater no peito e dizer que nunca a magoei nem nunca vou magoar, sei que estarei mentindo. É claro que minhas atitudes causaram toda essa situação. Não nego, muito menos tento dar desculpas. Só preciso que ela entenda que eu também sou humano e também posso errar. Mas, principalmente, quero que ela tenha certeza de que nunca, jamais, farei com que ela sofra de propósito. Que sempre, em todos os momentos de minha vida, vou amá-la com tudo que tenho.

As cores vão embora assim que ela entra na portaria — e eu volto para a escuridão.

Bebo toda a minha cerveja em um só gole e apoio minha cabeça nas mãos. *Que merda.*

— O que você vai fazer? — Pablo me pergunta, mas não o encaro.

— Não sei, cara — respondo com sinceridade. Uma coisa é o que quero fazer. Isso é fácil. Quero subir até o apartamento dela, jogá-la no meu ombro, carregá-la até a cama e trepar com ela até que ela esteja gritando que me ama e que nunca mais vai me deixar. Outra coisa é a realidade. Se fosse qualquer outra pessoa, de repente minha tática daria certo. Mas estamos falando de Mika, e nada de normal se aplica a ela. Acho que é por isso que ela me tem na palma de sua mão.

— Posso ser sincero? — A pergunta de Pablo me pega desprevenido, me forçando a levantar o olhar para ele.

— Claro.

— Acho que você está sendo um idiota. — Antes que eu tente me justificar, ele ergue a mão, fazendo um sinal para que eu pare e permita que ele continue. — A mina tá magoada, triste, deprimida, pelo que podemos ver no vídeo, e você está aí, bebendo uma cerveja, pensando na morte da bezerra. Se eu fosse você, estaria tomando medidas mais drásticas.

Mal as palavras de Pablo me atingem e vejo Mika sair novamente. Ela para no

meio da calçada e olha para cima, na direção da minha janela. Com passos determinados, ela cruza a rua e entra no meu prédio.

— Aí está a sua chance — Pablo diz, fazendo um gesto com a cabeça, indicando a direção que Mika seguiu.

Não penso duas vezes. Respiro fundo e me levanto. Só que, em vez de marchar para a minha casa e para o encontro da mulher dos meus sonhos, eu vou na direção oposta.

Vamos voltar para o começo.

Entro na portaria dela, cumprimentando o porteiro que já me conhece.

— Dona Mika acabou de sair, seu Henrique.

— Sem problemas, Zé. Eu tenho a chave. Ela só foi comprar alguma coisa pra gente comer — minto e ele acena com a cabeça.

Sigo para o elevador e, finalmente, chego ao andar dela.

Um hábito que nós dois temos é de sempre deixar a porta aberta. Para mim, isso é natural. Afinal, cresci na roça, onde não há necessidade de passar a chave nem à noite. Já Mika, em toda sua confiança, diz que, se o prédio tem porteiro vinte e quatro horas, então não tem por que trancar nada.

Sem hesitar, abro a porta da casa dela, entro em seu espaço e aperto o interruptor ao lado da porta. A claridade mostra um lugar que já me é tão familiar, mas que, sem Mika, parece triste e sem vida. É apenas um apartamento. As cores não vêm dos móveis escolhidos a dedo, e sim dela. Até Nutela não tem o mesmo comportamento de sempre.

Vou para perto da janela e olho para o outro lado da rua, para onde meu cartaz está preso. Minha luz está acesa por causa de Tamarindo. Porém, não a vejo lá.

Vamos, Mika... Entre. Você sabe que minha porta está aberta. Entre.

Torço para que ela seja tão impetuosa quanto normalmente é. Enquanto isso, morro de ansiedade.

Para minha total alegria, ela parece escutar meus pensamentos. Vejo o momento em que ela entra na minha casa, sua cabeça virando de um lado para o outro, com certeza procurando por mim. Ela sai da sala e vai em direção ao meu quarto. Quando percebe que não há ninguém por lá, retorna para onde consigo vê-la.

Prendo a respiração, pois sei que, a qualquer momento, ela irá perceber que estou aqui. As janelas são muito importantes no nosso relacionamento para serem ignoradas.

Novamente, ela parece ouvir minhas preces e se vira para mim. Percebo que ela para de andar, o olhar fixo onde estou. Quando, finalmente, ela se aproxima da vidraça, metade do seu corpo está escondido pelo cartaz. Aponto para ele e ela olha para baixo. Faço um sinal para que ela o remova e Mika me obedece. É incrível como, da janela, ela me permite guiar a relação.

Não há mais nada impedindo minha visão. Me posiciono bem no meio do espaço aberto e, lentamente, começo a remover minhas roupas. Peça por peça. Começo pela camiseta branca. Depois, o chinelo, a bermuda e, por fim, minha cueca.

A expectativa é grande e, só de pensar que ela pode aceitar minha oferta, já começo a ficar excitado. Começo a acariciar meu peito, subindo e descendo a mão pelo meu abdômen, sonhando em poder fazer o mesmo com ela.

Após um tempo apenas me observando, Mika parece tomar sua decisão. Ela começa removendo as botas que vão até o joelho. No braço do sofá, ela apoia uma perna de cada vez, permitindo que eu a veja. Quando finalmente se livra das botas, Mika desabotoa seu *minishorts*, rebolando enquanto o remove. Mesmo de longe, posso ver seu quadril largo e suas penas grossas, que adoraria que estivessem ao redor da minha cabeça enquanto eu a chupo. Minha fome é tanta que passaria horas ali, desenhando o alfabeto com a língua e brincando com seu clitóris até ela implorar para que eu parasse. Só de imaginar, já fico com água na boca e meu pau ganha vida.

Mika não para seu *striptease*. Suas mãos encontram a barra de sua blusa preta e a sobe lentamente, expondo sua pele clara e macia. Imagino que estou passando minha língua em torno de seu umbigo enquanto Mika se contorce embaixo de mim. Quando ela termina de remover a peça, percebo que ela usa apenas um conjunto de calcinha e sutiã da mesma cor, vermelhos.

Solto um grunhido frustrado, me batendo mentalmente por ter tido a ideia de vir para cá em vez de ir ao encontro dela.

Quando Mika se vira de costas, exibindo sua bunda deliciosa, preciso fechar os olhos para segurar a vontade de me tocar. Mas não consigo mantê-los fechados, afinal, preciso ver o meu presente. Mika coloca ambas as mãos atrás, abrindo o fecho do sutiã. Porém, não se vira para mim. A filha da puta quer me torturar. Ela levanta os cabelos e começa a dançar sensualmente ao som de uma música imaginária — e eu fico aqui, vidrado, perdido, completamente hipnotizado pelos movimentos que ela faz.

Meu tesão é tanto que posso sentir uma gota escorrer da ponta do meu pau, indicando que estou mais do que pronto para estar dentro dela. Mas este é o meu castigo, a minha punição por ter feito com que ela sofresse.

Do outro lado da janela, observo a mulher da minha vida me seduzir.

Depois de muita tortura, ela se volta para mim, exibindo seus lindos seios. Meu sonho de foder aqueles peitos só aumenta. Meu pau treme de tão duro que está, mas Mika não desiste. Ela se toca, acariciando toda a extensão entre seu pescoço e seu ventre, nunca se aproximando da região onde eu gostaria de me enfiar.

Desisto dessa brincadeira e tomo minha ereção em uma mão e apoiando a outra

na janela. Quando Mika percebe o que estou fazendo, vejo um sorriso tomar seu rosto. Esta é toda a recompensa de que preciso. Foda-se o orgasmo, foda-se o sexo, foda-se o mundo. Se Mika está sorrindo, então tudo está bem.

Ela deixa suas mãos passearem para mais baixo, escondendo uma delas entre suas pernas. Quando ela finalmente se toca, sua cabeça vai para trás. A outra mão brinca com um mamilo enquanto ela permite que seus dedos deslizem por sua umidade.

Tomado pelo momento, começo a me estimular. Seguro meu pau com uma mão, fazendo mais força do que deveria para tentar atrasar meu orgasmo. Mika olha para mim, e vejo que seus movimentos estão ficando mais rápidos. Ela está desesperada e, assim como eu, precisando da libertação.

Deixo minha mão ganhar um ritmo mais acelerado, subindo e descendo por minha extensão. Minha respiração é ofegante e consigo sentir minhas bolas se contraírem. Meu orgasmo está perto, mas, antes de mais nada, quero que ela saiba exatamente como me sinto. Quando finalmente o clímax chega para mim, em vez de gemer, eu grito:

— Mika, te amo!

Logo após minha declaração, escuto ela dar um grito. Aquele que diz que ela está gozando.

Depois, somos tomados pelo silêncio da noite. Estamos longe e não temos como dizer o que estamos pensando e sentindo. Mas não importa. Olho para os lados, em busca de alguma coisa que possa me ajudar e encontro algo perfeito. Na mesa perto da poltrona vermelha estão algumas canetinhas e cartolinas, provavelmente as que ela usou para escrever a placa onde disse me odiar. Não mais, Mika. Esse sentimento nunca mais estará entre nós.

Rapidamente, escrevo as palavras que quero e volto para a janela. Seguro a nova placa e deixo que ela leia o que está escrito.

“Me perdoa?”

Ela sacode a cabeça negativamente e começa a andar pela sala do meu apartamento. Fico apreensivo, pensando em todas as possibilidades. Será que, mesmo após o que acabamos de fazer, ela seria capaz de virar as costas para o nosso relacionamento? *É a Mika, penso, claro que seria.* Só espero que ela deixe as dúvidas de lado e se concentre naquilo que eu tentei mostrar para ela ao longo desses meses que ficamos juntos.

Em pouco tempo, ela volta para a posição em que estava e vejo que, assim como eu, ela carrega um cartaz. Meu coração quase sai pela boca, já esperando um “não” como resposta.

“Só não faça de novo.”

Não consigo evitar o sorriso idiota que toma conta do meu rosto ao ver que

estava errado. Quero pular, gritar e, principalmente, abraçar aquela mulher. Com pressa, viro a cartolina e escrevo do outro lado mais uma mensagem. Desta vez, um pouco menos ansioso, mas nem por isso calmo.

“Quer ser minha?”

Ela repete meus movimentos. Vira o papel e começa a rabiscar algo. Depois, me mostra o que escreveu.

“Só se for para sempre.”

Ainda bem que estou sozinho e ninguém pode ver a minha cara de louco apaixonado. Mika realmente mexeu comigo. Uma mulher que parece tão distante, mas, ao mesmo tempo, se deixa chegar tão perto. Não fala muito, nem expõe tudo o que sente, mas nunca hesita em falar o que pensa. Sucinta, direta ao ponto e determinada. Esta é a mulher que eu escolhi para mim. Embaixo de toda aquela fortaleza, há uma menina doce, que só quer ser amada e poder confiar cegamente em alguém.

Olhamos um para o outro, ambos segurando as placas e ansiosos para o que vai acontecer em seguida. Assim como as coisas começaram e se destruíram, sinto que, desta vez, teremos nossa nova chance. Sem mentiras, sem reservas. A janela entre nós estará sempre aberta. Em breve, correrei para o meu apartamento, onde a amarei com tudo que tenho, mas, neste momento, me permito ser novamente apenas seu vizinho indiscreto.



Agradecimentos



Escrever esta parte é sempre complicada. Não por falta de gente para agradecer, mas por medo de esquecer alguém importante. Quando em dupla, as coisas ficam ainda mais difíceis.

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer uma a outra. Escrever em parceria é complicado, precisa de sintonia e muita paciência. Por isso, agradeço a você, minha dupla na escrita, por ter me aturado e complementado durante este desafio.

Depois, gostaríamos de agradecer à nossa linda revisora e amiga, Andreia Evaristo. Obrigada pelos comentários, broncas e dicas. Adoramos ter você fazendo parte desta nossa loucura.

Rê Moreira, obrigada por ser nossa beta. Mesmo não escrevendo, você faz parte do nosso trio.

Às meninas do SSRL – PTM. Nosso grupo é lindo e o apoio de vocês é muito importante. Obrigada pelas conversas, risadas e trocas de ideias.

Por falar em apoio, não podemos esquecer das nossas famílias. Que, mesmo estando em quase último lugar na lista, estão sempre em primeiro lugar nas nossas vidas. Obrigada por tudo.

À banda Halestorm, por ter gravado a música I Get Off, que deu início a isso tudo.

Aos nossos leitores, muito, muito, muito, muito obrigada! O que seria de duas escritoras sem os leitores lindos e maravilhosos? Esperamos ter agradado a todos com esta história e desejamos uma Mika ou um Henrique (depende da preferência) na vida de vocês.

E não esqueçam, deixem sempre a janela aberta. Nunca sabemos o que pode entrar.



Sobre Luísa Aranha



Luísa Aranha é jornalista, blogueira e escritora. Vive mudando constantemente de cidade. Natural de Porto Alegre/RS, tem o chimarrão como seu companheiro inseparável nas horas de trabalho. Atualmente reside em Manaus/AM.

Escrever para ela é tão natural quanto respirar. Faz parte de sua vida desde que foi alfabetizada. Antes disso, já era uma contadora de histórias, inventando brincadeiras, teatros e diálogos com suas bonecas. Seu autor preferido é Gabriel Garcia Marquez e o livro que lhe inspira a contar histórias do cotidiano é Feliz Ano Velho de Marcelo Rubens Paiva.

O blog Causos & Prosas, que teve sua primeira postagem em 2009, foi uma forma, inicialmente, de expressar seus sentimentos e se manter próxima dos amigos distantes. Ele tem um pouco de tudo: contos, crônicas, poesia, desabafos, cartas, opiniões e assuntos do cotidiano. A escrita de Luísa fala de sentimentos, realidades e, em sua maioria, serve para que o leitor reflita e se sinta tocado de alguma forma pelas palavras. Transformando sentimentos em palavras, com ironia e bom humor, para conversar com o leitor.

É autora de [Amar só se ama uma vez...](#), [Noites de Verão](#), da [Duologia Amor & Sexo](#) e da comédia romântica, lançada pela Editorial Hope, [Valeu, Universo!](#). Organizou a antologia de contos [Isso também é preconceito!](#) Em 2017 foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura, com o chiklit ainda inédito, Todas as bocas que beijei (ou sonhei). Todos disponíveis em www.causoseprosas.com.br.

Você também pode encontrar Luísa nas redes sociais:

[Facebook - Perfil da autora](#)

[Faecebook - Fanpage do blog](#)

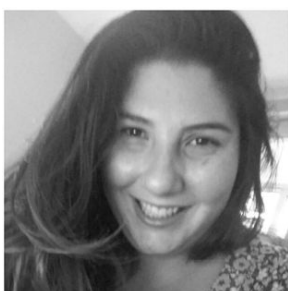
[Facebook - Grupo de leitores](#)

[Instagram](#)

[Twitter](#)



Sobre Mari Monni



Escritora, revisora e tradutora, Mari Monni recentemente deixou sua vida de professora para se dedicar às palavras escritas em vez das faladas. Nascida no Rio, mas apaixonada pela vida no interior, é mãe solo de uma filha princesa e de um filho canino.

Aprendeu que os livros podem ser bons companheiros em tempos difíceis e brinca que seu Kindle é seu melhor amigo. Apaixonada por histórias de romance, sejam elas clássicas ou new adult, está sempre em busca de um novo crush literário.

Em 2017, criou coragem para correr atrás do seu sonho e lançou sua primeira obra. Desde então, não para de escrever histórias com humor, sexo e finais felizes.

Jura que é uma pessoa legal e adora conhecer gente nova. Não tem paciência para frescuras e é viciada em café, coca cola, livros e sorrisos.

Autora de [Uma chance para amar](#) e [Deixa-me te amar](#). Organizadora da Antologia Contos para gozar sozinha e do livro ainda inédito Nunca me apaixonei.

Você também pode encontrar Mari nas redes sociais:

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Fanpage](#)

Table of Contents

[CAPA](#)

[Folha de Rosto](#)

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre Luísa Aranha](#)

[Sobre Mari Monni](#)